

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Lívea Pereira Colares da Silva

Trilha das letras no Pará: o caminho percorrido pela literatura no
jornalismo paraense

BELÉM- PARÁ
2016

Lívea Pereira Colares da Silva

Trilha das letras no Pará: o caminho percorrido pela literatura no
jornalismo paraense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação. Área de concentração: Comunicação. Linha de Pesquisa: Estratégias de Comunicação Midiática na Amazônia.

Orientador(a): Profa. Dra. Netília Silva dos Anjos Seixas

BELÉM-PARÁ
2016

Lívea Pereira Colares da Silva

Trilha das letras no Pará: o caminho percorrido pela literatura no
jornalismo paraense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação. Área de concentração: Comunicação. Linha de Pesquisa: Estratégias de Comunicação Midiática na Amazônia.

Orientador(a): Netília Silva dos Anjos Seixas

RESULTADO: () APROVADO () REPROVADO

Data: 14/03/2016

Profa Dra Netília Silva dos Anjos Seixas - Orientadora (PPGCOM – UFPA)

Profa Dra Jane Aparecida Marques – Examinadora Interna (PPGCOM – UFPA)

Profa Dra Aline do Amaral Garcia Strelow – Examinadora Externa (FABICO - UFRGS)

BELÉM-PARÁ
2016

AGRADECIMENTOS

Fazer esse mestrado na Universidade Federal do Pará é a realização de um sonho pra mim. Um sonho que me exigiu muito estudo, dedicação e trabalho e pelo qual tive que abrir mão de algumas coisas. Um sonho que também me trouxe muitas alegrias, conquistas e amizades e no qual tive que insistir um pouco, porque sabia que valeria a pena, e valeu! Porque apesar de todo o esforço e trabalho que exigiu, eu sabia que estava lá por escolha própria, eu sabia que estava estudando por duas grandes paixões: o jornalismo e a literatura e eu sabia que era um passo adiante na minha vida acadêmica. Mas passar por esses dois anos de mestrado não foi tarefa das mais fáceis e não seria possível sem a ajuda de pessoas muito importantes nessa caminhada.

Em primeiro lugar agradeço à Deus, pelas bênçãos na minha vida, que definem quem eu sou. Por Ele sempre iluminar o melhor caminho e me dar força e coragem para não desistir diante às adversidades.

Agradeço aos meus pais, Antonio e Nadelza, por serem tão maravilhosos, por me apoiarem em todas as minhas decisões e me incentivarem a alçar voos cada vez mais altos, e pelo conforto e segurança que partem deles e me deixam mais forte. Agradeço também ao meu irmão e melhor amigo, Gabriel, que deixa os meus dias mais leves e me fez rir até nos momentos mais desesperados desse mestrado, obrigada por também me incentivar e não me deixar recuar.

Agradeço a toda a minha família, tios, tias e primos e primas, que celebraram comigo o ingresso no mestrado, me congratularam e que torceram para que eu chegasse até aqui, sempre perguntando sobre o andamento do trabalho e me apoiando. Aproveito para agradecer especialmente às minhas primas Renata, Rafaela, Luciana, Sthephany e Letícia, minhas amigas e irmãs de coração, que fazem minha vida mais divertida e que me apoiam em tudo.

Agradeço às minhas companheiras acadêmicas Monique, Lucimery, Raíssa e Lorena, por terem deixado esse mestrado muito mais fácil, leve e feliz, com risadas, conversas, grupos de estudo e apoio mútuo. São amigas que o mestrado me deu de presente e que eu quero preservar para a vida toda. Aliás, agradeço a toda a turma que compartilhou essa experiência comigo, mais uma vez Deus só colocou pessoas boas no meu caminho.

Agradeço a todos os professores do Programa, cada um contribuiu de forma rica e particular neste trabalho final. Em especial à professora Jane Marques, que me ajudou muito com a metodologia, respondendo minhas dúvidas não só durante a sua disciplina.

Agradeço também à minha prima de coração, Mariane, que me ajudou a conseguir a ferramenta que seria a base da minha pesquisa e que também me ajudou a usá-la, se propondo a descobrir junto comigo como fazer isso. Obrigada pela disponibilidade em me ajudar.

Agradeço à equipe da Biblioteca Pública Arthur Vianna pela gentileza, eficiência e por me proporcionar usar deste vasto acervo sem o qual a minha pesquisa não seria possível.

Por fim, agradeço a minha orientadora, Netília, por embarcar junto comigo neste estudo. Obrigada por ser exigente, por acreditar em mim e por me fazer enxergar novos caminhos para esta pesquisa. Obrigada pelos ensinamentos durante as orientações e no Estágio Docência e por ser um exemplo de profissional que tem paixão pelo que faz.

Muito obrigada a todos, se cheguei até aqui foi por contribuição de cada um de vocês!

O que a literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo no meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor.

William Faulkner

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo entender de que forma os jornais paraenses Folha do Norte (1896 – 1974) e O Liberal (1946 – atual) atuaram na cobertura de temas do universo literário, sejam eles nacionais ou regionais. A partir da Análise de Conteúdo, a pesquisa, de cunho exploratório, envolveu 110 anos de produção jornalística desses periódicos, desde 1896 até 2006, com recortes de dez em dez anos, nos meses de janeiro e julho. Para a análise, foi utilizado um protocolo com categorias relativas à temática literária e ao fazer jornalístico, a fim de possibilitar a captura de dados nas edições a serem analisadas e permitir que se entendesse melhor a atuação dos jornais. A procedência da obra é um dos focos da pesquisa, ao lado dos recursos utilizados pela imprensa para tratar dos assuntos do cotidiano. Foram analisadas 175 edições da Folha do Norte e 189 edições de O Liberal. O levantamento deu origem a um *corpus* composto por 588 textos jornalísticos sobre literatura, sendo 201 publicados pela Folha do Norte e 387 por O Liberal. Esses textos passaram por um processo de codificação a partir da aplicação do protocolo. Logo após, os dados gerados foram interpretados e contextualizados, tendo como base o histórico dos períodos analisados. Os contextos foram compreendidos a partir dos estudos realizados por autores como Geraldo Mártires Coelho e Vicente Salles, no âmbito regional, e Nelson Werneck Sodré e Marialva Barbosa, no panorama nacional. Para interpretar os aspectos ligados ao fazer jornalístico, como a noção de acontecimento e os gêneros utilizados pela imprensa, a pesquisa teve como base os estudos de autores como Adriano Duarte Rodrigues, Jorge Pedro Sousa, Nelson Traquina, Mauro Wolf e José Marques de Melo. A intenção foi compreender o que é pauta e valor-notícia quando se trata de cobrir assuntos literários e perceber como isso se dá, que formatos e gêneros são mais empregados e o que eles dizem a respeito da importância dada à literatura, pela imprensa. A justificativa para este estudo consiste em entender um aspecto da história da imprensa paraense ainda pouco explorado, a sua relação com a literatura ao longo do tempo, tendo em vista a escassa produção acadêmica com abordagem longitudinal, como este mapeamento.

Palavras-chave: Jornalismo; Literatura; Jornal Folha do Norte; Jornal O Liberal; Pará; Amazônia.

ABSTRACT

This study wants to understand how the newspapers Folha do Norte (1896 - 1974) and O Liberal (1946 - present) make their journalistic coverage about the national and regional literature. The research is a Content Analysis, an exploratory analyze on 110 years of journalistic production of these journals, from 1896 until 2006, with cutouts for ten years, and only in January and July. For the analysis, we used a protocol with the items that will help to understand how the newspapers works. That analysis will observe the origin of the books and the way how journalism acts in the routine. The survey resulted in a corpus of 588 newspaper articles about literature, and 201 published by Folha do Norte and 387 belonging to the Liberal. The protocol resulted in datas, this datas was analyzed by the historical context of the periods studied. These contexts were understood from the studies by authors such as Geraldo Martires Coelho, Vicente Salles, Nelson Werneck Sodre and Marialva Barbosa. To interpret the aspects of the journalism, such as the notion of event and genres used by the press, the research brings the study authors as Adriano Duarte Rodrigues, Jorge Pedro Sousa, Nelson Traquina, Mauro Wolf and José Marques de Melo. The intention is to understand what is the agenda and news-value when it comes to covering literary subjects and understand how this happens, what formats and genres are more used and what they say about the importance given to literature, by the press. The relevance of this study is to understand an aspect of the history of Pará press that isn't explored yet: its relationship with literature.

Keywords: Journalism; Literature; Folha do Norte newspaper; O Liberal newspaper; Pará; Amazon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Periódicos literários do Pará no período de 1822 a 1985.	36
Quadro 2: Categorias do Protocolo usado na pesquisa.....	54
Tabela 1: Colunas publicadas na Folha do Norte.	77
Tabela 2: Colunas publicadas em O Liberal.....	78
Tabela 3: Seções publicadas na Folha do Norte.	78
Tabela 4: Seções publicadas em O Liberal.....	79
Imagem 1: Folha do Norte, 30 de janeiro de 1896, p. 1.	26
Imagem 2: Suplemento Arte Literatura - 14 de janeiro de 1951, p. 1.	29
Imagem 3: O Liberal, 15 novembro 1946, capa.	31
Imagem 4: Chamada de primeira página em O Liberal, 10 de julho de 1996.	73
Imagem 5: Box da matéria “Mergulho no mundo de Jorge Amado”	81
Imagem 6: Notícia sobre a festa de lançamento de um livro.....	105
Imagem 7: Notícia sobre Mário Quintana –	109
Imagem 8: Anúncio publicitário da Livraria França-Folha do Norte. 05 de janeiro de 1906.....	111
Imagem 9: Notícia sobre a proibição de um livro	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de textos jornalísticos analisados na Folha do Norte e em O Liberal	61
Gráfico 2: No. de textos dos jornais Folha do Norte, em janeiro/julho, por década,	62
Gráfico 3: No. de textos da Folha do Norte e de O Liberal por dia da semana.	65
Gráfico 4: No. de textos publicados aos domingos na Folha do Norte e em O Liberal,	66
Gráfico 5: Publicação por página na Folha do Norte em janeiro/julho, por década.	67
Gráfico 6: Publicação por página em O Liberal, em janeiro/julho, por década	68
Gráfico 7: Publicação por página na Folha do Norte e em O Liberal, em janeiro e julho, por dia da semana.	69
Gráfico 8: No. de textos nos jornais Folha do Norte e O Liberal por tamanho.	70
Gráfico 9: Assinatura dos textos nos jornais Folha do Norte e O Liberal por década.	71
Gráfico 10: Textos assinados na Folha do Norte e em O Liberal.	72
Gráfico 11: No. de textos publicados integralmente na.	74
Gráfico 12: No. de textos por caderno, na Folha do Norte e em O Liberal.	77
Gráfico 13: No. de fotografias por cena fotografada, na Folha do Norte e em O Liberal.	82
Gráfico 14: Natureza do tratamento dado aos textos jornalísticos sobre literatura,	84
Gráfico 15: País de procedência da obra mencionada, na Folha do Norte e em O Liberal.	86
Gráfico 16: Estado brasileiro de procedência da obra, na Folha do Norte e em O Liberal.	87
Gráfico 17: Tema da obra, na Folha do Norte e em O Liberal.	88
Gráfico 18: No. de textos sobre obras paraenses sobre o Pará, em janeiro/julho,	89
Gráfico 19: Gêneros jornalísticos na Folha do Norte e em O Liberal, em janeiro/julho, por década.	92
Gráfico 20: Gêneros jornalísticos na Folha do Norte e em O Liberal.	94
Gráfico 21: No. de textos por formato, na Folha do Norte e em O Liberal.	98
Gráfico 22: Uso dos formatos, na Folha do Norte e em O Liberal.	99
Gráfico 23: Uso dos formatos Notícia e Resenha/Crítica pela Folha do Norte e O Liberal, em janeiro/julho,	100
Gráfico 24: No. de textos sobre lançamentos de livros na Folha do Norte e em O Liberal, ..	102
Gráfico 25: Lançamento de livro na Folha do Norte, em janeiro/julho, por década.	103
Gráfico 26: Lançamento de livro em O Liberal, em janeiro/julho, por década.	104
Gráfico 27: No. de textos sobre evento literário na Folha do Norte e em O Liberal,	105
Gráfico 28: No. de textos com menções a obras em O Liberal, em janeiro/julho, por década.	107
Gráfico 29: No. de textos com menções a obras na Folha do Norte, em janeiro/julho,	108
Gráfico 30: No. de textos com menções a escritores na Folha do Norte e em O Liberal,	110
Gráfico 31: Tipo de obra, na Folha do Norte e em O Liberal.	112

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - JORNALISMO E LITERATURA	16
1.1 O surgimento da imprensa no Brasil	16
1.2 O Paraense: do começo ao conturbado fim	20
1.3 Breve histórico da imprensa paraense	24
1.4 Folha do Norte: marco na imprensa e na vida literária paraense	26
1.5 O Liberal: 69 anos de história	30
1.6 A literatura como berço do jornalismo	33
1.7 Jornais literários do Pará	36
1.8 A movimentação literária no Pará dos séculos XIX e XX	40
CAPÍTULO 2 - CONSTRUINDO UM MAPA RUMO AOS RESULTADOS	44
2.1 Metodologia – A Análise de Conteúdo	44
2.2 A definição do <i>corpus</i> de análise	45
2.3 O protocolo de análise	48
2.4 A codificação	58
CAPÍTULO 3 - MAPEAMENTO DA COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE LITERATURA	60
3.1 O <i>corpus</i> de análise	60
3.2 A importância da literatura para os jornais estudados	63
3.3 Recursos visuais	80
3.4 Quando o jornal toma uma posição	83
3.5 Sobre livros paraenses	84
3.6 Gêneros	89
3.7 Formatos	94
CAPÍTULO 4 - O ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO NA LITERATURA	101
4.1 Mapeamento da pauta literária nos jornais O Liberal e Folha do Norte	101
4.2 A notícia e os seus valores	113
4.3 O acontecimento	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	132
APÊNDICE	138

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propôs a observar os passos dados pela imprensa paraense na cobertura jornalística sobre literatura, mais especificamente, como os jornais Folha do Norte (1896 – 1974) e O Liberal (1946 – atual) apresentaram informações do cenário literário regional, nacional e internacional. Verificou-se como a cobertura de assuntos literários tem sido pautada e com que profundidade o tema foi tratado nos jornais, identificando também os formatos e gêneros jornalísticos mais utilizados pelos jornais.

O interesse era identificar como a literatura foi tratada, bem como o espaço dado ao que é propriamente paraense, levando sempre em conta o contexto histórico dos períodos analisados e entendendo que a produção e o consumo de literatura, no Brasil e no Pará, passaram por diversas fases, tendo a imprensa um papel muito importante na difusão dessa produção, seja como veículo de divulgação e crítica de obras, recorrente nos primeiros jornais, seja como fonte de informação acerca da literatura, por meio de notícias, reportagens ou entrevistas, dentre outros formatos.

O viés comunicacional desta pesquisa não pode ser justificado somente pelo estudo de jornais. Como será visto mais adiante, os valores-notícia que guiam a cobertura jornalística refletem os valores e os padrões de conduta que regem a sociedade (SODRÉ, M., 2012), logo, o que sai nos jornais é não só o que o jornal julgou como de interesse geral, mas também uma resposta ao que o público considera importante. O conteúdo veiculado pelo jornal, portanto, é fruto da interação entre mídia e sociedade, sendo por isso construído conjuntamente, e é justamente a interação que fundamenta a comunicação (FRANÇA, 2008). Procurar compreender como se dá a cobertura jornalística sobre um determinado tema, neste caso, a literatura, é também procurar entender a relação entre mídia e sociedade.

Para compreender e interpretar os dados gerados pela pesquisa, foi preciso um contexto histórico dos períodos estudados, seja no que diz respeito à literatura, seja na questão do jornalismo. Para isso, usamos como base autores como Geraldo Mártires Coelho e Vicente Salles, no âmbito regional, e Nelson Werneck Sodré e Marialva Barbosa, no panorama nacional. Quanto à análise da cobertura jornalística, autores como Adriano Duarte Rodrigues, Jorge Pedro Sousa, Nelson Traquina, Mauro Wolf, José Marques de Melo e Muniz Sodré deram suporte para compreender como funciona o jornal, permitindo interpretar a importância que o periódico confere às notícias de determinados temas.

Nesse sentido, buscou-se compreender, sobretudo, a noção de acontecimento para a pauta literária da Folha do Norte e de O Liberal e como os gêneros e formatos jornalísticos foram usados na cobertura empreendida por eles. Levando-se em conta a reforma gráfica dos jornais e o contexto histórico, também procurou-se identificar as possíveis mudanças pelas quais esses aspectos passaram ao longo do tempo.

Esta pesquisa procurou contribuir para a observação da relação dos jornais com a literatura, que esteve presente nos periódicos não só em forma de poemas e folhetins, mas também por meio de textos factuais e não factuais. Este é um dos aspectos da história da imprensa paraense ainda pouco estudado do ponto de vista da comunicação, por isso, o que este estudo buscou foi colaborar com dados que pudessem compor um mapeamento da cobertura da imprensa sobre literatura e, assim, dar embasamento para a exploração de outros caminhos dentro dessa relação.

A partir do método de Análise de Conteúdo, a pesquisa, de cunho exploratório, investigou a produção jornalística sobre literatura dos jornais selecionados, em um período que vai de 1896 a 2006, totalizando 110 anos, dos quais foram observados os meses de janeiro e julho, de dez em dez anos. A análise foi feita por meio de um protocolo¹ construído para esta pesquisa, procurando explorar ao máximo os aspectos pertinentes aos fins deste estudo.

Inicialmente, foi feito um levantamento com vistas a mapear a presença de materiais jornalísticos sobre literatura em ambos os periódicos, permitindo, assim, com a ajuda de critérios que serão detalhados mais adiante, selecionar os textos que seriam analisados. Após uma categorização, realizada a partir do protocolo, foram gerados dados que, interpretados à luz dos autores citados, permitiram traçar um perfil da cobertura jornalística de temas literários dos jornais Folha do Norte e O Liberal.

O interesse por esta vertente de estudo surgiu de uma observação inicial sobre a presença de elementos literários em jornais do Pará publicados na atualidade. A partir dessa observação e do processo de orientação, o interesse passou a ser entender como era a relação entre jornalismo e literatura ao longo do tempo no jornalismo paraense, de forma a contribuir

¹ O protocolo proposto foi elaborado com base nos protocolos produzidos por Silva e Maia (2011) e por Carvalho (2013), que, por sua vez, seguiu o protocolo proposto em MASSARANI, Luisa; RAMALHO, Marina (Org.) Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana. Rio de Janeiro: Museu da vida/ Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz: Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), 2012, p. 11-14.

para os estudos do Projeto de Pesquisa A Trajetória da Imprensa no Pará.² Tendo em vista que tanto a literatura como o jornalismo passaram por várias fases ao longo dos anos, buscou-se compreender se a relação de ambos também acompanhou essas mudanças.

Sobre a literatura, S. Souza (2008) explica que ter um livro em mãos na segunda metade do século XVIII no Brasil não era tarefa das mais fáceis, ainda assim, havia circulação de livros no país, além de um mercado livreiro. No entanto, como a atividade tipográfica não era permitida nessa época, para adquirir uma obra era necessário submeter pedidos de autorização para envios, enfrentar o trâmite para aprovação da importação e esperar a liberação das caixas na alfândega, arcando ainda com as taxas que esse processo envolvia (SOUZA, S., 2008).

A situação só melhorou quando a Família Real portuguesa pisou em terras brasileiras. Segundo S. Souza (2008), quando D. João e sua Corte se mudaram para o Brasil, em 1808, trouxeram consigo prelos que deram origem à fundação da Imprensa Régia do Rio de Janeiro, no dia 13 de maio de 1808. Com isso, veio também a oportunidade de impressão de outros documentos além dos decretos reais, abrindo as portas, inclusive, para obras literárias.

A permissão expressa nesse decreto cedeu espaço, ainda, para os luso-brasileiros interessados em imprimir composições e traduções de obras de Belas-Letras, como poemas, peças de teatro e livros em prosa de ficção. No total, de acordo com pesquisadores que até o momento trataram dessa oficina tipográfica, 1.429 obras diversas foram publicadas no período (SOUZA, S., 2008, p. 25).

A dinâmica do mercado editorial mudou muito desde então, bem como a realidade vivenciada pela sociedade em muitos aspectos, mas o interesse por livros não é algo que está presente apenas no passado do nosso país. Se, no início do século XIX, apenas com a Imprensa Régia do Rio de Janeiro, foram publicados 1.429 títulos (SOUZA, S., 2008), atualmente, no século XXI, as possibilidades de publicar se estenderam largamente devido a um aumento no número de editoras em operação no país, além das possibilidades que a internet oferece de publicação *online*.

Dados de uma pesquisa realizada desde 1990 pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) revelam que em 2014 foram produzidos 60.829 títulos, sendo que 435.690.157 exemplares foram vendidos. Números que cresceram consideravelmente, quando comparados à produção de 1990, quando foram produzidos 22.479 títulos e vendidos 212.206.449 exemplares. Outro fator diferenciado da contemporaneidade em relação aos séculos passados

² Projeto apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Edital Universal MCT/CNPq no. 14/2012, desenvolvido na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará.

é a circulação de livros digitais. Segundo dados do SNEL, foram 1.213.062 unidades de conteúdo digital vendidas em 2014.

Percebe-se que os números sobre a produção e venda de livros no Brasil são expressivos e aumentaram ao longo das décadas dos séculos XX e XXI. O que este estudo procura entender é se isso se reflete diretamente na cobertura dos jornais, no que diz respeito a pautas literárias, principalmente no aspecto regional. De modo geral, a pesquisa exploratória por décadas permitiu perceber que, nos primeiros jornais, a literatura figurava em folhetins, contos e poemas; em um segundo momento, deu-se lugar às críticas literárias, em um jornalismo mais opinativo e, por fim, em um terceiro momento, chegou-se à literatura como notícia e pauta dos jornais contemporâneos, em uma cobertura cotidiana que, embora tenha crescido em número, diminuiu em análise e aprofundamento.

Para compreender os dados e interpretações desta pesquisa, é preciso conhecer o contexto histórico e cultural do período analisado e os caminhos metodológicos seguidos durante o estudo. O Capítulo 1 traz informações sobre o contexto histórico do surgimento da imprensa nacional e regional, desde o nascimento do primeiro jornal, passando pelos periódicos de maior destaque para o estado do Pará, até chegar àqueles analisados por esta pesquisa. O capítulo também faz um levantamento do cenário literário da época em que os jornais começaram a dar seus primeiros passos, mostrando como jornalismo e literatura tiveram uma estreita ligação que influenciaria no desenvolvimento da imprensa.

No Capítulo 2, a metodologia de pesquisa é detalhada, a partir da definição do conceito da Análise de Conteúdo e de seus recursos. Procura-se, ainda, explicar como se chegou à definição do *corpus*, relatando as várias fases e dificuldades pelas quais a pesquisa passou para estabelecer seus elementos constituintes, inclusive o protocolo de análise, com suas categorias devidamente justificadas, sempre tendo em vista a finalidade principal da pesquisa.

Os Capítulos 3 e 4 trazem os dados gerados pela categorização, com o auxílio de gráficos e estatísticas que permitem visualizar os resultados. No Capítulo 3 busca-se interpretar os dados à luz das teorias e conceitos que guiam o fazer jornalístico. Aspectos da cobertura jornalística são analisados, sempre levando em consideração como cada dado se comportou em cada jornal e nos anos analisados e tendo sempre em vista compreender como essa cobertura foi feita e, a partir disso, qual a importância da literatura para os jornais estudados.

Em seguida, o Capítulo 4 apresenta uma discussão da pauta literária que compõe os periódicos Folha do Norte e O Liberal. No que diz respeito à produção jornalística, são explorados conceitos como acontecimento, a partir de Charaudeau e Muniz Sodré, valor-notícia, com base em Adriano Duarte Rodrigues, e gêneros e formatos, à luz de José Marques de Melo, na intenção de entender o que é acontecimento literário para os jornais, ou seja, o que, no cenário literário, é capaz de gerar notícia para os jornais.

A pesquisa abarcou 110 anos de história e produção jornalística, na intenção de compreender e mapear um período da cobertura jornalística de temas literários, no Pará, tendo em mente que a conjuntura atual difere da de séculos atrás, no sentido literário e no jornalístico.

CAPÍTULO 1 - JORNALISMO E LITERATURA

Esta pesquisa se propôs a fazer um mapeamento da pauta literária nos jornais, construindo assim um perfil da cobertura jornalística sobre literatura nos periódicos Folha do Norte e O Liberal. Por se tratar de um estudo longitudinal que abarca um grande período de tempo, os jornais refletem momentos históricos e sociais distintos, que precisam ser compreendidos para que a análise dos dados gerados seja realizada. Além disso, deve-se levar em conta que os periódicos estudados apresentam linhas editoriais distintas entre si e que passaram por mudanças do decorrer dos anos.

Neste capítulo, a proposta é traçar um breve histórico do primeiro jornal paraense e de alguns periódicos que mais se destacaram na trajetória da imprensa de Belém, até chegar à Folha e a O Liberal, que compõem o *corpus* deste estudo e também serão apresentados ao longo deste capítulo. Logo depois, discutir-se-á a relação entre literatura e jornalismo, tanto no âmbito nacional quanto regional. Por fim, será possível conhecer um pouco mais sobre o panorama literário do Pará nos séculos XIX, XX e XXI.

1.1 O surgimento da imprensa no Brasil

No ano de 1808 a imprensa começou a ensaiar os primeiros passos em solo brasileiro. Desde então, já se passaram 207 anos. Apesar de parecer muito tempo, autores como W. Sodré (1966) e Bahia (1990) consideram o Brasil como atrasado quando a questão passa a ser olhada de um panorama mundial. Segundo Bahia, “  sob o signo do oficialismo com atraso de tr s séculos que se inaugura a imprensa no Brasil, em 1808” (BAHIA, 1990, p. 09).

Para W. Sodré (1966), uma série de fatores contribuiu para o atraso da imprensa brasileira, dentre eles, as condi es coloniais adversas: “A etapa econ mica e social atravessada pela colônia não gerava as exigências necessárias   instala o da imprensa” (SODRÉ, W., 1966, p. 19-20). Soma-se a isso a necessidade que a Corte tinha de manter a colônia imersa na ignorância, pois o conhecimento poderia por em risco a sua supremacia, como avalia W. Sodré: “A ignorância, realmente, constitui imperiosa necessidade para os que exploram os outros, indivíduos, classes ou países. Manter as col nias fechadas   cultura era característica da domina o” (SODRÉ, W., 1966, p. 21).

Havia assim uma censura forte, nascida a partir do medo que a Corte tinha em sofrer retalia es por meio das letras. Segundo Bahia (1990), as tentativas de estabelecer uma tipografia antes de 1808 foram sempre falhas, visto que a Corte proibia qualquer esboço de

liberdade de pensamento. A Carta Régia de 1747 mandava fechar as tipografias que porventura tentassem se estabelecer, punindo os infratores com penas de prisão e exílio. Os tipos móveis para impressão eram também sequestrados e remetidos à metrópole. Tudo era feito para se instalar um verdadeiro clima de terror intelectual (BAHIA, 1990). Diz o autor: “O domínio português, de 1500 até o desembarque da comitiva de D. João VI, se exerce para asfixiar toda e qualquer manifestação livre do pensamento. A palavra impressa é considerada crime” (BAHIA, 1990, p. 10). Tudo isso revela o poder que a palavra poderia ter se fosse de domínio público.

A situação começou a se alterar quando a família real mudou-se para a colônia, fugida de Napoleão e trazendo consigo duas mil pessoas, distribuídas em seis navios, juntamente com 60 mil volumes da Biblioteca Real (ROMANCINI; LAGO, 2007). No porão de um desses navios também estava uma tipografia que, já no Rio de Janeiro, foi usada pelo regente para dar início à Imprensa Régia, detentora do monopólio para imprimir até 1822 (ROMANCINI; LAGO, 2007). Bahia (1990) detalha a chegada da tipografia que daria início à imprensa nacional:

Na bagagem do príncipe-regente, então com quarenta anos de idade, incluem-se 2 prelos e 26 volumes do material tipográfico do Arco do Cego comprado na Inglaterra para a Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Consignada a Lisboa, a tipografia veio a bordo da Meduza, uma das naus da família real, e às ordens de D. Antônio de Araújo de Azevedo (mais tarde, conde da Barca) (BAHIA, 1990, p. 09).

Segundo Romancini e Lago (2007), antes da implantação da Imprensa Régia, em 1808, todos os textos escritos no Brasil permaneciam manuscritos ou, para serem impressos, precisavam antes passar pela Europa. Foi com a tipografia da Imprensa Régia que nasceu a Gazeta do Rio de Janeiro, veículo oficial da Coroa, lançado em 10 de setembro de 1808, que deu início à imprensa produzida em terras brasileiras (SODRÉ, W., 1966).

Era um pobre papel impresso, preocupado quase tão somente com o que se passava na Europa, de quatro páginas in 4º, poucas vezes mais, semanal de início, trissemanal, depois, custando a assinatura semestral 3\$800, e 80 réis o número avulso, encontrado na loja de Paul Martin Filho, mercador de livros (...) Jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nele constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que o haviam criado (SODRÉ, W., 1966, p. 23).

A Gazeta passou a ser o primeiro exemplar de jornalismo produzido no Brasil, porém, é questionável seu caráter informativo, afinal, tratava-se de um jornalismo “áulico” brasileiro, visto que representava os interesses da Corte, de forma “bajuladora e subserviente” (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 23). Para W. Sodrê (1966), o ato de implementar uma

imprensa áulica partiu também do interesse que a Corte tinha de se promover: “Já precisava dos louvores, de ver proclamadas as suas virtudes, de difundir os seus benefícios, de principalmente, combater as ideias que lhe eram contrárias” (SODRÉ, W., 1966, p. 34). Como será visto mais adiante, muitos jornais brasileiros nasceram com este propósito defensivo e de autopromoção. No Pará, também há casos de periódicos em vários momentos históricos que surgiram para dar voz a quem era atacado politicamente, como O Liberal, um dos jornais estudados por esta pesquisa (ROCQUE, 2006).

Bahia (1990) explica que a Gazeta do Rio de Janeiro não possuía uma pauta variada, visto que se detinha a informar sobre a vida administrativa e a movimentação social do reino, sendo que, por se tratar do único aqui editado, “absorve a história de forma documental: editais, pequenos anúncios, leilões, perdidos e achados, atos do governo” (BAHIA, 1990 p. 18). Ou seja, tratava-se de uma espécie de boletim do rei e de seus atos e não de um jornal com vistas a informar sobre fatos para a população.

Antes da Gazeta do Rio de Janeiro começar a ser impressa, outro jornal já circulava em terras brasileiras. Fundado, dirigido e redigido por Hipólito da Costa, o Correio Braziliense surgiu em 1º de junho de 1808, três meses antes da Gazeta, sendo considerado o marco inicial do periodismo brasileiro (SODRÉ, W., 1966). Apesar de ser considerado por alguns autores como o primeiro jornal do Brasil, o Correio Braziliense era editado em Londres e só então distribuído na colônia. Segundo W. Sodré (1966), mesmo sendo produzido fora, o que lhe dava um caráter nacional era a sua ligação com as condições internas.

Tais jornais, como o Correio Braziliense, entravam clandestinamente onde deviam entrar. O que lhes dava o caráter nacional era a estreita ligação com as condições internas em que procuravam também influir; a impressão no exterior era circunstância. A questão fica mais clara quando se considera o jornal de Hipólito - do tipo doutrinário e não do tipo noticioso - como ângulo externo de ver o Brasil, na perspectiva externa: todos os nossos grandes problemas foram por ele tratados muito mais segundo as condições internacionais do que das nacionais (SODRÉ, W., 1966, p. 24).

O Correio Braziliense era impresso na oficina de W. Lewis, em Londres, e saía todos os meses, com 96 a 150 páginas in 8º. O periódico totalizou 175 números, formando 29 volumes, e o conteúdo era dividido nas seções Política, Comércio e Artes, Literatura e Ciências, Miscelânea, Reflexões e Correspondência (SODRÉ, W., 1966). Percebe-se que, diferente do jornal áulico, preocupado em apenas promover o rei, o Correio trazia uma gama maior de informações, acerca de temas mais variados.

Bahia (1990) conta que o objetivo era lutar contra um silenciamento: “Sua artilharia dispara contra a violência da polícia política, os atos discricionários da administração colonial e a conspiração dos poderosos para reduzir ao silêncio as ideias liberais e democráticas” (BAHIA, 1990, p. 24). O que leva a crer que não era à toa que o periódico era visto como um órgão subversivo que apresentava riscos à imagem da Corte.

Tendo em vista esse caráter revolucionário, é possível compreender porque o Correio foi tão perseguido. O jornal chegou a ser proibido, apreendido, censurado e processado no Brasil e fora dele. Ler o Correio Braziliense era considerado como uma violação da lei em Portugal, até a polícia foi acionada para impedir a sua circulação (BAHIA, 1990). No entanto, segundo W. Sodré (1966), a perseguição ao jornal não foi a mesma ao longo do tempo e em todos os lugares, sendo que cessou em 1820, com a revolução do Porto, momento a partir do qual o periódico passou a circular normalmente (SODRÉ, W., 1966).

No que diz respeito ao conteúdo dos dois jornais pioneiros no Brasil, a Gazeta do Rio de Janeiro traria elementos mais próximos do jornalismo que conhecemos hoje. Enquanto o Correio Braziliense se tratava de uma brochura composta por mais de cem páginas, mensal e mais doutrinário que informativo, a Gazeta do Rio de Janeiro tinha uma periodicidade curta, com intenção informativa, poucas folhas e preço baixo (SODRÉ, W., 1966).

Em tudo o Correio Braziliense se aproximava do tipo de periodismo que hoje conhecemos como revista doutrinária, e não jornal; em tudo a Gazeta se aproximava do tipo de periodismo que hoje conhecemos como jornal – embora fosse exemplo rudimentar desse tipo (SODRÉ, W., 1966, p. 26).

Esses jornais seguiam uma vertente diferente, com propósitos distintos entre si. Segundo Barbosa (2010), a Gazeta era caracterizada como jornalismo oficial, e o Correio, como jornal combativo. “De um lado, o jornalismo dependente dos favores oficiais, não afeto a controvérsias, que se coloca ao lado dos que estão no poder, e de outro, o jornalismo de combate” (BARBOSA, 2010, p. 24).

Segundo Bahia (1990), após o fim da censura prévia, mais especificamente entre os anos de 1822 e 1831, há um surto de pequenos veículos, jornais radicais e panfletos. Esses órgãos se dispõem a debater questões essenciais, mobilizar a sociedade e desafiar a Monarquia, refletindo plataformas de governo (BAHIA, 1990). A partir daí, a imprensa se desenvolve cada vez mais, absorvendo e refletindo o contexto cultural, político e social em que se encontra.

1.2 O Paraense: do começo ao conturbado fim

Com o tempo a imprensa foi alcançando outras terras brasileiras e a prática foi se instalando nas demais Províncias. Demorou 14 anos para que o Pará lançasse seu primeiro jornal, o que, no entanto, não revela atraso, visto que seria uma das primeiras províncias brasileiras a conhecer a imprensa (COELHO, G., 2007). O jornal pioneiro foi O Paraense, nascido em 22 de maio de 1822. O periódico foi fundado por Filippe Patroni e figura como o primeiro não só do Pará, como também de toda a região Norte (SEIXAS, 2011a). Segundo Seixas (2011b), o jornal era de “pequeno formato, poucas páginas (quatro ou cinco), abordagem de assuntos oficiais, religiosos, comerciais (principalmente marítimos), além de avisos (ao modo de anúncios)” (SEIXAS, 2011b, p. 283).

Antes do primeiro número de O Paraense entrar em circulação, já se destacava um cenário propício ao vintismo, movimento dentro do qual a liberdade de imprensa e O Paraense estavam inseridos (COELHO, G., 1993). Dessa forma, o nascimento do primeiro jornal paraense deve ser encarado como parte integrante do contexto político que a cidade vivia naquele momento. O periódico estava envolvido em uma teia de acontecimentos políticos e tanto seu nascimento como sua existência e seu fim estão relacionados a esse emaranhado de fatos (COELHO, G., 1993).

Algumas condições que antecederam a criação do jornal prepararam o terreno para a difusão do vintismo, criando um contexto propício à fecundação desses ideais. G. Coelho (1993) conta que entre 1806 e 1820, período anterior ao surgimento de O Paraense, a Província do Grão-Pará possuía uma economia baseada no extrativismo, porém sofreu uma diminuição da exportação de seus produtos, o que causou uma significativa redução de rendas. Somando-se à insatisfação gerada por esse cenário, o local sofria cada vez mais influência de uma ideologia que começava a se difundir pelo território.

Era nas “reuniões suspeitas” e “clubes” que certos grupos de leitores consumiam leituras revolucionárias oriundas de lugares como a França e os Estados Unidos e foram essas leituras que acabaram por difundir a ideologia liberal vintista no Brasil (SALLES, 1992). G. Coelho (1989) conta que entre 1820 e 1822, jornais do liberalismo vintista circularam pelo Grão-Pará, além de obras carregadas de pensamento liberal português.

O medo de que o espírito de insurreição tomasse conta da província era tanto que, em 1817, quando a revolução começou em Pernambuco, os navios que vinham do Nordeste eram

inspecionados minuciosamente. Fazia-se de tudo para que o Pará não tomasse conhecimento do que acontecia em Pernambuco, para que não fosse assim influenciado (PINTO, 2015). Segundo Souza Jr. (2007), tudo o que entrava no Pará era cuidadosamente revistado, desde documentos até pessoas. Embora não totalmente eficiente, a vigilância era rigorosa.

Durante o ano de 1822, tornou-se comum no Pará a presença de indivíduos considerados perigosos à ordem colonial, portadores de livros e papéis subversivos (...) Medidas preventivas foram tomadas pelo governo para impedir a entrada na Província desses indivíduos e impressos, e dirigidas aos responsáveis pela Alfândega, que foram orientados a examinar cuidadosamente passaportes e cargas dos navios chegados ao porto (SOUZA JR., 2007, p. 395 - 396).

Foi nesse contexto que nasceu o jornal O Paraense, com ideias acerca da liberdade política e de imprensa. Dessa forma, Filipe Patroni se torna o porta-voz do vintismo português no Grão-Pará, por meio, sobretudo, do conteúdo que difundia em seu jornal (SALLES, 1992). Os ideais vintistas difundidos por Patroni vieram com ele de Portugal. Oriundo de uma família burguesa ligada à aristocracia rural, Filipe Patroni estudou direito na Universidade de Coimbra entre 1816 e 1820 e foi assim que ele entrou em contato com o vintismo português (COELHO, G., 1993).

Uma das prerrogativas do movimento liberal vintista, que pregava a liberdade de expressão, era a liberdade de imprensa, que foi regulamentada pela lei lançada em 4 de julho de 1821. Foi essa lei que permitiu o surgimento de periódicos no Grão-Pará (COELHO, G., 1993). No entanto, G. Coelho (1989) destaca que a lei só foi legitimada porque havia uma extensão aos brasileiros dos mesmos direitos dados aos portugueses metropolitanos pelo constitucionalismo de 1820. Não foi à toa que a primeira edição do jornal trouxe na primeira página a notícia do estabelecimento da lei da liberdade de imprensa.

Porém, esta publicação foi contraditória, criando apenas uma ilusão de liberdade. De acordo com Souza Jr. (2007), ao todo, a lei era composta por sessenta e três artigos, divididos em cinco títulos. No entanto, do total, cinquenta e seis artigos e quatro títulos se referiam aos abusos da liberdade de imprensa, definindo e regulamentando os procedimentos jurídicos no que diz respeito a esse caso (SOUZA JR., 2007). Isso acontece porque, segundo Souza Jr. (2007), os casos considerados como abuso da liberdade de imprensa eram os mais graves, sendo, por isso, os mais puníveis e sujeitos às penas mais severas, visto que seriam responsáveis por provocar rebeliões e desordens.

Dessa forma, a lei de liberdade de imprensa não dava tanta liberdade assim, fato que explica porque ela não foi reproduzida na íntegra, ao ser publicada em O Paraense (SOUZA JR., 2007).

Assim, ao mesmo tempo em que os liberais portugueses exaltavam a liberdade de expressão como um direito natural do homem e dela fizeram uso para denunciar e criticar séculos de despotismo e ignorância em Portugal, limitaram o seu exercício ao chegarem ao poder, justificando tal atitude com o princípio de que só a ordem garante a plena realização da liberdade. Desse modo não causa estranheza o fato de O Paraense, no seu primeiro número, publicar somente o título I da Lei de 4 de julho de 1821, que reza ‘Sobre a extensão da Liberdade da Imprensa’. Apesar de ter sido informado aos leitores que se continuaria a publicação dos outros títulos nos próximos números, isto nunca aconteceu (SOUZA JR., 2007, p. 395).

Além de ser o primeiro jornal do Grão-Pará, O Paraense também cumpria um papel político, haja vista que o periódico era um “catalisador das críticas e dos descontentamentos locais face aos rumos seguidos pela administração pública” (COELHO, G., 1993, p. 153). Somando-se a isso, o jornal fornecia esclarecimentos sobre o movimento e informações com as quais os leitores poderiam se munir para defender a causa, tudo isso, amparados pela lei da liberdade de imprensa.

Se o nascimento de O Paraense foi marcado por conflitos políticos, sua postura transgressora lhe rendeu uma conturbada existência que, embora curta, foi plena de reviravoltas e embates. Quem estava no poder, sentia-se ameaçado e atingido pelo jornal e, por isso, não aceitava passivamente as ideias defendidas pelo periódico. A postura combativa d’O Paraense conferiu várias prisões aos seus redatores, uma delas, logo após o seu lançamento, como conta Cruz (1973):

Defendendo os princípios constitucionalistas, de que se fizera paladino, não conseguiu Patroni, contudo, grangear a boa graça do Governador das Armas, General José Maria de Moura. Este, prevenido como estava com o patriota, e temendo a influência que o mesmo adquirira rapidamente na cidade, com suas ideias abolicionistas, conseguiu que o Corregedor da Comarca mandasse prendê-lo a 25 de maio de 1822, a pretexto de haver, no ano anterior desrespeitado o soberano português (CRUZ, 1973, p. 174).

Porém, a prisão do fundador não significou o enfraquecimento do jornal e de sua postura política, pelo contrário, apenas o deixou mais ácido e provocativo. Segundo Salles (1992), após a prisão de Patroni, quem assumiu o periódico foi o cônego Batista Campos, um militante político que pertencia à pequena burguesia da Província e que deu um sentido ainda mais nacionalista e libertário ao jornal, publicando, inclusive, o manifesto de D. Pedro I, no qual o imperador defendia a independência do Brasil (SALLES, 1992).

G. Coelho (1993) conta que as primeiras matérias d'O Paraense não chegaram a provocar conflitos que pudessem pôr em risco a liberdade de imprensa diante do poder metropolitano, visto que Patroni “inclinou-o mais ao encontro das matrizes intelectualizadas do discurso vintista e menos para as realidades concretas do Grão-Pará” (COELHO, G., 1993, p. 158). Foi sob a gestão de Batista Campos que o conflito entre a imprensa e o poder passou a ser mais acirrado.

O jornal, assim, assumirá um papel mais dinâmico, mais radical, na oposição às formas com que verá o despotismo, a tirania, o servilismo e a corcundice sobreviverem no Grão-Pará após o norte do Brasil se haver pronunciado pela revolução de 1820, originando as condições que levarão ao estabelecimento de um estado de conflito entre o periódico e a ordem colonial no Grão-Pará, representada fundamentalmente pelo aparelho burocrático-militar (COELHO, G., 1993, p. 158).

O Paraense continuará seguindo uma linha crítica e a favor do liberalismo, no entanto, sob a gestão do cônego Batista Campos, o jornal tomaria uma postura mais condizente com a realidade do Grão-Pará o que, dessa maneira, “assinala o divisor entre a primeira fase de ‘O Paraense’, marcada pelo predomínio das preocupações filosóficas do seu redator, e a segunda, caracterizada mais pelo exercício da opinião pública e pelo confronto entre o periódico e o poder militar da Província” (COELHO, G., 1993, p. 159-160).

Batista Campos também não passaria impune pelo julgamento do poder metropolitano. Segundo Salles (1992), ele chegou a ser preso durante treze dias, foi posto em liberdade e preso novamente, diversas vezes. Por fim, teve que buscar refúgio na mata, a fim de se proteger das perseguições e retaliações que sofria.

Após seu afastamento, quem assumiu o lugar foi o cônego Silvestre Antunes Pereira da Serra, dando início à terceira fase do jornal e mantendo a mesma postura que, para Cruz (1973), defendia a independência política do Brasil (CRUZ, 1973). No entanto, essa fase também não estava livre de retaliações. O fim do jornal chegou quando, em fevereiro de 1823, militares portugueses invadiram a tipografia e a empastelaram. O jornal chegou a publicar setenta números (SALLES, 1992).

O fim do jornal não significou, porém, o fim do movimento político, segundo G. Coelho (1989), mesmo quando O Paraense deixou de circular. Pinto (2015) defende, inclusive, que O Paraense foi um lugar de fermentação da Cabanagem, juntamente com os panfletos que circularam em Belém, pregando a derrubada do governo, dominado pelos portugueses, já que

promoveu “agitação política entre os descendentes de índios e negros. E acabou formando um partido, radicalmente contrário à dominação lusitana” (PINTO, 2015, p. 5).

Assim, é possível perceber o importante papel desempenhado pelo jornal nessa conjuntura política. O Paraense assumiu sua posição e arcou com as consequências de sua escolha, marcando lugar na história da imprensa paraense não só por ser o primeiro jornal a circular, mas por ter sido também atuante nos acontecimentos políticos que atingiram o Grão-Pará, ao carregar a visão de seus idealizadores.

1.3 Breve histórico da imprensa paraense

No que diz respeito ao panorama nacional, uma análise dos primeiros jornais permite identificar uma presença forte da política na imprensa. Barbosa (2010, p. 69) explica que esse fenômeno é característico da gênese do jornalismo, pois há uma “estreita vinculação entre jornalismo e política. É como se a imprensa fosse uma amplificadora dos debates políticos ou o lugar privilegiado onde ecoam os discursos vinculados aos lugares políticos”.

Tal qual no restante do Brasil, a imprensa paraense também estava estreitamente atrelada à política e os primeiros jornais refletiam essa união (SALLES, 1992). Quando se faz uma leitura da descrição dos jornais paraenses da época percebe-se que, além de diversos outros temas, a presença da política em suas páginas era recorrente. Uma prática, portanto, que faz parte da história do jornalismo paraense (SALLES, 1992; SEIXAS, 2011a). Segundo Fernandes e Seixas (2011), no surgimento da imprensa paraense, muitos jornais possuíam uma proposta editorial de abordagem predominantemente política.

Como foi visto, O Paraense, pioneiro da região, não foge à regra e também nasceu marcado por questões políticas, estando envolvido em embates por refletir a posição política de seu fundador, Filipe Patroni. “Igualmente, os espaços do impresso foram utilizados por Filipe Patroni para fazer chegar à opinião pública o seu projeto de governo, concebido sob o signo do pensamento liberal vintista, e que ele incorporou ao seu discurso político” (COELHO, G., 1989, p. 37). É esta posição política que rende ao jornal muitos conflitos e, inclusive, o seu empastelamento (SALLES, 1992).

Após o surgimento de O Paraense, diversos outros periódicos vieram, com periodicidades variadas. Alguns merecem destaque por serem pioneiros em algum aspecto, outros marcaram a história da imprensa paraense devido à sua qualidade e importância para a

população. O primeiro jornal diário de Belém foi o Diário do Gram-Pará, que começou a circular no dia 10 de abril de 1853, até 15 de março de 1892 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Depois dele, por volta dos decênios de 1861 e 1871, a imprensa diária de Belém teve a criação de mais dez outros jornais diários (SEIXAS, 2012).

Além de 1861 ser uma década de despontamento de jornais diários, foi também um momento que, segundo Seixas (2012), registrou-se um maior número de tipografias. Os jornais ainda mantinham o tamanho reduzido, com quatro páginas para notícias e publicidade (SEIXAS, 2012). Na década de 1871, são publicados 75 jornais e revistas. A configuração também se altera e a partir desse momento os jornais aumentam de tamanho e de número de colunas (SEIXAS, 2012).

Em 25 de março de 1876, começa a circular A Província do Pará, outro jornal da história paraense que merece destaque. Criado por Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antônio Lemos, o periódico carrega o título de mais duradouro do Pará, devido aos seus 125 anos, indo de 1876 até 2002 (CARVALHO, MASSARANI, SEIXAS, 2013). O jornal tinha características modernas para a época e contribuiu para a solidificação da imprensa na região, já que vários jornais tinham duração efêmera (SEIXAS, 2012).

Alguns anos à frente, surge uma inovação nos jornais de Belém e o periódico A Vida Paraense marca seu lugar na história da imprensa do estado devido ao uso da imagem, recurso considerado muito importante atualmente e que, por isso, também será levado em conta na análise desta pesquisa. Publicado em 1883, A Vida Paraense apresenta indícios de um maior aprimoramento técnico na sua produção. O jornal durou até 1884, chegando ao fim no número 33 (FERNANDES; SEIXAS, 2011).

No início do século XX, um jornal de grande relevância na imprensa local foi criado: o Estado do Pará. Fundado por Justo Chermont em abril de 1911, o jornal encerrou suas atividades em dezembro de 1980. Com formato de 60 x 42 cm, a publicação tinha entre seis e oito páginas e trazia muitas ilustrações e imagens em seu conteúdo (FERNANDES; SEIXAS, 2011b, p. 8).

Esses são apenas alguns dos jornais que surgiram na região, além desses, vários outros periódicos e revistas, diários ou não, circularam em Belém e no interior do Pará desde 1822 até os dias atuais. Longo foi o caminho trilhado pela imprensa paraense, que passou por muitas fases, acompanhando o desenvolvimento da imprensa nacional. Esta pesquisa se

restringe ao estudo de dois jornais em particular, a Folha do Norte, que surgiu em 1896 e encerrou em 1974, e o jornal O Liberal, que nasceu em 1946 e circula até os dias atuais. A seguir trataremos mais a respeito dos dois.

1.4 Folha do Norte: marco na imprensa e na vida literária paraense

Fundado pelos políticos Enéas Martins e Cipriano Santos, o periódico Folha do Norte (Imagem 1) surgiu em 1º de janeiro de 1896 e circulava diariamente, auto-classificando-se como “independente, noticioso, político e literário” (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 154). Segundo Seixas *et al* (2013), a Folha do Norte tinha inicialmente as dimensões de 63 x 43cm e “foi reconhecido pela própria imprensa local como moderno e de boa qualidade. Entre as suas inovações estava o sistema telegráfico” (SEIXAS *et al*, 2013, p. 05).

Também considerado um periódico raro pela Biblioteca Nacional, a *Folha* iniciou sua publicação com formato 63x43 cm, seis colunas de texto e quatro páginas. A primeira página trazia diversas notícias, algumas distribuídas em seções fixas, mas sem muito destaque entre si. No seu lançamento, o jornal foi saudado pelos “confrades” dos outros jornais – a exemplo de A Republica e do Diário de Notícias – como sendo uma publicação moderna, entre outras características (CARVALHO, 2013, p. 54).

Imagem 1: Folha do Norte, 30 de janeiro de 1896, p. 1.



Fonte: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

Como o início da imprensa é marcado por questões políticas, como já foi visto anteriormente, não foi diferente para a Folha do Norte, que carrega essa característica em sua história. O periódico nasce apoiando Lauro Sodré “...de quem seria o pedestal, erigido pela devoção de Cipriano Santos e Paulo Maranhão” (BORGES, 1986, p. 208). Assim surge a Folha, com o objetivo de lutar pelo desenvolvimento político e social da região, indo de encontro à política de Antonio Lemos (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985) e figurando como “o segundo jornal mais duradouro do Pará, com 78 anos de existência” (SEIXAS *et al*, 2013, p. 05).

Segundo Borges (1986, p. 204), “no decurso de oitenta anos de República, a política do Pará, tem as suas causas e efeitos decorrentes da ação de Lauro Sodré e Antônio Lemos”. Oriundos do final da Monarquia, esses políticos foram protagonistas de uma luta que se estendeu além deles mesmos (BORGES, 1986).

Lemos, de âmbito estadual; Lauro, nacional; Lauro tornar-se-ia ídolo dos paraenses, Lemos o transformador da Belém cidade-aldeia grande na mais formosa das capitais do País. Lemos oligarca paraense; Lauro projeção nacional, digladiam-se e os seus remanescentes políticos, digladiar-se-iam; os partidos passariam a denominar-se Laurista e Lemista, de ódios pessoais irreconciliáveis (BORGES, 1986, p. 204).

O jornal defendia abertamente o Partido Republicano Federal e combatia a política de Antonio Lemos, que também era dono do periódico A Província do Pará (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 154). Carvalho (2013) conta que por fazer campanha contra Lemos, a Folha do Norte teve participação no processo que levou à expulsão do político da cidade, em 1912. Em 1914, o fundador do periódico, Enéas Martins, tomou posse como governador do Pará, passando então o jornal para as mãos de Cipriano Santos, que sofreu com as retaliações dos lemistas devido à oposição que a Folha do Norte fazia a Antônio Lemos.

Enéas desertou à co-propriedade da ‘Folha do Norte’, transferindo-a a Cipriano e seria longa e dolorosa a *via-crucis*: redatores presos e espancados, edições apreendidas, auxiliares e amigos perseguidos. Paulo Maranhão, e família, acossado nos altos do prédio durante anos para escapar a assassinato. Cipriano desafia o rancor dos adversários (BORGES, 1986, p. 215).

Também envolvido com a política, Cipriano Santos se tornou senador estadual e intendente municipal de Belém, em 1917. O periódico então vira responsabilidade de Paulo Maranhão: “A força mais prolongada na vida política do Pará: atuante 70 anos, nos 77 então decorridos da República. Apenas o jornalista, e por trincheira o jornal ‘Folha do Norte’. Jornalista que se tornou decano e o mais renomado do País” (BORGES, 1986, p. 242). Maranhão foi também secretário da Instrução Pública, um dos fundadores da Academia

Paraense de Letras em 1900 (BORGES, 1986) e, segundo Ferreira (2005), trouxe uma mudança parcial ao jornal.

O jornal passa a divulgar mais as mudanças urbanas que Belém experimentava, mas sem deixar de acompanhar o desempenho dos políticos, já que a política tanto na velha República como no novo momento histórico, após a Revolução de 30, mexia com tantos interesses, que mesmo aqueles que se mantinham aparentemente distantes dos partidos, não deixavam de tomar suas posições (FERREIRA, 2005, p. 05).

Ferreira (2005) conta que o jornal ainda foi marcado pelo atrito entre Paulo Maranhão, dono da Folha do Norte, e Magalhães Barata, interventor nomeado ao Pará pelo presidente Getúlio Vargas que depois ainda ocupou o cargo de governador. Paulo Maranhão criticava a censura implementada por Barata no Pará e isso chegou a resultar em uma suspensão de quatro dias à Folha do Norte. A disputa entre os dois só se encerrou em 1959, com a morte de Barata (FERREIRA, 2005). Paulo Maranhão morreu em 1966 e quem assumiu o jornal foi seu filho, Clóvis Maranhão. Romulo Maiorana adquiriu o jornal no ano de 1973 e, em 1974, tirou-o de circulação (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Uma das marcas da Folha do Norte, que fez dela um dos objetos de estudo desta pesquisa, é seu caráter literário. Sales (2007) conta que, só no primeiro ano de circulação do jornal (1896), foram publicados vinte e oito folhetins. E o romance-folhetim era apenas um dos gêneros literários que compunham o periódico.

Além da publicação permanente de folhetins, que circulavam diariamente, apareciam também notícias avulsas referentes à Literatura, como anúncios de lançamentos ou de vendas de livros; colunas críticas, assinadas pelos intelectuais da época; avisos de vendas em livrarias; publicação de poesias e textos sobre literatura portuguesa e autores desta mesma literatura e, até, conselhos de recomendações à leitura (SALES, 2007, p. 50).

O jornal também publicou, entre os anos de 1946 e 1951, o Suplemento Literário Arte Literatura (Imagem 2). Criado e dirigido por Haroldo Maranhão, neto de Paulo Maranhão, o suplemento resultou em 165 fascículos, em um formato tabloide, de quatro páginas, publicado aos domingos. Suas páginas traziam poesia, crítica literária, caricaturas, fotografias de escritores, de esculturas ou de pinturas modernistas. Além disso, trazia também entrevistas de autores nacionais e internacionais (CANGUSSU, 2008).

Dawdson Cangussu (2008) explica que o suplemento teve um papel crucial na formação da identidade literária de um seletivo grupo da Belém da década de 1940.

O Suplemento Literário da *Folha do Norte* era o lugar da poética dos novos poetas. Era também um instrumento de atualização da literatura local, pois, através dele, tiveram contato com diversos escritores de várias regiões do país e também do exterior (CANGUSSU, 2008, p. 02).

Júlia Maués (2002) destaca que o suplemento “expunha o espírito de um grupo de intelectuais, poetas e jovens sonhadores, ávidos de conhecimento” (MAUÉS, 2002, p. 24). A autora também explica que a literatura não era o único campo explorado pelo suplemento, pois ele estava “não apenas restrito ao campo da literatura, mas exercendo o direito a pesquisa estética no campo da crítica de arte” (MAUÉS, 2002, p. 24).

O Suplemento contava com quatro colunas, em uma diagramação irregular. Em geral, a primeira página trazia artigos de crítica e poemas. Em seu interior, havia a coluna “Movimento Literário”, com notícias sobre escritores e eventos artísticos. O Arte Literatura ainda trazia um calendário com as publicações das principais editoras nacionais da época (MAUÉS, 2002).

Imagem 2: Suplemento Arte Literatura, 14 de janeiro de 1951, p. 1.



O Suplemento circulou de 1946 até 1951. Desse período, apenas o ano de 1946 coincide com a seleção feita para o *corpus* de análise. No entanto, não foi possível avaliar a atuação do Arte Literatura na cobertura jornalística de temas literários, porque não havia disponibilidade das edições do período, na Biblioteca Pública Arthur Vianna ou em outro acervo conhecido, presencial ou na internet.

1.5 O Liberal: 69 anos de história

No dia 15 de novembro de 1946, foi lançado, em Belém, o jornal O Liberal (Imagem 3), periódico que circula até hoje. O Liberal foi fundado por Luís Geolás de Moura Carvalho, Magalhães Barata, Lameira Bittencourt, João Camargo e Dionísio Bentes de Carvalho, dentre outros (ROCQUE, 2006). Sua equipe era composta por Lindolfo Mesquita, como redator-chefe, Paulo Eleutério Filho, como secretário de redação, e João Camargo, como gerente (ROCQUE, 2006).

Vespertino e diário, o jornal nascia com finalidade política como um órgão do Partido Social Democrático (PSD) e fazia frente ao periódico Folha do Norte (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). O Liberal surgiu da necessidade que os seguidores de Barata tinham de dar resposta e ter voz para se defender das investidas e da campanha negativa promovida pela Folha do Norte (ROCQUE, 2006).

Não era possível permanecermos até agora em silêncio, sem uma voz no seio da imprensa local, voz que fosse inteiramente nossa, para dizer, diretamente dos nossos anseios e ideias ou repelir altivamente os ataques injustos dos que contra nós e os nossos amigos se atiram, na certeza da impunidade (...) Queremos, porém, bem alto salientar que não nos anima nenhum intuito de nos nivelar a certa imprensa desta terra, isto é, de imitar-lhe a conduta odiosa e os processos torpes de campanha mesquinha, vasada em estilo desrespeitoso e baixo, somente ao sabor dos que cultivam e amam a licenciadade [sic] (O LIBERAL, 15 nov. 1946, p. 1).

Justamente em decorrência dessa gênese de propósito político, a história do jornal foi marcada por muitos conflitos, culminando, inclusive, com um caso de morte. A vítima foi um dos redatores de O Liberal, Paulo Eleutério Filho, assassinado no dia 20 de maio de 1950 pelo capitão Humberto de Vasconcelos, dentro da redação, em razão da campanha política que envolvia os partidários de Barata e seus opositores. Ainda devido a questões políticas, as oficinas do jornal também foram incendiadas, em 1953 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Imagem 3: O Liberal, 15 de novembro de 1946, capa.



Fonte: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

A partir de 1966, o jornal mudou de perfil, ao passar para as mãos de um novo proprietário, o jornalista Romulo Maiorana, que começou no periódico como colunista social. Sob nova direção, o jornal teve algumas mudanças, como o turno de circulação, que passou a ser matutino, além de uma linha editorial não mais ligada ao PSD (FERREIRA, 2005).

Castro e Seixas (2013) contam que com a administração de Maiorana, o jornal “(...) ganha mais colunas sociais, políticas, policial e mais destaque ao noticiário esportivo. Nota-se também a presença de colunas sobre cinema e uma variedade maior de seções” (CASTRO; SEIXAS, 2013, p. 5-6). A partir de 1971, O Liberal atingiu maior circulação e exibia o subtítulo de “Jornal da Amazônia” (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 271-273). Em 1986, Romulo Maiorana morre e a administração do jornal passa para as mãos de sua mulher e filhos. Os cadernos adquirem novos nomes a partir da década de 1990 (CARVALHO, 2013).

O “Primeiro Caderno” passou a ser “Atualidades” e em substituição ao “Segundo e Terceiro Cadernos” foram criados o “Cartaz” (com perfil de entretenimento), “Painel” (voltado para questões políticas), além de outros suplementos, como a “Revista da TV” (dominical com informações da programação televisiva) (CARVALHO, 2013, p. 61).

Atualmente, O Liberal é composto pelos cadernos Atualidades, com variadas informações do cotidiano; Poder, com informações do mercado financeiro, cenário econômico e política; Magazine, sobre cultura, arte e principais eventos e vida das celebridades; Esportes; Polícia e Classificados. Além desses cadernos, o jornal conta com os suplementos O Liberalzinho, voltado para o público infantil; Zebra, suplemento esportivo; Mercado, com notícias sobre negócios, economia regional e nacional, inovações e futuro empresarial; e as Revistas Troppo, sobre a sociedade paraense; Mulher, dedicada ao público feminino; C & D, que trata sobre decoração, arquitetura, design, moda, tecnologia e arte; Auto & Cia, sobre o mercado automobilístico e Revista da TV.

Em um número especial lançado em 09 de novembro de 2011, em comemoração aos 65 anos, o jornal apresenta alguns dados de sua trajetória, que começou em 1946. Segundo dados do próprio jornal, O Liberal, que circulava em 38 municípios, adquiriu maior alcance e passou a circular em 143 cidades do estado: “(...) o jornal O Liberal acaba por chegar a 80% de todo o estado do Pará. O trabalho de pólos fez com que o jornal crescesse 145% a partir de 2009 na circulação das cidades” (O LIBERAL, 2011, p. 15). O jornal O Liberal também faz parte do grupo de veículos das Organizações Romulo Maiorana, que conta com uma emissora de TV, filiada à Rede Globo, as rádios Liberal e O Liberal CBN, os *sites* ORM News e G1/Pará, a ORM cabo e o jornal Amazônia.

Em uma época marcada pelas disputas políticas entre Lauro Sodré e Antônio Lemos, a Folha do Norte nasceu para apoiar o polo laurista (BORGES, 1986). 50 anos depois é lançado o primeiro número de O Liberal, criado com o propósito de ser uma voz de defesa contra as investidas da Folha (ROCQUE, 2006). O jornal Folha do Norte deixou de circular em 1974, após ser adquirido por Romulo Maiorana em 1973.

O jornal da família Maiorana, O Liberal, não deixou de ser marcado por rivalidades. Figurando ao lado dele, como um dos jornais mais importantes do Pará na atualidade, está o Diário do Pará, criado em 22 de agosto de 1982 e pertencente ao grupo Rede Brasil Amazônia (CASTRO, 2014). O Diário mantém “interesses político-partidários divergentes, o que tem resultado em uma verdadeira ‘guerra discursiva’” entre os periódicos, que trocam farpas usando as páginas dos jornais (CASTRO, 2014, p. 52).

No dia 16 de fevereiro de 2013, O Liberal publicou na capa um editorial com vários ataques ao concorrente Diário do Pará e seu proprietário, o senador Jáder Barbalho (PMDB-PA) (...) Podemos observar que o Diário do Pará mantém os seus ataques no mesmo nível das ofensas contra si, nomeando a família Maiorana, proprietária de O Liberal, de ‘Maiotralhas’ (CASTRO, 2014, p. 58).

Apesar de ainda manter uma postura política, agora mais velada em nome da imparcialidade, O Liberal passou por muitas mudanças em sua configuração, ao longo do tempo, mudanças que vão desde a constituição gráfica, até a editorial. Uma das peças mais marcantes do jornal é a coluna “Repórter 70”, que, criada pelo próprio diretor, é publicada na página 3 e traz várias notas informativas (CASTRO, SEIXAS, 2013, p. 06). Em um levantamento realizado para esta pesquisa, percebe-se, inclusive, que a coluna é um dos lugares em que é possível encontrar notícias do mundo literário, como será visto mais adiante.

1.6 A literatura como berço do jornalismo

Como é possível perceber, a história da imprensa nacional e a regional são marcadas por uma forte presença da política, o que rendeu muitos conflitos aos jornais. No entanto, além de assuntos políticos, outra temática fez parte da composição dos primeiros jornais: a literatura, que, como será visto mais adiante, se fez presente inicialmente na publicação de contos, poemas e folhetins entre as notícias que compunham os jornais.

Antes de se consolidar dentro dos moldes que presenciamos hoje, o jornalismo passou por diversas transformações e apesar de atualmente jornalismo e literatura terem seguido caminhos distintos, a literatura esteve fortemente presente na origem da imprensa. Autores como Jorge Pedro Sousa (2008) defendem, inclusive, que o jornalismo nasceu da literatura, já que algumas de suas características podem ser facilmente identificadas dentro do universo literário.

Assim como Sousa (2008), José Domingos Brito (2007) postula que o jornalismo só existiu por causa da literatura, já que muitos dos seus profissionais ditos “jornalistas” eram, na verdade, profissionais que se valiam da subjetividade e da arte para exercer suas respectivas profissões.

Quando o jornal se implantou como fonte de informação diária, ao alcance dos leitores, recrutou, entre os principais colaboradores, os letrados que já dispunham de notoriedade na utilização da palavra escrita: escritores, juristas, médicos, sacerdotes, engenheiros, enfim, todos aqueles vocacionados para a expressão artística, inclusive os autodidatas. No século XIX, os principais escritores brasileiros eram também jornalistas. Machado de Assis seria o exemplo mais conhecido (BRITO, 2007, p.12).

É justamente por causa dessa presença de letrados nas redações dos jornais que o texto produzido para os periódicos se assemelhava ao literário. Lima (2013) conta que a literatura estava na forma do texto, visto que a escrita jornalística apresentava traços fortes da escrita literária, principalmente no início, quando a imprensa ainda era nova e tentava se firmar e encontrar uma identidade.

Assim, jornalismo e literatura foram, até a década de 1950, duas áreas interdependentes: para sobreviver, os escritores trabalhavam nos jornais; os jornalistas escreviam nos periódicos com os olhos numa ‘gramática’ literária e não jornalística; os leitores tinham acesso ao texto literário nos jornais, já que a escassez de publicações de livros, além do alto preço, impedia sua popularização (LIMA, 2013, p.32).

Além da estética literária em seus textos, os jornais também tinham espaço para publicação de poesias. Somando-se a isso, a partir de 1840, houve a incorporação de folhetins, fazendo uma imprensa predominantemente literária (LIMA, 2013). Em Belém, segundo Sales (2007), antes de 1860 já era possível encontrar poemas, folhetins, liras e romances em alguns periódicos paraenses como O Beija-flor, Diário do Comercio e Adejo Litterario. O romance-folhetim, especificamente, se estabeleceu no Pará em jornais como Gazeta Oficial, Jornal do Pará, Diário de Belém, Liberal do Pará e Folha do Norte (SALES, 2007).

Os folhetins eram histórias seriadas, com um capítulo a cada edição. A publicação de folhetins nas páginas dos jornais dava notoriedade e visibilidade aos escritores, que chegavam a publicá-los em forma de livro, depois que chegavam ao fim, nos periódicos (SALES, 2007). M. Barbosa (2010) explica que no final do século XIX e início do XX, as correlações entre literatura e jornalismo eram evidentes e havia uma relação de troca entre jornais e literatos.

Arrebatando os escritores, os jornais procuram alcançar popularidade. Por outro lado, os literatos veem nesse tipo de publicação a possibilidade de atingir mais leitores. Estabelece-se verdadeira cumplicidade entre literatos e jornais, com os primeiros percebendo os periódicos como via de divulgação de sua obra e, em consequência, de ascensão social. Os jornais, por outro lado, utilizam esse profissional com a expectativa de alcançar um público maior, conseguindo, com isso, mais anunciantes, prestígio e poder (BARBOSA, M., 2010, p. 142).

Ainda segundo Sales (2007), o número de periódicos editados em Belém que investia em publicações literárias cresceu a partir da segunda metade do século XIX. Dos 54 jornais registrados em sua pesquisa, que datam do período de 1822 a 1900, 29 traziam elementos literários de algum tipo. Os gêneros mais encontrados nos periódicos eram crônicas, contos, prosa literária, novelas, romances, folhetins e poesia. Em geral, as seções eram divididas em quatro colunas ao pé-de-página inicial (capa) (SALES, 2007).

O índice de produção e consumo literário em Belém era considerado alto, sendo reflexo de uma época de apogeu da cidade. O desenvolvimento econômico, proporcionado pela borracha (SARGES, 2000), também refletiu no fortalecimento cultural de Belém, elevando-a a condições semelhantes a outras regiões do país, nesse quesito.

A produção de textos em folhetins publicados em jornais da cidade de Belém refere-se a uma época de grande efervescência cultural, período em que as parcerias entre uma elite intelectual e facções políticas facilitaram a produção periódica e a divulgação literária. A linha temática do romance-folhetim esteve presente em grande parte dos jornais de todo o país e percorreu toda a segunda metade do século XIX, na província do Grão-Pará, alcançando uma produção semelhante às publicações em folhetins de outras regiões, como Rio de Janeiro e Mato Grosso (SALES, 2007, p. 11).

Apesar do destaque do folhetim, segundo Sales (2007), não era ele o gênero que predominava nas páginas dos jornais paraenses da época. Em uma pesquisa realizada por Sales (2007) em cinco jornais com publicações folhetinescas, a crônica era o gênero predominante, constando em 43% das publicações, enquanto o folhetim aparece com uma frequência de apenas 10%.

Com o passar do tempo, a presença literária na imprensa foi perdendo força. M. Barbosa (2010) afirma que já a partir de 1900, final do século XIX e início do XX, os jornais passam a dar mais destaque ao noticiário e à reportagem do que aos artigos. “Facultando trabalho aos intelectuais, aos escritores, pedem cada vez menos colaboração literária – crônicas, contos e versos – e cada vez mais reportagem, noticiário, trabalho de redação” (BARBOSA, M., 2010, p. 160).

Lima (2013) explica que essa ligação entre literatura e jornalismo no Brasil se atenuou na década de 1950, momento em que a indústria cultural passou a ser mais incisiva. Os jornais estavam se aproximando cada vez mais de um caráter empresarial e, tal como numa linha de produção, passaram a seguir regras e se padronizar.

Assim, a literatura teve seu espaço reduzido nos jornais e, se antes vinha em meio às notícias, passou a ocupar um espaço mais reservado, à parte. Um exemplo de segregação da literatura é o suplemento literário. No Pará, há o caso do suplemento Arte Literatura, publicado pela Folha do Norte, entre 1946 e 1951 (COELHO, M., 2003). Na atualidade, não há registro de publicação de suplemento dessa espécie nos jornais de maior circulação do Pará.

No estudo dos jornais Folha do Norte e O Liberal, é evidente uma mudança na linha editorial, marcada pela transição entre um jornalismo sobre literatura mais crítico para uma cobertura mais factual. Ao se observar os gêneros das matérias veiculadas, percebe-se que, a partir de 1966, a diferença entre o número de textos de cunho informativo e factual e o número de textos opinativos aumenta consideravelmente, como será mais detalhado no próximo capítulo.

1.7 Jornais literários do Pará

A relação entre jornalismo e literatura na imprensa paraense fica evidente ao se observar os periódicos que constam no Catálogo Jornais Paraoaras, da Biblioteca Pública do Pará. O catálogo traz uma relação dos periódicos publicados entre 1822 e 1985, mas uma breve observação permite perceber que a produção de periódicos classificados como literários foi identificada apenas entre os anos de 1855 e 1900 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). O Quadro 1 traz, a partir do catálogo, um levantamento dos jornais voltados à literatura, de alguma forma:

Quadro 1: Periódicos literários do Pará no período de 1822 a 1985.

Número	Publicação	Período	Classificação
1	Adejo Literário	1855 – 1858	Semanal, instrutivo, literário e recreativo.
2	A América	1878 – 1879	Semanário de revista, crítica, propaganda pela democracia, artes e letras .
3	A Arena	1887	Semanal, literário , artístico e científico.
4	O Binóculo	1896 – 1908	Semanal, órgão político, noticioso e literário .
5	O Brazil	1892	Órgão literário
6	O Caixeiro	1889	Semanal, literário , e noticioso.
7	O Carteiro	1896 – 1897	Quinzenal, noticioso, literário e comercial.
8	Cenáculo	1900	Periódico biográfico, bibliográfico, científico, pedagógico, literário , crítico e noticioso.
9	O Cidadão	1889 – 1892	Semanal, noticioso, comercial, literário , industrial e independente.

Número	Publicação	Período	Classificação
10	Cidade de Bragança	1894 – 1899	Semanal, órgão político, noticioso, comercial e literário .
11	O Condor	1897	Quinzenal, literário , postal e noticioso.
12	Correio Paraense	1892 – 1894	Diário, noticioso, comercial e literário .
13	O Crepúsculo	1874	Semanal, trata de ciência, agricultura, indústria, literatura e notícias.
14	O Crepúsculo – Órgão estudantino e literário	1890	Semanal e depois quinzenal.
15	O Dever	1898 – 1901	Semanal, noticioso e literário .
16	O Diretor	1856 – 1857	Folha política, comercial e literária .
17	Echo Juvenil	1889	Literário , crítico e noticioso.
18	O Equador	1879	Semanário de revista, crítico, propaganda pela democracia, artes e letras .
19	O Estímulo	1877	Literário e democrático.
20	Estrela D'alva	1880	Semanal, órgão da sociedade União literária .
21	O Gládio	1890	Semanal, noticioso, crítica literária .
22	O Holofote	1897	Bisemanal, noticioso, crítico, literário e comercial.
23	O Jornal	1900	Órgão político, comercial, noticioso e literário .
24	Jornal do Pará	1862 – 1878	Diário, político, comercial, literário e noticioso.
25	A Juventude	1881	Literário e recreativo.
26	Officina Literária	1899 – 1900	Órgão da agremiação Officina Litterária , quinzenal.
27	A Palavra	1895	Revista militar e literária .

Número	Publicação	Período	Classificação
28	O Pará	1897 – 1900	Diário vespertino, órgão político, comercial, literário e noticioso.
29	A Pátria	1890	Quinzenal, crítico, literário e noticioso.
30	A Pátria Paraense	1894 - ?	Diário, noticioso, comercial, literário e imparcial em política.
31	O Pelicano	1872 – 1874	Bissemnal, discute assuntos científicos, literários , artísticos, industriais e noticiosos.
32	O Porvir	1888 – 1889	Semanal, literário e recreativo.
33	A Regeneração	1873 – 1877	Bissemnal, político, comercial, noticioso e literário .
34	Revista Estudantina	1890 - ?	Semanário, artístico e literário .
35	Revista Familiar	1883	Semanal, destaca ciências, literatura , indústria e educação.
36	O Trabalho	1889 – 1890	Quinzenal e literário .
37	A Vida Paraense	1883 – 1884	Trimestral, crítico, literário , científico e artístico.
38	A Voz do Caixeiro	1890 – 1892	Semanal, literário , comercial e noticioso.

Fonte: Dados da pesquisa, a partir do Catálogo Jornais Paraoaras, da Biblioteca Pública do Pará (1985).

Com relação aos periódicos destacados por esse levantamento, é possível fazer algumas observações. Assim como a grande quantidade de jornais lançados é evidente, não há como deixar de perceber que todos tiveram uma curta duração. Dos 38 periódicos listados, 24 duraram cerca de um ano, não sendo possível dizer com exatidão, pois não há, em todos, o registro dos meses de lançamento e encerramento no Catálogo Jornais Paraoaras (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Sete periódicos foram lançados em um ano e encerrados no ano seguinte e outros 18 tiveram seu início e fim ainda no mesmo ano. O restante dos periódicos durou em torno de dois a três anos, sendo que A Regeneração durou quatro anos e Cidade de Bragança circulou por cinco anos. De todos os periódicos literários do período, o mais duradouro foi o Jornal do Pará, que ficou em circulação de 1862 a 1878, ou seja, por 16 anos.

Dentre os jornais literários que o levantamento abrangeu, o mais antigo é o Adejo Literário, um jornal “semanal, instrutivo, literário e recreativo”, que surgiu em 1855 e durou até 1858. No período pesquisado, os últimos periódicos lançados datam de 1900 e se referem às publicações Cenáculo e O Jornal. Ambas surgiram e encerraram sua produção ainda em 1900. O Cenáculo era um periódico biográfico, bibliográfico, científico, pedagógico, literário, crítico e noticioso; já O Jornal era um órgão político, comercial, noticioso e literário. Não há data de encerramento no Catálogo para os periódicos A Pátria Paraense e Revista Estudantina, portanto, não há como classificá-los quanto a sua duração.

A literatura era apenas um dos componentes temáticos dos periódicos e dividia espaço com o comércio, a política, a agricultura, a indústria e a ciência, dentre outros assuntos, sendo que a política era um tema recorrente, que permeava quase todas as publicações. Com relação à periodicidade, 21 dos jornais, ou seja, a maioria, definiam-se como semanal ou quinzenal. Fugindo a esse padrão, apenas o Correio Paraense, o Jornal do Pará, O Pará e A Pátria Paraense eram diários, no período analisado (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

De acordo com o Catálogo Jornais Paraoaras, o primeiro jornal classificado como literário foi o Adejo Litterario, de 1855, porém, isso não quer dizer que antes disso já não havia jornais que traziam a literatura em suas páginas, como O Beija-flor, que circulou em 1850 e já trazia contos, poemas e romances. Isso acontecia porque ser classificado como literário não assegurava que haveria literatura, diretamente, no jornal. Segundo S. Barbosa (2007), na segunda metade do século XIX, o termo “literatura” ainda não remetia a um conceito próximo ao da concepção contemporânea.

A rigor, até o fim do século XIX o que parece ser Literatura são textos que mantêm a perspectiva horaciana de instruir e deleitar. Nesta concepção, o termo englobava a eloquência, a poesia, a história, a crítica e também as ciências (BARBOSA, S., 2007, p. 30).

Os dados que constam no Catálogo da Biblioteca Pública do Pará trazem um retrato da forte presença da literatura na imprensa paraense. Como este estudo se propõe a analisar a cobertura jornalística de temas literários, é importante conhecer um pouco a respeito da produção literária da região, com o propósito de verificar como ela foi, então, retratada nos jornais da época. A seguir, tratamos um pouco mais da produção literária paraense a fim de contextualizar e procurar entender a presença da literatura nos jornais da época.

1.8 A movimentação literária no Pará dos séculos XIX e XX

Um dos principais objetivos desta pesquisa é identificar como a literatura produzida no Pará foi apresentada nos jornais estudados, procurando perceber que espaço foi reservado à produção paraense e se o conteúdo das obras divulgadas tinha alguma relação com temáticas específicas do Pará.

Apesar da literatura já estar presente nos jornais antes mesmo da Folha, é a partir do período em que ela circulou que esta pesquisa busca compreender o comportamento literário da região, pois, segundo Meira, Ildone e Castro (1990), ao final do século XIX houve um largo desenvolvimento cultural e literário no Pará. Para eles, “a literatura paraense no século XIX sofreu grande impulso e ganhou outras dimensões” (MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990, p. 60).

M. Coelho (2003) conta que, no fim do século XIX, o movimento literário de Belém era rico e dinâmico. Durante a *Belle-Époque*³, momento de efervescência econômica e cultural da região, a intelectualidade de Belém mantinha pontos de encontro para discutir literatura e um desses pontos era a Livraria Universal do senhor Tavares Cardoso (COELHO, M., 2003). A autora (2003) explica que nesse mesmo período houve um crescimento de casas impressoras e livrarias, que facilitaram a publicação de livros de escritores da região. O cenário cultural e literário paraense estava mais vivo do que nunca.

Além das livrarias, os literatos boêmios liam seus romances, poemas e contos em concorridos saraus no Teatro da Paz, nas praças públicas, ou na casa de amigos. Diversos grupos de escritores e poetas tiveram uma sistemática publicação de livros e revistas. Havia vida literária, convívio espiritual nos cafés e teatros, nas nossas residências e até nos bondes (COELHO, M., 2003, p. 24).

Toda essa ebulição cultural e literária não poderia ficar de fora da incipiente imprensa da região, onde, de fato, marcou presença. Meira, Ildone e Castro (1990) destacam o papel desempenhado pelos jornais no desenvolvimento da literatura na região e na efervescência cultural do período, visto que ajudavam na divulgação do que era produzido (MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990).

Os jornais da capital e do interior sempre foram sustentáculos da palavra, não só para os que dedicaram a vida inteira ao jornalismo, como também para aqueles que, partindo desse estágio, buscaram, na publicação de livros, a realização literária. Salta à vista, portanto, o valor dessas publicações para uma visão mais abrangente da Literatura no Pará e ainda para ajuda àqueles que se detiverem na análise da

³ Segundo Sarges (2000), o período da *Belle-Époque* compreende os anos de 1870 a 1912.

evolução estilística dos autores, a partir, naturalmente, das primeiras contribuições destes aos jornais da terra (MEIRA, ILDONE; CASTRO, 1990, p. 178).

Dentre os jornais enumerados pelo autor como os mais atuantes nas letras e que se envolviam diretamente com movimentos políticos, sociais e literários, está a Folha do Norte, um dos periódicos analisados nesta pesquisa. Além de se destacar no jornalismo regional e nacional, a Folha do Norte atuou trazendo “seção especializada e adotando o que se fazia na Europa, a publicação de folhetins de pé de página: contos, novelas, e pequenos romances” (MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990, p.73). As redações dos jornais da época eram lugar de trabalho de alguns escritores, sejam eles já consagrados ou ainda estreantes. A Folha do Norte não fugia a essa regra: autores como Gonçalves Castro, Flexa Ribeiro, Manuel Lobato, Acrísio Mota, Joaquim Sarmanho e Mário Faustino fizeram parte da composição do jornal (MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990).

Para Meira, Ildone e Castro (1990), a literatura foi tão marcante nesse período da história do estado que a renovação literária no Brasil começou no Pará, apesar de este fato não ser devidamente retratado nos livros e mapeamentos históricos sobre a literatura brasileira. Segundo os autores, “seis anos antes da Semana da Arte Moderna em São Paulo, ou seja, em 1916, um grupo de escritores paraenses lançou a revista Efemeris⁴, em Belém” (MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990, p. 225).

Outro fato importante que evidenciou a movimentação cultural no Pará foi a existência de associações literárias. Com o objetivo de fortalecer e unir os que se debruçavam sobre a cultura, surgiram entidades culturais no final do século XIX e na primeira metade do século XX, porém, a maioria de curta duração, sendo a Mina Literária (1895-1899) uma das de maior prestígio e embasamento (MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990).

Azevedo (1990, p. 91) observa que a Mina pode ser considerada a única e mais influente associação, pois era especial e original e por ter feito grande propaganda da literatura nortista. Segundo M. Coelho (2003), a associação promovia eventos que alimentavam a produção e o consumo da literatura. “O grupo dos mineiros – como eram chamados os integrantes dessa associação – preparava conferências, promovia concursos literários, publicava livros, organizava saraus literários” (COELHO, M., 2003, p. 25).

⁴ Com direção de Arthur Guimarães Bastos, a revista foi criada por Lucidio Freitas e pelos jornalistas e poetas e Tito Franco, Alves de Sousa e Djard de Mendonça, que também foram fundadores da Academia Paraense de Letras, em 1900 (MEIRA; ILDONE; CASTRO, 1990, p. 225).

Azevedo (1990) conta que a Mina Literária foi inaugurada em 1º de janeiro de 1895, no salão nobre do Teatro da Paz, em Belém, e perdurou até 1899, encerrando suas atividades após uma cisão ocasionada pela fundação do Centro Literário Amazônico e a partida de muitos de seus membros. Contribuiu para o fato, também, a morte dos fundadores Natividade Lima e Leopoldo Souza.

Como já foi dito, a Mina Literária não foi a única associação a marcar a história da literatura paraense. Foi inclusive sob sua influência que nasceu, meses depois, a sociedade Ordem e Progresso, constituída por estudantes do Liceu Paraense (AZEVEDO, 1990). Entretanto, é apenas em 1900, mais especificamente no dia 3 de maio, que surge a Academia Paraense de Letras, durante sessão solene no Teatro da Paz. Segundo Meira, Ildone e Castro (1990), o surgimento da Academia foi favorecido e facilitado pela Mina Literária e sofreu influência da Academia Francesa e Brasileira, sendo criada após o surgimento de outras academias estaduais ao longo do país. Azevedo (1990) conta que a sua fundação foi ideia de Alvares da Costa, Enéas Martins e Artur Lemos. A história da Academia Paraense de Letras é marcada por algumas oscilações (AZEVEDO, 1990).

(...) a Academia Paraense de Letras é vítima de constantes colapsos, de desfalecimentos periódicos, que não a deixaram viver desassombadamente; mas... consta-me que este mal, ataca também as suas co-irmãs do norte e do sul do País: É mal sem cura, infelizmente... (AZEVEDO, 1990, p. 108).

Mais tarde, na década de 1940, surgiu outra associação importante no cenário literário paraense, a Academia dos Novos. Inaugurada em 7 de setembro de 1942, a associação, inicialmente composta por Jurandir Bezerra, Alonso Rocha, Max Martins, Benedito Nunes e Haroldo Maranhão, reunia-se para debater, ler e declamar poesias, fossem elas autorais ou não (COELHO, M., 2003). A Academia dos Novos durou até 1945 e para fazer parte do grupo era necessário passar por uma seleção que levava em conta a produção literária do candidato (COELHO, M., 2003).

Diz M. Coelho (2003, p. 49): “Passada a fase da Academia dos Novos, surge no Pará a geração de escritores que consolida a literatura moderna, com sua produção e sua crítica”. Essa fase da literatura paraense tem início em 1946, momento no qual ganhou novo impulso e amadureceu, sobretudo sendo publicada no suplemento literário da Folha do Norte, que recebeu o nome de Arte Literatura (COELHO, M., 2003).

Nesse tablóide dominical paraense, publicaram-se temas ligados a literatura, como o surgimento de norte a sul do Brasil de novos grupos literários; o lançamento de livros; a nova poesia; o pensamento filosófico do pós-guerra, o existencialismo, a

literatura engajada. Esse jornal literário divulgou o clima cultural da época, registrando uma composição cultural, artística e, especialmente, literária que proporcionou mudanças no movimento literário local (COELHO, M., 2003, p. 116).

Como é possível perceber, a vida cultural e literária do final do século XIX e metade do XX foi muito movimentada e marcada por várias fases. Toda essa ebulição se refletiu nos jornais, pois a imprensa foi um importante veículo de divulgação e publicação da produção paraense e também meio pelo qual os letrados podiam se informar sobre a literatura que vinha sendo produzida e discutida no restante do país ou do mundo.

Esta pesquisa procurou perceber como a literatura se apresentou nos dois jornais selecionados, na cobertura jornalística por eles empreendida, não só no final do século XIX e começo do XX, como também na atualidade, já imersa em um contexto bastante diferente, tanto no que diz respeito à literatura em si, quanto com relação à imprensa. No entanto, para que este mapeamento pudesse ser feito, além de compreender o contexto histórico e cultural que cercou os períodos estudados, foi preciso utilizar uma metodologia que permitisse entender o processo de cobertura jornalística. No capítulo a seguir, será possível conhecer os passos que levaram à seleção do *corpus* e as fases que auxiliaram na busca pelos dados sobre esse viés da história da imprensa paraense.

CAPÍTULO 2 - CONSTRUINDO UM MAPA RUMO AOS RESULTADOS

Para se chegar aos dados sobre a cobertura jornalística de assuntos literários nos jornais paraenses selecionados, foi preciso traçar um caminho que direcionasse a pesquisa, como um mapa, cujas coordenadas levassem ao objetivo final. Esse mapa será apresentado neste capítulo, compreendendo os processos que levaram aos dados, discutidos mais adiante. O procedimento metodológico usado foi a Análise de Conteúdo, apresentada a seguir, assim como o *corpus* de análise, a partir dos critérios e do caminho traçado. O capítulo também apresenta o protocolo de análise e os itens que o compõem.

2.1 Metodologia – A Análise de Conteúdo

Visando traçar a trajetória da cobertura da imprensa paraense sobre literatura, do final do século XIX até a atualidade, mais especificamente de 1896 até 2006, a pesquisa tem caráter exploratório, buscando uma compreensão geral das publicações analisadas a partir do método de Análise de Conteúdo. Para isso, definiu-se como base uma amostragem das edições que o período recortado abarca sem, no entanto, aprofundar em um elemento específico. Segundo Herscovitz (2008), a Análise de Conteúdo

(...) recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital, encontradas na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, p. 126-127, 2008).

Como *corpus* de análise foram selecionados dois periódicos: o jornal Folha do Norte (1896 – 1974) e o jornal O Liberal (1946 – atual). A Folha do Norte foi escolhida por se tratar de um periódico de grande importância para a cidade de Belém, sendo um jornal diário que durou 78 anos (SEIXAS *et al*, 2013) e que chegou a publicar um suplemento literário. Já o periódico O Liberal surgiu em 1946 e perdura até os dias atuais, sendo um dos jornais de maior destaque do estado. Os dois jornais figuram como o segundo e o terceiro jornais com maior tempo de circulação no Pará e com maior disponibilidade de consulta em acervo (SEIXAS *et al*, 2013).

A ideia foi dar uma visão geral do período que vai de 1896 até 2006, procurando identificar os passos dados pela cobertura jornalística a respeito da literatura, no Pará, a partir do final do século XIX. Neste caso, a análise longitudinal foi a que mais pareceu pertinente à finalidade da pesquisa, visto que “nas análises longitudinais, as comparações abarcam o mesmo contexto por um período de tempo mais longo. Isso nos permite detectar flutuações,

regulares e irregulares, no conteúdo, e inferir mudanças concomitantes no contexto” (BAUER, 2002, p. 195). Então, o estudo procurou verificar se no decorrer dos anos houve alguma mudança em alguns dos aspectos avaliados por esta pesquisa, como por exemplo, o uso de formatos e gêneros ou o espaço dado à literatura, sobretudo à produção regional.

Bauer (2002) classifica dois tipos de texto passíveis de serem analisados sob essa vertente. O texto estudado pode ser construído para a pesquisa em si, como no caso de uma entrevista, ou pode se tratar de um texto produzido previamente, com outra finalidade, como é o caso dos jornais selecionados para esta pesquisa, o que, para Bauer (2002), permite encontrar traços da comunicação humana.

No caso desta pesquisa, foram analisados conteúdos de periódicos impressos aos quais se tem acesso no acervo microfilmado da Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém, e no acervo digital da Biblioteca Nacional⁵, do Rio de Janeiro. O conteúdo foi inicialmente analisado a partir da perspectiva quantitativa e, depois, interpretado sob uma análise qualitativa, aliando as duas abordagens. Esta aplicação do quantitativo aliado ao qualitativo é uma tendência da Análise de Conteúdo, segundo Herscovitz (2008).

A tendência atual da Análise de Conteúdo desfavorece a dicotomia entre o quantitativo e o qualitativo, promovendo uma integração entre as duas visões de forma que os conteúdos manifesto (visível) e latente (oculto, subentendido) sejam incluídos em um mesmo estudo para que se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também um significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido (HERSCOVITZ, 2008, p. 126).

Foram identificados e quantificados os gêneros e formatos presentes nas edições selecionadas. Em um segundo momento, foi dado espaço à abordagem qualitativa, pois, após a coleta de dados, foi feita uma análise e uma interpretação do que foi colhido, tendo em vista o contexto histórico social dos jornais analisados.

2.2 A definição do *corpus* de análise

A definição do *corpus* de análise se deu após um processo de observação prévia de alguns jornais que marcaram a história da imprensa paraense, ou seja, para definir quais jornais seriam analisados, foi preciso, antes, fazer uma análise mais aberta e assistemática de alguns periódicos. Segundo Sellitz *et al* (1974), os estudos assistemáticos prévios ajudam na formulação do problema da pesquisa.

⁵ Disponível no site <http://hemerotecadigital.bn.br/>

Em estudos muito mais sistemáticos, a formulação do problema de pesquisa indica que tipos de dados serão mais significativos. Mas num estudo exploratório, onde há mais tendência para o emprego de observação assistemática, não se sabe antecipadamente que aspectos se revelarão como mais significativos (...) Como a observação assistemática é muitas vezes usada como técnica exploratória, a compreensão que o observador tem da situação tende a mudar durante o processo. Isso, por sua vez, pode exigir mudanças no que observa, pelo menos até o ponto de tornar mais específico o conteúdo da observação; e, muitas vezes, as mudanças exigidas podem ser fundamentais (SELLTIZ *et al.*, 1974, p. 233).

Antes de definir que jornais seriam analisados nesta pesquisa, realizou-se o que Bardin (1977) denomina leitura flutuante, um processo que permite “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 1977, p. 96). Os periódicos que passaram por essa leitura flutuante foram: Adejo Litterario (1855 – 1858), Jornal do Pará (1862 - 1878), O Estímulo (1877), A Arena (1887), Folha do Norte (1896 – 1974), Treze de Maio (1840 – 1862), Diario do Gram-Pará (1853 – 1892), O Jornal (1900), O Liberal (1946 – atual), Diario de Belém (1868 – 1892), O Liberal do Pará (1869 – 1889) e A Província do Pará (1976 – 2002).

A análise foi feita em edições escolhidas a partir de alguns critérios, como disponibilidade em acervo, tempo de duração e relevância do jornal para o período em que circulou, buscando observar a presença de referências literárias que o jornal pudesse trazer, desde contos, folhetins e poesias até a cobertura jornalística propriamente dita. Dessa forma, a observação prévia permitiu perceber quais jornais davam espaço à literatura e poderiam, assim, ser incluídos no *corpus*.

Após a análise assistemática, definiu-se que os jornais analisados seriam Adejo Litterario, O Jornal, Folha do Norte e O Liberal, abarcando o período compreendido entre 1855 e 2005. A ideia era fazer um apanhado geral da presença literária nos jornais, desde o surgimento do primeiro jornal classificado como literário até a atualidade. Nesse caso, qualquer referência literária seria catalogada, tanto a literatura propriamente dita como as matérias jornalísticas sobre o tema.

Todavia, um estudo de tamanha magnitude poderia perder o foco e uma nova definição foi feita, com a opção por analisar apenas o material jornalístico, fechando mais a análise na cobertura da temática literária. A pesquisa também esbarrou no problema da disponibilidade do acervo, pois a Biblioteca Pública Arthur Vianna não possuía o número suficiente de edições dos periódicos Adejo Litterario e O Jornal, nem havia essa disponibilidade em acervo de outra instituição. Fez-se então um levantamento de todos os jornais que poderiam entrar

para o *corpus*, identificando quais edições estavam disponíveis, para então definir quais periódicos seriam analisados, bem como os anos e meses que entrariam na pesquisa.

Dessa forma, a opção foi por analisar os jornais Folha do Norte e O Liberal, por serem jornais de destaque e figurarem entre os mais importantes e duradouros do estado no século XX, além de estarem disponíveis para consulta de forma mais completa no acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna e no acervo digital da Biblioteca Nacional. A Folha do Norte foi o segundo jornal mais duradouro do Pará (SEIXAS *et al*, 2013) e O Liberal perdura até a atualidade, trazendo, assim, a pesquisa para o contemporâneo.

A análise foi feita a partir de 1896, ano do surgimento da Folha do Norte, com um recorte de dez em dez anos, até 2006, sendo que os meses analisados foram os de janeiro e julho, por serem meses com um espaço de um semestre e por serem os mais disponíveis no acervo, como evidenciou o levantamento prévio. O ano de 1956 de O Liberal não estava disponível e, em substituição, foi analisado o ano de 1958. Houve também uma troca de meses no ano de 1946: como o jornal começou a circular apenas em novembro, analisou-se novembro e dezembro, e não janeiro e julho. Ao todo, o *corpus* foi composto por 588 peças jornalísticas.

A amostragem desta pesquisa é não-probabilística, visto que “não existe forma de estimar a probabilidade que cada elemento tem de ser incluído na amostra, e não existe segurança de que todos os elementos tenham alguma oportunidade de serem incluídos” (CHEIN, 1974, p. 577). Isso aconteceu porque, além de não-probabilística, a amostragem é intencional, ou seja, é feita a partir do julgamento do que deve ser incluído no estudo, tendo em vista os critérios definidos.

A suposição básica da amostragem intencional é que, com bom julgamento e uma estratégia adequada, possamos escolher os casos que devem ser incluídos na amostra e, assim, chegar a amostras que sejam satisfatórias para nossas necessidades. Uma estratégia comum da amostragem intencional é escolher casos julgados como típicos da população em que estamos interessados, supondo-se que os erros de julgamento na seleção tenderão a contrabalancear-se (CHEIN, 1974, p. 584).

Todo esse processo mostra que até mesmo a seleção do *corpus* de análise exige várias fases e critérios a fim de embasar a pesquisa e os dados gerados, o que ajudará, inclusive na interpretação que virá depois. Feita a seleção, passou-se para outro momento do estudo, a aplicação de um protocolo que refletia os objetivos da pesquisa. O protocolo será mais detalhado a seguir.

2.3 O protocolo de análise

Para realizar a pesquisa a partir da Análise de Conteúdo, teve-se como base um protocolo de captura de dados, a partir dos quais se desenvolveu a análise. “O protocolo ajuda a pensar, a identificar e a tipificar as especificidades da atividade jornalística, mapeando tendências e possíveis lacunas na obtenção, averiguação e apresentação das informações” (MAIA; SILVA, 2011, p. 26).

O protocolo é criado a partir de categorias. Segundo Bardin (1977), a categorização consiste na classificação dos elementos que constituem o conjunto, por diferenciação e reagrupamento segundo o gênero. Nesse caso, os critérios são definidos previamente. As categorias são como “rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da Análise de Conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns deste elemento” (BARDIN, 1977, p. 117).

Sendo assim, as peças jornalísticas foram lidas e classificadas, a partir de seu conteúdo, procurando-se, para isso, preencher uma planilha de codificação preparada para esta pesquisa. Após o preenchimento desta planilha foram gerados os dados estatísticos que, junto com a contextualização, nos permitiram analisar a cobertura jornalística de temas literários nos jornais Folha do Norte e O Liberal, ao longo do tempo. A seguir, o protocolo de análise usado para a pesquisa⁶.

Identificação

A peça jornalística foi primeiramente identificada e classificada a partir de **nome do jornal, título da peça jornalística, ano, mês, dia** e também a que **dia da semana** essa data correspondia. Pretendia-se perceber a frequência da temática literária em cada jornal e a forma como ela se dispôs ao longo do tempo, permitindo identificar as flutuações e os momentos de maior ou menor ocorrência, de forma a relacionar esses dados com os períodos históricos abarcados.

⁶ O protocolo proposto foi elaborado com base nos protocolos produzidos por Silva e Maia (2011) e por Carvalho (2013), que, por sua vez, seguiu o protocolo proposto em MASSARANI, Luisa; RAMALHO, Marina (Org.) Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana. Rio de Janeiro: Museu da vida/ Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz: Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), 2012, p. 11-14.

Assinatura

Também se levou em conta a assinatura das peças jornalísticas analisadas, visto que aquelas que são assinadas carregam um peso maior, indicam um repórter especializado no assunto ou com uma determinada linha ou estilo de escrita (Sousa, 2001). As matérias assinadas costumam ser aquelas em que houve uma maior produção ou cuidado na apuração e aprofundamento. Por isso, foram usadas as categorias **Assinada** e **Não-assinada**.

Gênero

Os gêneros predominantes da cobertura jornalística de temas literários também foram verificados nesta pesquisa. Para isso, usou-se como base a classificação estabelecida por José Marques de Melo (2009). Para o autor, a cada gênero corresponde um determinado número de formatos jornalísticos. Os gêneros são: o **Informativo**, de caráter factual; o **Opinativo**, de teor mais crítico; o **Interpretativo**, composto geralmente por relatórios, mapas e infográficos; o **Utilitário**, que traz preços, tabelas e estatísticas, por exemplo; e o **Diversional**, com informações literárias e histórias de interesse humano (MELO, 2012).

Formato do texto

A pesquisa procurou identificar como o conteúdo foi disposto no jornal. A partir desses dados foi possível inferir como se deu o tratamento da temática literária pelos periódicos e com que profundidade isso ocorreu. Os conceitos de formatos do autor José Marques de Melo (1985) serviram de base para esta classificação. É pertinente observar que no livro tomado como fonte, o autor (1985) usava uma terminologia designada como Categoria e Gênero, que foi modificada posteriormente e corresponde, na sua classificação atual, a Gênero e Formato. Além disso, foram acrescentados outros gêneros e formatos à classificação. As definições antes feitas, ressalvadas as mudanças na forma de nomeação e os acréscimos, continuam pertinentes. No entanto, nem todos os formatos classificados pelo autor (1985) estiveram presentes no protocolo, apenas os que se apresentaram mais recorrentes durante o levantamento inicial da pesquisa. Os formatos são Nota, Notícia, Reportagem e Entrevista, pertencentes ao gênero Informativo, e Comentário, Artigo, Resenha e Coluna, do gênero Opinativo.

Sendo assim, o texto foi classificado como **Nota** quando se tratou de um texto curto, a respeito de algum acontecimento que ainda estava se desenrolando e se desenhando. **Notícia**, quando relatou um acontecimento ou fato que já se sucedeu. Quando esse relato foi ampliado

e o acontecimento já tinha se alastrado no tecido social, produzindo resultados perceptíveis aos veículos de comunicação, foi classificado como **Reportagem**. **Entrevista** correspondeu a um conjunto de perguntas e respostas, geralmente feitas a um especialista ou pessoa de destaque na área, como quando o relato lançava uma luz sobre um ou mais protagonistas do fato retratado. O **Comentário** foi responsável por explicar as notícias, destrinchá-las, nem sempre com uma opinião explícita e direta, mas de caráter opinativo. O **Artigo** foi classificado como um texto apresentando opinião, julgamento, mas sem ser algo fechado, pois se referia a fatos ainda não acabados. Quando a peça jornalística se tratou de uma análise de determinada obra cultural, com fins de orientação, foi classificada como **Resenha/Crítica**. Por fim, a **Coluna**, de caráter contínuo, envolveu um mosaico de informações, geralmente furos de notícia e referentes a acontecimentos ainda não concluídos (MELO, 1985).

Localização do texto na página

Nos padrões atuais de jornalismo, a localização do texto em uma página diz muito da importância dada à matéria, o mesmo valendo para a página escolhida (SOUSA, 2001). A partir disso, neste tópico pretendeu-se identificar a localização das matérias literárias com a finalidade de analisar a importância dada a elas dentro do contexto do jornal. Nesse caso, as categorias foram: **Página par e Página ímpar**.

Destaque

A partir do protocolo, também se verificou o destaque dado à peça jornalística, a fim de perceber a importância das notícias literárias para o jornal e o que eles consideram relevante. Para isso, as peças foram classificadas em **Chamada de primeira página**, quando a manchete estava na primeira página do jornal; **Chamada de capa de caderno**, quando havia manchete na primeira página do caderno; **Matéria de capa de caderno**, quando a matéria era reproduzida inteiramente na capa do caderno e **Matéria de capa de jornal**, quando a matéria estava completa na capa de jornal, visto que em jornais mais antigos ainda não havia a configuração de chamadas na primeira página.

Editoria/Caderno/Seção/Suplemento

Neste tópico verificou-se dentro de qual contexto jornalístico a peça estava inserida, visto que os jornais, sobretudo os mais recentes, costumavam ser divididos conforme o assunto tratado. Sendo assim, os textos analisados foram classificados segundo as categorias **Caderno Atualidades, Caderno Cartaz, Caderno Magazine, Editoria Poder e Segundo**

Caderno, referentes a O Liberal, e Suplemento Arte-Literatura, Seção Echos e Notícias e Seção Livros Novos, pertencentes à Folha do Norte. Essas categorias foram registradas na primeira observação feita aos jornais. As peças encontradas em outros lugares que não esses geraram novas categorias, conforme foram aparecendo.

Tamanho

O tamanho da peça jornalística diz muito do espaço que a temática ocupa no jornal, logo, fala da sua importância para o veículo de informação, visto que cada pedaço do jornal tem um valor determinado pelo mercado. Sendo assim, esta pesquisa também classificou as matérias de acordo com o tamanho, usando para isso as categorias: **Página inteira, Meia página, ¾ de página, ¼ de página, Menor que ¼ de página, Mais de uma página, Uma coluna⁷, Mais de uma coluna e Outro.**

Recursos de edição

Pretendeu-se, neste caso, verificar que recursos acompanham as matérias analisadas (quando ocorrer), a fim de se perceber como isso varia, dependendo do jornal e do período. Sendo assim, quando houve recursos dessa natureza, eles foram inseridos a partir das seguintes categorias: **Gráfico, Quadro, Tabela, Box, Infográfico, Imagem não-fotográfica** (como **ilustrações** e **montagens**) e **Tipo de Fotografia**, dentro do qual estão inclusas as subcategorias **Autor, Livro, Autor e Livro, evento, Conteúdo e Outro.**

Valor-notícia

Tópico que pretendeu inserir dados sobre o que os jornais analisados consideraram como notícia, no que diz respeito à pauta literária. Quando a peça jornalística se caracterizava como uma notícia sobre uma obra nova no mercado, disponível para compra, enquadrou-se na categoria **lançamento de livro**. As notícias sobre eventos e acontecimentos planejados, no âmbito da literatura, como concursos, homenagens, saraus, recitais ou feiras de livro, por exemplo, foram categorizadas como **evento literário**. No caso do lançamento de um livro consistir em um evento de divulgação, foi enquadrado nessa categoria também.

Quando alguma obra era analisada ou criticada, seja por algum especialista ou leitor/jornalista, a peça categorizou-se como **crítica à obra**; no caso de o alvo da crítica ser o

⁷ Coluna, neste caso, não se refere a formato, mas à forma de organização dos textos nos jornais em colunas verticais, até a primeira metade do século XX, modelo adotado pelos jornais de Belém, entre eles a Folha do Norte.

autor, ao invés de uma obra específica, foi caracterizado como **crítica a autor**. Quando algum autor usou do jornal para defender-se de alguma crítica, foi enquadrado como **resposta à crítica**.

Quando a peça jornalística fez menção a alguma obra, sem que ela estivesse sendo lançada ou fosse novidade no mercado, foi caracterizada como **divulgação de obra**; quando isso ocorria com um autor ao invés de uma obra específica, foi, então, **divulgação de autor**. Tanto no caso da obra como do autor mencionado, entendia-se por divulgação qualquer menção, seja ela positiva ou negativa, não importando a finalidade da matéria. Entrou nesta categoria, por exemplo, a notícia sobre a morte, a viagem ou premiação de algum autor, ou, no caso da obra, alguma tradução ou proibição de livro.

No caso de uma obra ser mencionada com o único propósito de venda, como por exemplo, a notícia de alguma remessa chegada à determinada livraria, a peça jornalística categorizou-se como **venda de livro**. Foram classificados como **premiação**, os textos que mencionavam prêmios e concursos, ou diziam que algum autor ganhou determinado prêmio. Tudo aquilo que não se encaixou em nenhuma categoria acima discriminada, foi enquadrado em **outro**. Estas categorias não são excludentes e, por isso, foram categorizadas separadamente, visto que um mesmo texto poderia trazer mais de um desses elementos.

Procedência de obra

Com este tópico buscou-se compreender a cobertura dada ao que é produzido na região e ao que vem de fora, contabilizando que tipo de obra é mais recorrente quando se fala de literatura nos jornais, o que permitiu identificar qual procedência de livro foi mais valorizada. A intenção foi perceber se a produção paraense esteve em evidência ou se houve predomínio de obras de outros estados ou países. Foi levada em consideração qualquer obra mencionada nas peças analisadas.

O protocolo traz dois tipos de Procedência da obra. No primeiro, há a classificação para o país da obra, com os tópicos **Brasil, Estados Unidos, França, Portugal e Espanha**. O segundo se refere ao estado, sendo seus tópicos: **Pará, São Paulo e Rio de Janeiro**. Tais países e estados foram os principais identificados em uma primeira leitura dos jornais. Em ambos os tipos havia espaço para preenchimento de novos casos, ou seja, não se tratava de algo fechado, conforme foram aparecendo novos estados ou países, eles eram acrescentados

às categorias. Também há o item **Não identificado**, para os casos em que não foi possível conhecer especificamente de onde era a obra.

Tipo de obra

A pesquisa também procurou investigar que tipo de obra foi mais recorrente, por isso, também estava incluída a categoria **Obra de ficção**, dentro da qual foram colocados os livros cujo conteúdo se tratava de uma história ou uma narrativa. Aqueles livros que não tinham o propósito ficcional classificaram-se como **Obra de não-ficção**. E ainda houve os casos em que os textos tratavam de livros de poemas, cuja categoria foi **Poema**.

Tema da obra

Com relação à temática, as obras foram classificadas de acordo com seu conteúdo, ainda levando em conta a procedência do autor. Quando se tratou de um livro escrito por um autor paraense e que versava sobre uma temática do Pará, foi inserida como uma **Obra paraense sobre o Pará**; quando tratava de outras temáticas, foi uma **Obra paraense sobre outros temas**. No caso de ser escrita por um autor de outro estado, mas tratar sobre o Pará, foi uma **Obra produzida fora do Pará, sobre o Pará**, o mesmo valendo para livros de fora do país, classificados como **Obra estrangeira sobre o Pará**. Quando era de outro estado e versava sobre outros temas, foi vista como **Obra produzida fora do Pará, sobre outros temas**, ou **Obra estrangeira sobre outros temas**, quando era de fora do país. A intenção aqui foi identificar o regionalismo nas obras divulgadas pelos jornais. Por fim, o item **Não identificado** foi reservado para os casos em que o tema da obra não era esclarecido.

Enquadramento do texto

Esta seção tratou da ênfase dada pelas matérias. Procurou-se identificar aqui o que era considerado mais importante para os jornais em relação à literatura. Quando a peça jornalística focava na obra em si, classificou-se como **Ênfase no livro**; quando o foco recaiu sobre quem escreveu o livro, foi **Ênfase no autor**; caso a temática da obra fosse o elemento mais importante da matéria, foi **Ênfase no tema**. Essas categorias, porém, não eram excludentes.

Natureza do tratamento

O *corpus* desta pesquisa é composto por algumas peças de âmbito crítico, como resenhas literárias, por exemplo. E mesmo aqueles textos de cunho mais factual, mas nos

quais é possível identificar algum julgamento de obra ou autor. Devido a isso, este tópico dedicou-se à natureza do tratamento, ou seja, classificou os textos analisados segundo a forma como uma obra ou autor foi apresentado, podendo ser um texto de cunho **Negativo, Positivo** ou **Não identificado**.

Autores noticiados

A finalidade deste tópico consistiu em verificar quantos autores foram mencionados na cobertura jornalística sobre temas literários, a fim de verificar também se houve algum com um número significativo de menções. Inseriram-se aqui os escritores mencionados nas matérias sobre literatura. Assim como na categoria anterior, nesta os tópicos foram listados conforme os nomes dos autores iam aparecendo, no decorrer da pesquisa.

Essas são as categorias que fizeram parte do protocolo utilizado para a classificação dos textos encontrados nos jornais selecionados para a pesquisa. No Quadro 2 é possível ver, de forma geral, as categorias e subcategorias propostas:

Quadro 2: Categorias do Protocolo usado na pesquisa.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA
IDENTIFICAÇÃO	Nome do jornal
	Título da peça
	Mês
	Ano
	Dia
	Dia da semana
ASSINATURA	Assinado
	Não assinado
GÊNERO	Informativo
	Opinativo
	Interpretativo

FORMATO DO TEXTO	Utilitário
	Diversional
	Nota
	Notícia
	Entrevista
	Reportagem
	Comentário
	Artigo
	Resenha/Crítica
	Coluna
Outro	
LOCALIZAÇÃO DO TEXTO NO VEÍCULO	Página par
	Página ímpar
DESTAQUE	Chamada de primeira página
	Chamada de capa de caderno
	Matéria de capa de caderno
	Matéria de capa de jornal
EDITORIA/CADERNO/SEÇÃO/SUPLEMENTO	Caderno Atualidades
	Caderno Cartaz
	Caderno Magazine
	Editoria Poder
	Suplemento Arte-Literatura
	Seção Echos e Notícias

	Seção Livros novos
	Segundo Caderno (O Liberal antigo)
TAMANHO	Página inteira
	Meia página
	$\frac{3}{4}$ página
	$\frac{1}{4}$ página
	Menor que $\frac{1}{4}$ página
	Mais de uma página
	Uma coluna
	Mais de uma coluna
	Outro
RECURSOS DE EDIÇÃO	Gráfico
	Quadro
	Tabela
	Box
	Infográfico
	Imagem não fotográfica
	Tipo de fotografia (Autor/Livro/Autor e livro/Evento/Conteúdo/Outro)
VALOR-NOTÍCIA	Lançamento de livro
	Evento literário
	Crítica à obra
	Crítica a autor
	Resposta à crítica

	Divulgação de obra
	Divulgação de autor
	Venda de livro
	Outro
ESTADO DE PROCEDÊNCIA DA OBRA	Pará
	São Paulo
	Rio de Janeiro
	Não identificado
PAÍS DE PROCEDÊNCIA DA OBRA	Brasil
	Estados Unidos
	França
	Portugal
	Espanha
	Não identificado
TIPO DE OBRA	Ficção
	Não ficção
	Poema
	Não identificado
TEMA DA OBRA	Obra paraense sobre o Pará
	Obra paraense sobre outros temas
	Obra produzida fora do Pará, sobre o Pará
	Obra produzida fora do Pará, sobre outros temas

	Obra estrangeira sobre o Pará
	Obra estrangeira sobre outros temas
	Não identificado
ENQUADRAMENTO DO TEXTO	Ênfase no livro
	Ênfase no autor
	Ênfase no tema
AUTORES NOTICIADOS	A ser preenchido conforme os autores forem aparecendo na pesquisa

Fonte: Pesquisa da autora

2.4 A Codificação

Os dados colhidos por esta pesquisa passaram por um processo de codificação, a partir do qual foi possível fazer inferências a respeito da frequência e intensidade da presença dos elementos pré-estabelecidos na categorização, como os gêneros, formatos, valor-notícia e autores noticiados, entre outros.

A codificação corresponde a uma transformação - efectuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem ser índices (BARDIN, 1977, p. 103).

No caso desta pesquisa, a unidade de registro, definida por Bardin (1977, p. 104) como “a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial”, foi todo texto jornalístico publicado sobre assuntos literários no *corpus* selecionado.

O protocolo codificado, com base no qual foi feita a coleta de dados para análise, pode ser encontrado como apêndice desta dissertação. Cada categoria traz uma lista de itens e a cada item corresponde um número, ou código, que foi quantificado com a ajuda do *Software* “IBM SPSS *Statistics*” (*Statistical Package for the Social Sciences*) a fim de gerar os dados estatísticos a serem interpretados, apresentados em números absolutos, percentuais e na forma de gráficos, permitindo uma melhor visualização dos resultados.

Os dados gerados pelo programa, a partir do protocolo construído para esta pesquisa, foram interpretados e analisados, a fim de se chegar ao objetivo final estabelecido para o estudo: um mapeamento da cobertura jornalística sobre literatura, em dois jornais paraenses. Nos capítulos seguintes será possível conhecer melhor os resultados e suas devidas interpretações.

CAPÍTULO 3 - MAPEAMENTO DA COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE LITERATURA

Após traçar o caminho metodológico pelo qual foi possível chegar aos resultados desta pesquisa, tendo sempre em vista o contexto histórico do surgimento dos primeiros jornais e da sua relação com a literatura, chega a hora de conhecer os dados gerados, a fim de interpretá-los à luz das teorias jornalísticas, para compreensão da cobertura jornalística empreendida pelos jornais Folha do Norte e O Liberal.

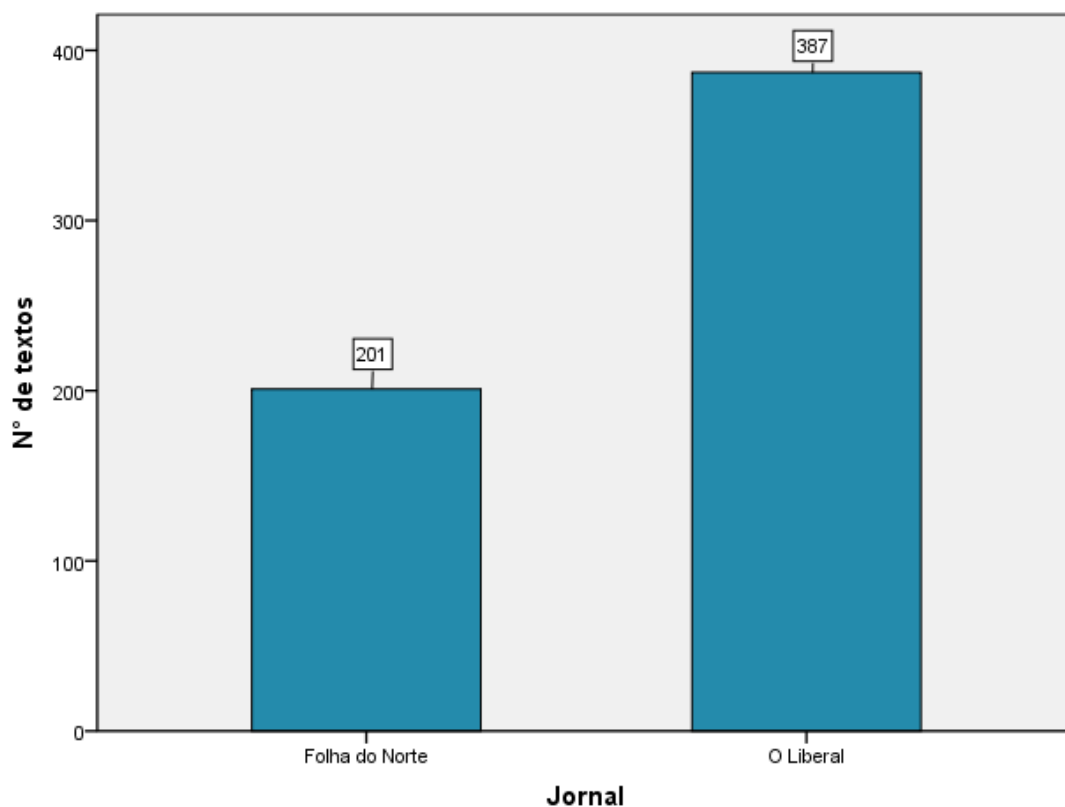
Neste capítulo, será possível conhecer mais detalhadamente o *corpus* de análise, procurando-se explorar os pormenores que podem dar pistas sobre a importância que os jornais estudados conferem à pauta literária. Serão analisados ainda quais recursos visuais e gráficos são mais recorrentes e o que eles dizem sobre essa cobertura, bem como a natureza do tratamento desses textos jornalísticos. Também serão analisados a relevância e o espaço que a literatura paraense possui nas páginas desses periódicos e os formatos e gêneros mais utilizados na hora de compor os textos acerca da literatura. Tudo isso, com a finalidade de proporcionar uma visão geral sobre a cobertura jornalística deste tema em específico.

3.1 O *corpus* de análise

Com a Análise de Conteúdo, foi possível observar a cobertura dos jornais Folha do Norte e O Liberal sobre assuntos literários, ao longo do período que compreende os anos de 1896 a 2006. A fim de compreender como é feita a cobertura jornalística de temas literários, neste capítulo, os dados gerados foram analisados à luz das teorias que guiam o fazer jornalístico, de forma a permitir inferir a importância que o tema literatura tem para os periódicos estudados.

Ao todo, os dois jornais selecionados trouxeram 364 edições com conteúdo de teor literário, onde publicaram 588 textos jornalísticos sobre literatura. Deste *corpus*, 201 (34,2%) foram veiculados pelo jornal Folha do Norte e 387 (65,8%) por O Liberal. Foram analisados os meses de janeiro e julho, de dez em dez anos, sendo que as décadas analisadas na Folha do Norte compreendem os anos de 1896 a 1966 e em O Liberal constam as décadas de 1946 até 2006. Não houve disponibilidade do jornal O Liberal em 1956, então, foi analisado o ano de 1958, para que não ficasse uma década sem análise. Por isso, em 1956 só há registro de textos da Folha e em 1958 só constam textos de O Liberal, correspondendo aos dados da década. Os dois jornais circularam simultaneamente apenas de 1946 a 1966, no que diz respeito ao *corpus* desta pesquisa (Gráfico1).

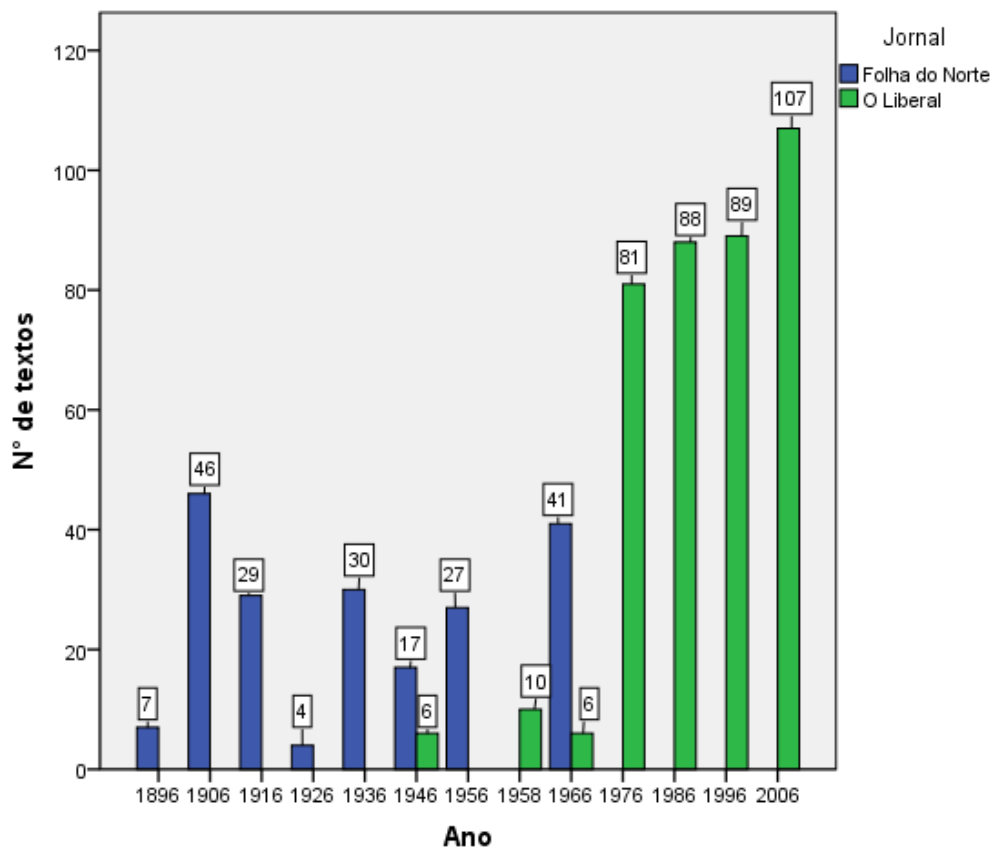
Gráfico 1: Número de textos jornalísticos analisados na Folha do Norte e em O Liberal .



Fonte: Dados da pesquisa

Os dados também foram analisados segundo o seu nível de aumento e diminuição de percentual ao longo do tempo, a fim de verificar se houve alterações na cobertura dos jornais sobre o tema. Essas possíveis mudanças que ocorreram no decorrer das décadas foram associadas ao contexto histórico ao qual correspondem, na tentativa de compreender as nuances e alterações da relação entre imprensa e literatura. No Gráfico 2 é possível ver o volume de textos publicados por jornal, em cada ano do *corpus*.

Gráfico 2: No. de textos dos jornais Folha do Norte, em janeiro/julho, por década,



Fonte: Dados da pesquisa

Assim, de todos os períodos que compõem o *corpus*, o que teve maior volume de textos sobre literatura foi o de 2006, com 107 (18,2%) textos publicados, todos de O Liberal. A Folha, por sua vez, teve o de 1906 como o de maior circulação de textos referentes à literatura, com 46 (7,8%) peças jornalísticas registradas. Com exceção deste caso, nos demais anos em que ambos os jornais circularam simultaneamente, a Folha teve maior produção (Gráfico 2).

É importante levar em conta que, do conjunto de anos que compõe o *corpus* analisado nesta pesquisa, ambos os jornais circularam simultaneamente apenas durante três dos anos analisados, portanto, mais do que comparar a atuação deles na cobertura jornalística de temas literários, busca-se perceber, a partir de cada um, quais características cada período histórico carrega no que diz respeito a essa cobertura, visto que cada jornal traz as marcas de seu tempo. Enquanto a Folha do Norte é mais antiga, O Liberal surgiu mais tarde e, ao longo dos anos, foi incorporando as características do jornalismo que conhecemos hoje.

Mais do que saber sobre os números que definem o volume de publicações sobre literatura nos jornais Folha do Norte e O Liberal e a sua distribuição ao longo do tempo, esta pesquisa procurou entender particularidades do que foi veiculado, ou seja, analisou não só a quantidade, mas também a natureza do que foi publicado sobre o ramo literário e a importância que o tema teve para os jornais e períodos estudados.

3.2 A importância da literatura para os jornais estudados

Cada segmento da mídia carrega algumas particularidades. Devido a isso, por serem veículos da mídia impressa, os jornais Folha do Norte e O Liberal trazem consigo características do meio, que devem ser levadas em conta no momento de compreender a relevância que eles conferem à literatura. Segundo Charaudeau (2006), é preciso haver cuidado com a forma com que o veículo irá anunciar uma notícia, ou seja, o dispositivo, visto que elementos como paginação e titulação, dentre outros, são formas textuais que possuem três funções: “fática, de tomada de contato com o leitor, epifânica, de anúncio da notícia, e sinóptica, de orientação ao percurso visual do leitor no espaço informativo do jornal” (CHARAUDEAU, 2006, p. 233), ou seja, a forma como uma notícia é apresentada contribui para a leitura que será feita dela.

(...) o dispositivo é uma maneira de pensar a articulação entre vários elementos que formam um conjunto estruturado, pela solidariedade combinatória que os liga. Esses elementos são de ordem material, mas localizados, agenciados, repartidos segundo uma rede conceitual mais ou menos complexa. O dispositivo constitui o ambiente, o quadro, o suporte físico da mensagem, mas não se trata de um simples vetor indiferente ao que veicula, ou de um meio de transportar qualquer mensagem sem que esta se ressinta das características do suporte. Todo dispositivo formata a mensagem e, com isso, contribui para lhe conferir um sentido (CHARAUDEAU, 2006, p. 104).

É por isso que elementos característicos da mídia impressa devem ser levados em consideração quando se faz uma análise da cobertura jornalística empreendida por jornais, pois esses elementos são capazes de dizer muito a respeito da importância que uma determinada temática tem para essa mídia. A forma como o assunto é tratado, quando e onde ele aparece sinalizam o espaço dado pela mídia, bem como o valor que tem perante os outros com os quais divide as páginas dos jornais.

Dessa forma, elementos como dia da semana, assinatura, paginação, chamadas e divisão em cadernos, seções e colunas, foram levados em conta na categorização dos textos, visando compreender como a literatura se dispõe na imprensa. Que espaço foi sendo dado a ela? Isso

mudou ao longo do tempo? Buscamos as respostas interpretando os dados gerados pela pesquisa.

A Folha do Norte e O Liberal são jornais diários, ou seja, circulavam todos os dias da semana, diferentemente dos jornais da primeira metade do século XIX na Província do Grão-Pará, que tinham outras periodicidades. Os dias de semana geralmente trazem pautas mais factuais e informativas, obedecendo a um ritmo mais intenso, ditado pela produção industrial que o jornalismo adquiriu quando virou uma empresa.

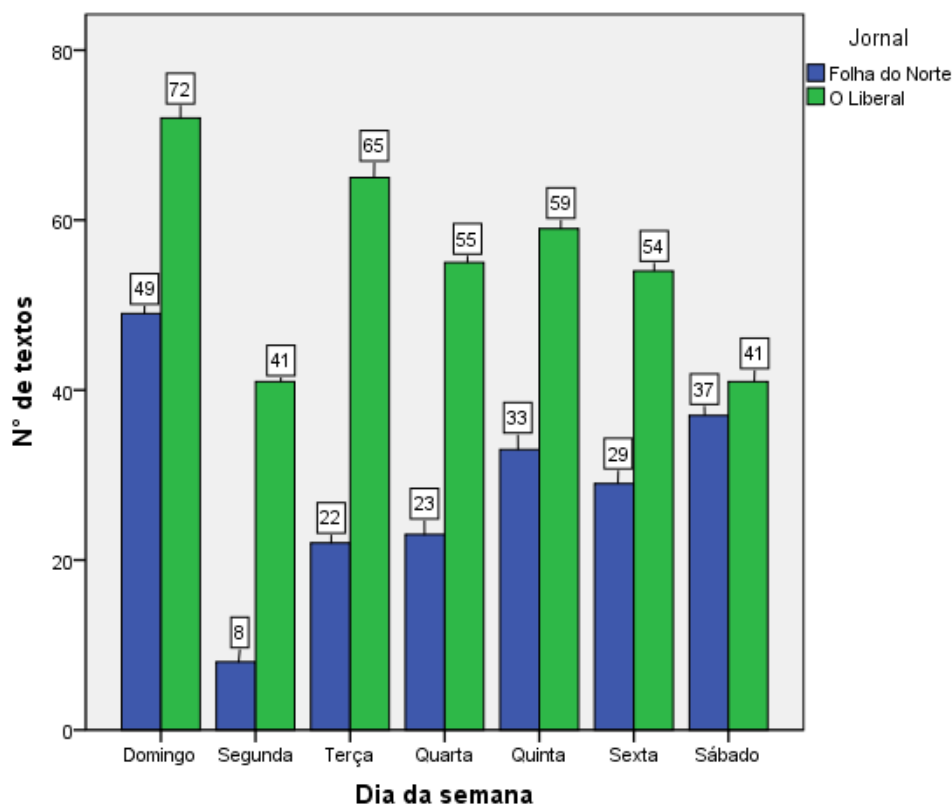
A obsessão pelos fatos acompanhou uma crescente obsessão com o tempo e uma maior orientação por parte da imprensa para os acontecimentos. O impacto tecnológico marcou o jornalismo do século XIX como iria marcar toda a história do jornalismo ao longo do século XX até o presente, apertando cada vez mais a pressão das horas-de-fechamento, permitindo a realização de um valor central da cultura jornalística - o imediatismo (TRAQUINA, 2005, p. 53).

Os finais de semana, por se caracterizarem como dias mais parados, sem muita novidade, acabam por envolver pautas mais frias, interpretativas, ou mais aprofundadas, por terem tido um maior tempo de apuração. Mas os domingos também são considerados dias importantes, por terem uma maior tiragem, já que se trata de um dia em que geralmente há mais leitores, que tiram a folga para se informar.

A leitura apressada do jornal dos dias úteis é substituída pelo olhar mais demorado do fim de semana, que mistura o lazer, o interesse intelectual e serviços ao leitor (...) A importância do domingo quanto ao consumo de jornal varia de país para país. No Brasil, ele é o dia em que se registram as maiores tiragens (LIMA, 2013, p. 117).

Assim, procurou-se verificar em que dia da semana havia mais ocorrência de textos jornalísticos sobre literatura. De todos os textos publicados que compõem o *corpus*, o dia da semana com mais textos foi o domingo, com 121 (20,6%) casos. Logo em seguida vem a quinta-feira, com seus 92 (15,6%) casos. Na terça, foram registrados 87 (14,7%) textos, enquanto que na sexta foram 83 (14,1%) e a quarta-feira apresentou 78 (13,2%) ocorrências, mesmo valor apresentado pelo sábado. O dia da semana com menor número de textos foi a segunda-feira, com 49 (8,3%) peças jornalísticas sobre literatura (Gráfico 3). No entanto, é possível notar que não houve uma discrepância muito grande entre o número de publicações por dia de semana, havendo, portanto, uma distribuição relativamente equilibrada.

Gráfico 3: No. de textos da Folha do Norte e de O Liberal por dia da semana.

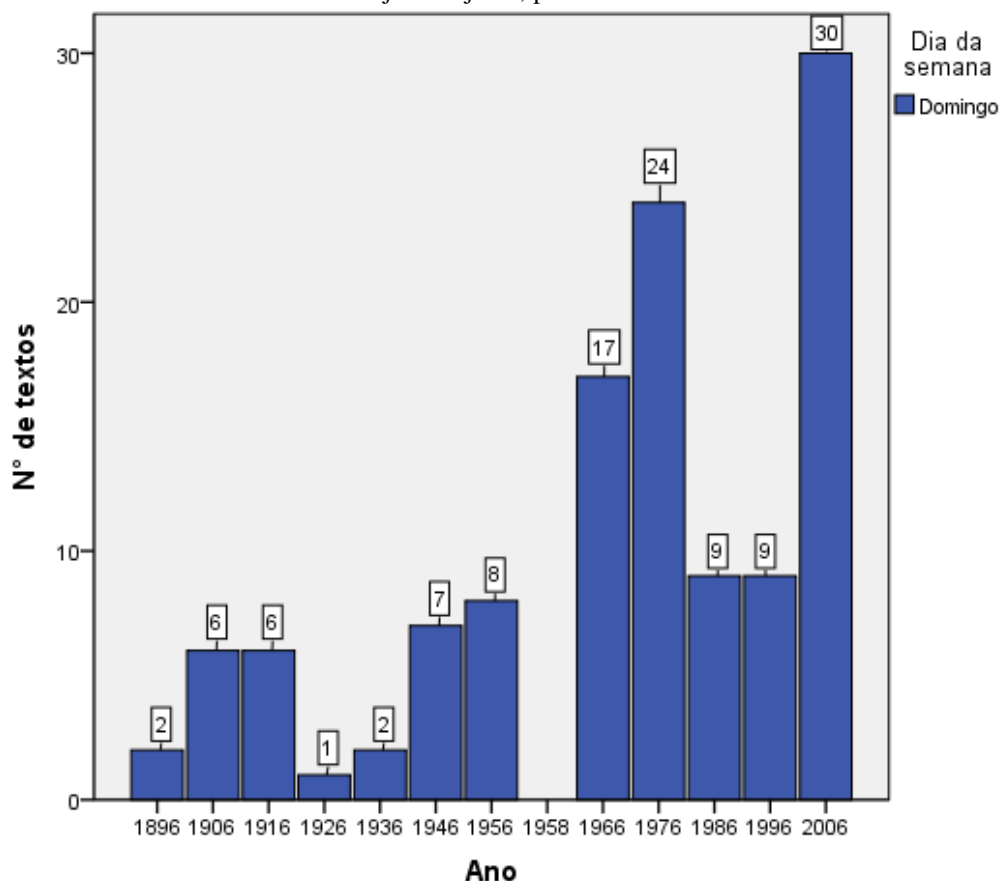


Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisar a publicação em dias da semana, por jornal, nota-se que O Liberal foi o que mais publicou em todos os dias da semana, porém, na segunda-feira, dia com menor número de publicações, houve uma disparidade muito grande entre os jornais, com 41 (83,6%) textos de O Liberal e apenas oito (16,3%) da Folha do Norte. Com relação aos demais dias da semana, na terça O Liberal foi responsável por 65 (74,7%) matérias; em seguida vem a quarta-feira, com um percentual de publicação de 55 (70,5%) textos. Na sexta-feira, o jornal ficou com 54 (65%) peças jornalísticas; na quinta, foram 59 (64,1%); no domingo, 72 (59,5%) e, por fim, o sábado, com 41 textos, correspondentes a um percentual de 52,5%.

Como domingo foi o dia com mais incidência de textos sobre literatura, procurou-se observar como este fenômeno ocorreu ao longo dos anos contemplados por este estudo e percebeu-se que 30 (24,7%) textos, ou seja, a sua maioria, foram publicados durante o ano de 2006. Quando se observa a publicação aos domingos no decorrer dos anos, é possível ver um gráfico bem irregular, com anos em que o número caiu e outros em que cresceu, sem seguir uma linha descendente ou ascendente (Gráfico 4).

Gráfico 4: No. de textos publicados aos domingos na Folha do Norte e em O Liberal, em janeiro/julho, por década.



Fonte: Dados da pesquisa

Uma explicação para os dados do domingo em relação aos demais dias da semana é que seria um dia de pautas mais “frias”, de assuntos de interesse humano, não necessariamente aqueles mais sérios que afetam diretamente o cotidiano dos leitores, visto que a literatura é um tema mais leve, que nem sempre precisa ser lido com urgência, no dia seguinte ao acontecimento a que se refere. A maior ocorrência em 2006 pode ser explicada pelo fato de, nesse ano, O Liberal circular, sempre aos domingos, um caderno dedicado à cultura e ao entretenimento, onde foram publicadas muitas das notícias sobre literatura do periódico.

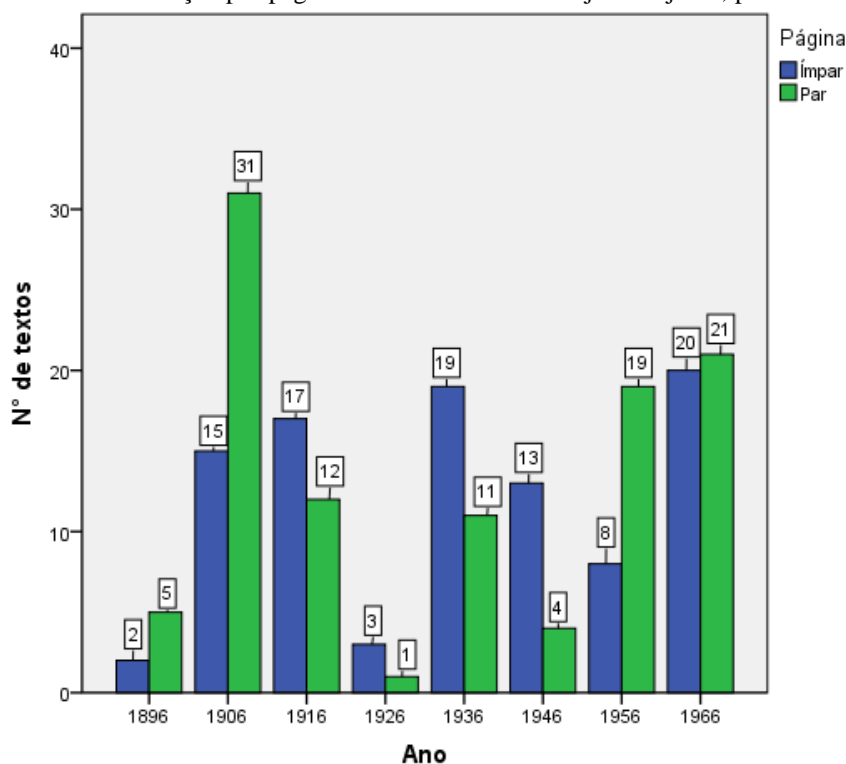
Da localização das notícias em dias de semana, passamos para a localização em páginas de jornal. A numeração das páginas também é levada em conta ao se escolher o lugar que o texto jornalístico irá ocupar, isso porque páginas ímpares são mais visadas que páginas pares. Sousa (2001) conta que ao abrir um jornal, é comum o leitor mover o olhar da direita para a esquerda, por isso as páginas ímpares são sempre as primeiras a serem lidas.

A paginação assimétrica levou a que as notícias mais importantes começassem a ser inseridas no cimo das páginas ou no seu canto superior exterior. Valorizaram-se também, crescentemente, as páginas ímpares em detrimento das pares, se excluirmos a última página (SOUSA, 2001, p. 349)

De acordo com a pesquisa empreendida por este estudo, a maioria dos textos analisados foi publicada na página ímpar do jornal. De todo o *corpus*, 306 peças, o que corresponde a 52% dos textos, foi considerado importante o suficiente para ocupar uma página ímpar. No entanto, essa porcentagem não reflete uma diferença muito grande, pois há um certo equilíbrio na publicação em páginas pares e ímpares.

Os dois jornais valorizaram de forma diferente os dois tipos de páginas. A Folha do Norte trouxe mais textos sobre literatura nas páginas pares: 104 (51,7%) contra os 97 (48,2%) publicados na página ímpar (Gráfico 5).

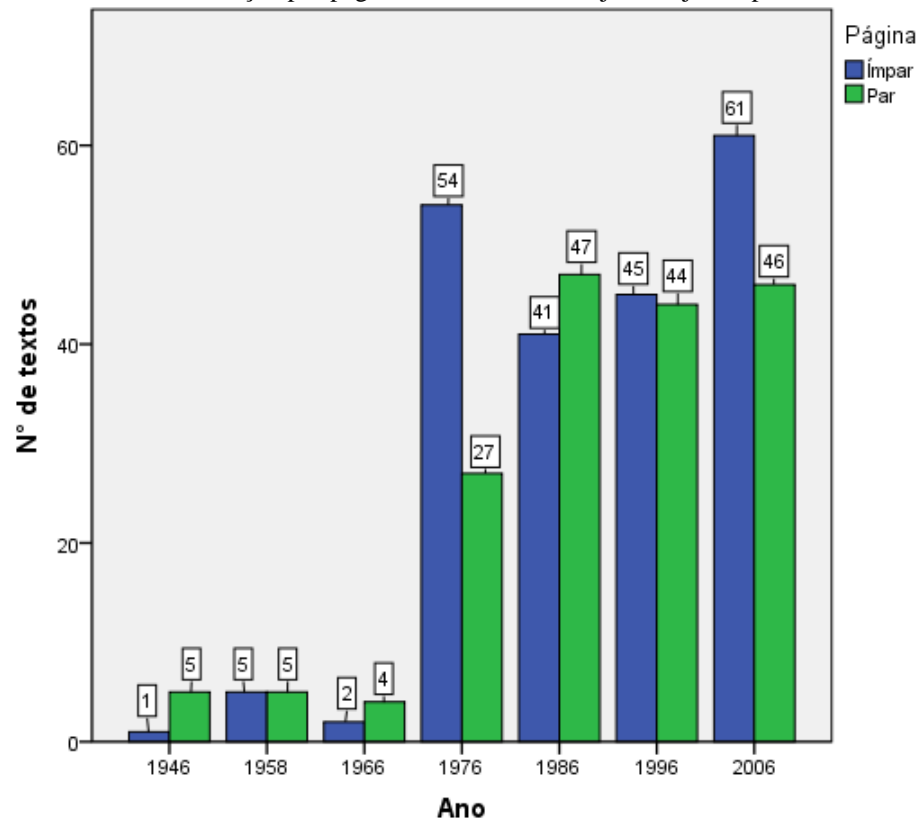
Gráfico 5: Publicação por página na Folha do Norte em janeiro/julho, por década.



Fonte: Dados da pesquisa

Já O Liberal teve 209 (54%) de seus textos localizados em páginas ímpares, enquanto que as pares somam 178 (45,9%). Em resumo, enquanto houve mais páginas ímpares em O Liberal, na Folha predominaram as pares (Gráfico 6).

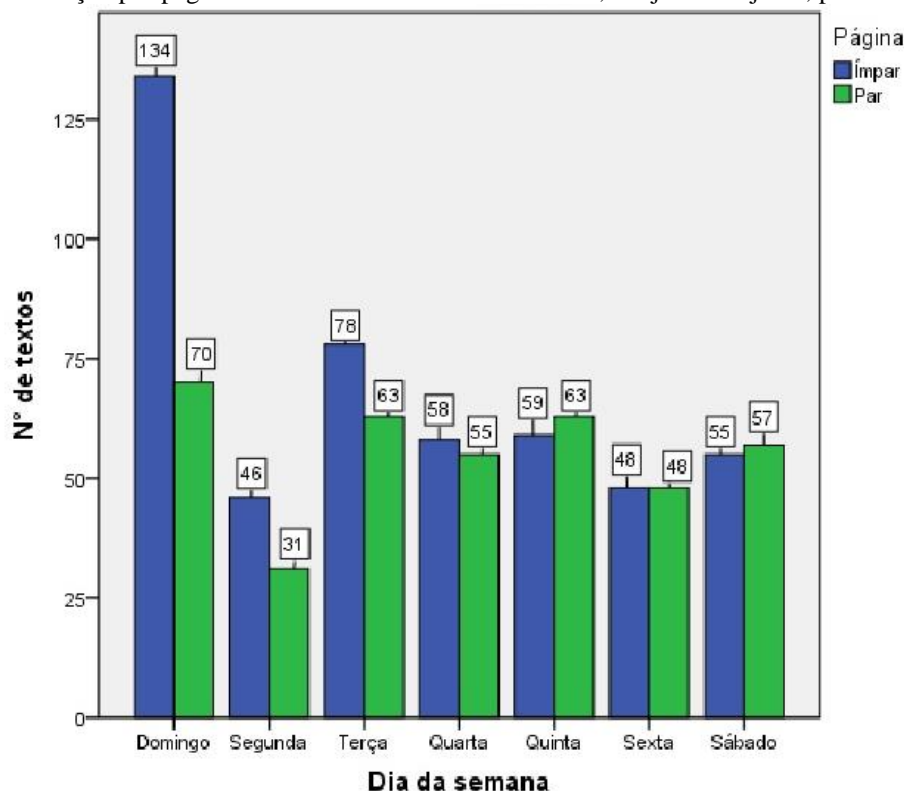
Gráfico 6: Publicação por página em O Liberal, em janeiro/julho, por década



Fonte: Dados da pesquisa

Ainda é possível observar a distribuição de páginas pares ou ímpares a partir dos dias da semana. De segunda a sábado percebe-se uma pequena diferença na paginação, sendo que segunda, terça e quarta há um número maior de textos em páginas ímpares, já na quinta e no sábado há uma preferência pela página par. Na sexta houve um equilíbrio, mas é no domingo que a diferença se mostra bem mais significativa, com o predomínio de páginas ímpares (Gráfico 7).

Gráfico 7: Publicação por página na Folha do Norte e em O Liberal, em janeiro e julho, por dia da semana.

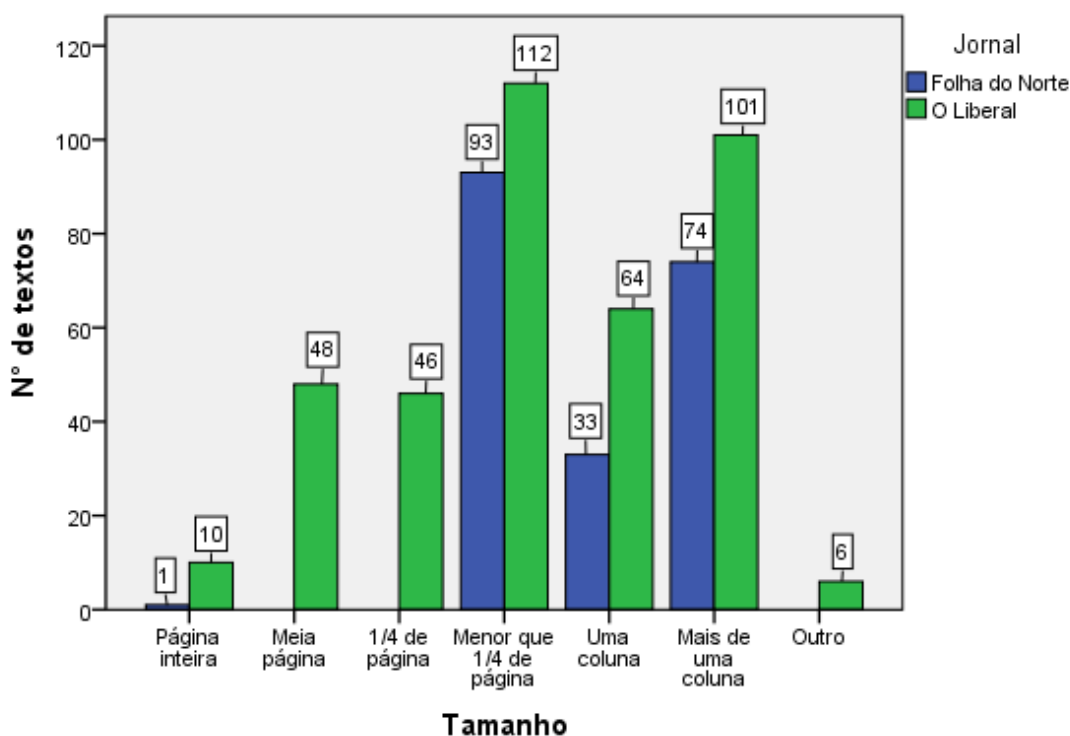


Fonte: Dados da pesquisa

Por outro lado, não importa apenas a página que o texto ocupa, mas também quanto da página é usada para se escrever sobre literatura. Devido a isso, o tamanho dos textos pode indicar também a relevância do tema para o jornal. Por isso, nesta análise, levou-se em consideração a extensão das matérias. Os dados observados evidenciam que a divisão de espaço nos jornais se alterou ao longo do tempo: durante a existência da Folha do Norte, o jornal foi dividido em colunas, já quando se trata de O Liberal, inicialmente o conteúdo vinha disposto em colunas, mas a partir de 1976 passou a ter uma divisão mais próxima da de quadrantes, que conhecemos hoje.

A partir disso, ao olhar o levantamento realizado para esta pesquisa, percebe-se que 205 dos 588 textos, o equivalente a 34,9% do *corpus*, ocupava menos que $\frac{1}{4}$ de página, ou seja, a maioria dos textos se tratava de notas ou notícias curtas. Em segundo lugar vieram os textos que preenchiam mais de uma coluna. Nesta categoria estavam 175 (29,8%) textos. Por fim, há aqueles que preenchiam uma coluna, no caso das edições em que ainda predominavam as colunas; esse caso soma 97 (16,4%) ocorrências. Os textos que ocuparam meia página somam 48 (8,1%) casos e aqueles com $\frac{1}{4}$ de página, 46 (7,8%). Houve apenas 11 (1,8%) casos de matérias de página inteira, sendo apenas um (9%) deles na Folha do Norte (Gráfico 8).

Gráfico 8: No. de textos nos jornais Folha do Norte e O Liberal por tamanho.



Fonte: Dados da pesquisa

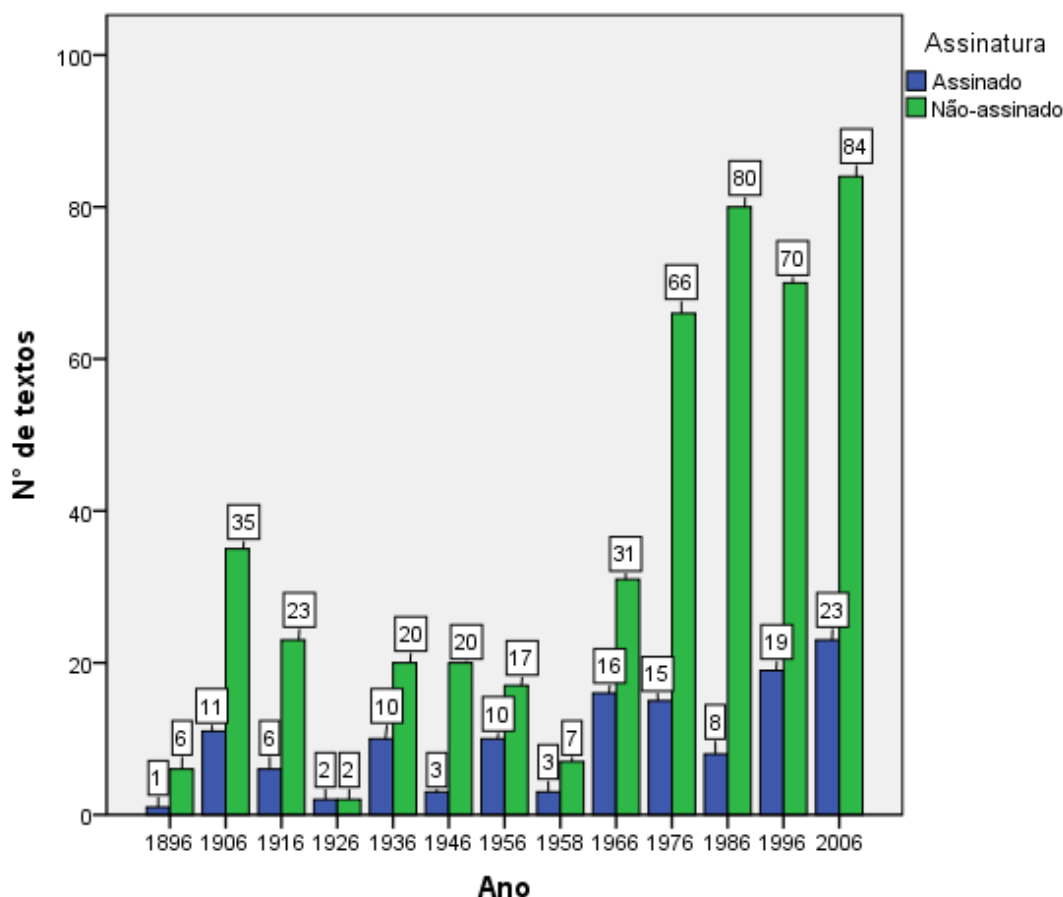
O jornal O Liberal foi o que trouxe os maiores textos, a maioria deles concentrada nos últimos anos da pesquisa, pois o ano de 1996 trouxe seis (54,5%) textos de página inteira e o de 2006 apresentou quatro ocorrências (36,3%) desse tipo. Foi no ano de 2006 que também se concentraram os textos de meia página, 35 casos (72,9%), em O Liberal. Na Folha do Norte, o ano em que a literatura teve mais espaço foi o de 1966, quando 23 (11,4%) textos ocuparam mais de uma coluna do periódico. A Folha trouxe apenas um (9%) texto de página inteira, no ano de 1936. Esses dados mostram que com o passar do tempo a literatura foi ganhando mais espaço, não só por estar presente com mais frequência, mas também por ser apresentada em textos mais longos.

Outra questão observada foi a assinatura nos textos analisados. Sabe-se que repórteres e autores mais renomados ou que detêm uma marca forte na escrita costumam assinar seus textos (SOUSA, 2001). Isso acontece também quando a matéria é mais densa, investigativa e aprofundada. Dessa forma, ter ou não assinatura pode ser um indício do tipo de texto ou até mesmo se o assunto costuma ser deixado nas mãos de jornalistas mais especializados na redação. No caso da literatura, também pode acontecer de o texto ser assinado por um crítico literário ou por um colunista.

De acordo com Schudson (1978), a assinatura foi um dos dispositivos que promoveu o conceito de objectividade, entendida enquanto separação entre os factos e os comentários, já que a assinatura daria conta de que uma determinada peça teria sido escrita por uma determinada pessoa, com valores próprios (SOUSA, 2001, p. 349).

Sendo assim, avaliou-se também a frequência de assinaturas nos textos que compõem o *corpus* analisado. A pesquisa, então, evidenciou que apenas 127 textos (21,6%) trouxeram a assinatura do autor, seja o nome completo, o pseudônimo ou as iniciais. O ano de 2006 foi o que mais teve textos de autoria identificada. Em nenhum dos anos analisados o número de textos assinados superou o de não assinados, porém, no ano de 1926, houve um equilíbrio, com dois textos de cada tipo, todos na Folha. Pode-se aventar, então, que assinar uma notícia não era uma prática muito comum quando se tratava de temas literários, no período e nos jornais analisados (Gráfico 9).

Gráfico 9: Assinatura dos textos nos jornais Folha do Norte e O Liberal por década.

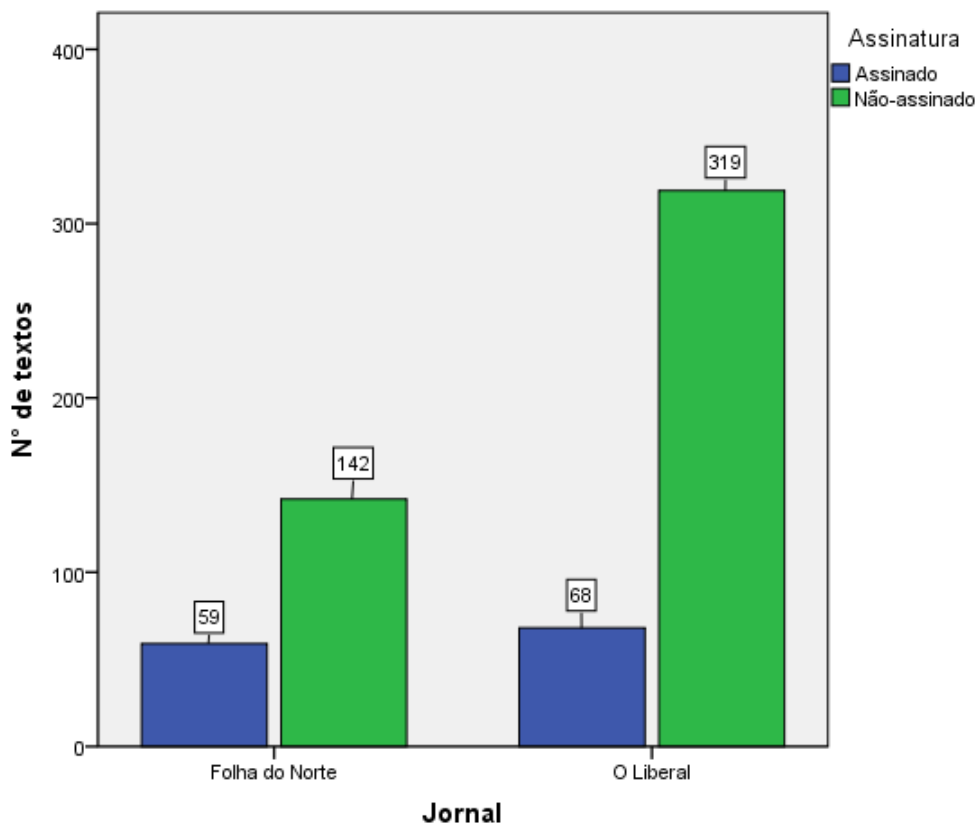


Fonte: Dados da pesquisa

Nos dois jornais o número de textos não assinados foi maior que o de assinados, porém, ao se comparar os números de cada caso, por jornal, percebe-se que a Folha do Norte foi a

que trouxe mais textos assinados, proporcionalmente, pois 59 textos, ou seja, 29,3%, trazia o nome do autor, enquanto que em O Liberal apenas 68, ou 17,5%, de seus textos era assinado (Gráfico 10).

Gráfico 10: Textos assinados na Folha do Norte e em O Liberal.



Fonte: Dados da pesquisa

Quando uma notícia é considerada de grande importância em relação às demais notícias que dividem espaço no jornal, ela consta na capa do periódico (SILVA, 1985), ou em sua primeira página, no caso de jornais mais antigos nos quais a definição e configuração de capa não era como a que conhecemos hoje. Segundo Silva (1985), “a primeira página de um jornal representa a embalagem de todo o produto. É importante que esta página reúna características e atrativos individuais para que o leitor possa identificar o jornal através dela” (SILVA, 1985, p. 46).

É na primeira página dos jornais que constam as chamadas, recurso referente às principais notícias do dia, responsáveis por atrair os leitores para a leitura das matérias que ocupam as páginas que compõem o jornal (SILVA, 1985). Garcia (1994) diz que a chamada é

um dos textos mais importantes do jornal: “O seu conjunto é a vitrine de cada edição, e tem os maiores índices de leitura. A chamada precisa ao mesmo tempo atrair atenção do leitor para as páginas internas e constituir informação completa em si” (GARCIA, 1994, p. 57).

Devido a uma revolução gráfica realizada pelos jornais brasileiros por volta dos anos 50, algumas mudanças chegaram e colocaram fim a um modelo antigo com “língua rebuscada, quase ilegível e pouco atraente, seccionado em colunas por fios verticais e outros adereços” (BAHIA, 1990, p. 378). O jornal então, alterou-se em todos os seus aspectos.

A revolução gráfica racionaliza a produção editorial e torna mais dinâmica a notícia. Tudo no jornal é afetado por novas formas de edição que visam valorizar o conteúdo e o leitor ao mesmo tempo. Não é só aparência que está em causa, mas formalmente a mensagem, basicamente o meio, essencialmente o produto (BAHIA, 1990, p. 382).

A configuração em que a primeira página contém as chamadas não fazia parte dos jornais do início da imprensa. Segundo Sousa (2001), “índices e sumários começaram a integrar-se nas primeiras páginas dos jornais a partir dos anos setenta [1970], devido às experiências de reformulação gráfica e ao processo de engorda que a imprensa sofreu” (SOUSA, 2001, p. 377).

Pensando nisso, este estudo também procurou identificar se as pautas literárias tiveram chamadas nas primeiras páginas dos jornais. Do *corpus* inteiro, apenas 6 textos (1%) tiveram chamada na primeira página do jornal, todos em O Liberal, sendo dois em 1986, dois em 1996 e dois em 2006 (Imagem 4).

Imagem 4: Chamada de primeira página em O Liberal, 10 de julho de 1996.

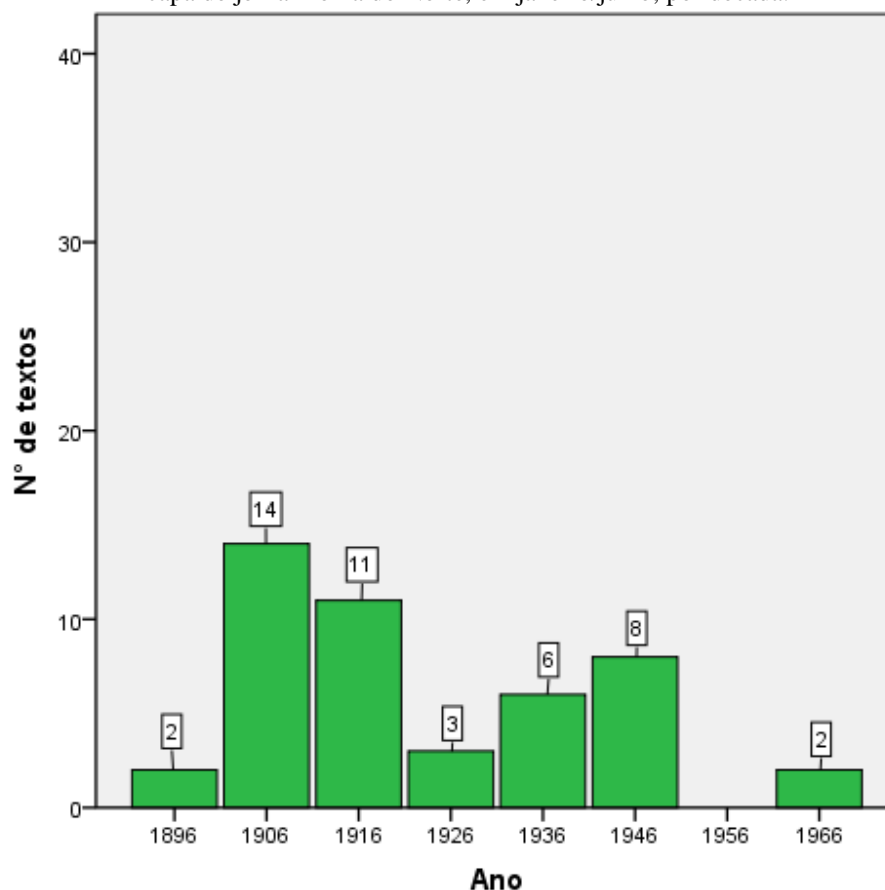


Fonte: Fotografia da autora, sobre exemplar do acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Apesar do primeiro caso de chamada sobre literatura na capa ter sido registrado apenas em 1986, O Liberal já apresentava algumas chamadas de textos sobre outros temas, no ano de 1966. A capa era, em sua maioria, composta ainda por matérias e notas completas, mas algumas chamadas já se faziam presentes e remetiam a conteúdos que se encontravam no interior do jornal. No que diz respeito à Folha do Norte, não houve registro de chamadas de textos sobre literatura nos anos analisados, pois esta composição de capa de jornal, em chamadas, não foi encontrada no periódico nas edições estudadas por esta pesquisa.

Também houve momentos em que o texto constava inteiro na capa do jornal, ou primeira página, no caso de edições em que ainda não havia esta estrutura definida e estratificada como vemos hoje. Ao todo, foram 49 (8,3%) matérias publicadas na capa do jornal. Destas, 46 (93,8%) foram publicadas na Folha e apenas três (6,1%) em O Liberal. O ano em que houve maior volume de matérias de capa na Folha foi o de 1906, com 14 (28,5%) casos (Gráfico 11).

Gráfico 11: No. de textos publicados integralmente na capa do jornal Folha do Norte, em janeiro/julho, por década.



Fonte: Dados da pesquisa

Com relação às chamadas em capas de caderno, o número também é bem inferior, apenas uma matéria teve chamada em capa de caderno e isto ocorreu no ano de 1996, em O Liberal. Nenhum caso de chamada em capa de caderno foi encontrado na Folha do Norte, mas é importante lembrar que a Folha não apresentou muita segmentação em cadernos no período analisado. Além disso, uma capa com chamadas é característica da primeira página do jornal, enquanto as capas de caderno costumam trazer notícias e notas na íntegra, embora haja casos em que a capa de caderno apresentada por O Liberal traga as duas formas, ou seja, alguns textos na íntegra e algumas chamadas.

Por isso, foi bem maior o número de casos em que o texto jornalístico sobre literatura vinha inteiro (ou boa parte) na capa do caderno. Ao todo, foram 29 (4,9%) casos, um (3,4%) na Folha do Norte, em 1936, e 28 (96,5%) no jornal O Liberal, sendo que, neste último, 25 (89,2%) foram publicadas em 1996 e três (10,7%) em 2006. Essa concentração se deve ao fato de a divisão em cadernos ser uma configuração não adotada no início da imprensa paraense. Em 1996 e 2006, anos em que houve maior volume desse dado, a estratificação em cadernos já era uma prática firmada por O Liberal, que possuía, inclusive, um caderno dedicado somente à cultura.

A estratificação em cadernos, inclusive, também é uma configuração recente. Sousa (2001) conta que ao final dos anos 70 elementos como a cor, a infografia, os suplementos e a segmentação chegam aos jornais. A divisão do jornal deu origem, por exemplo, aos cadernos e foi “motivada pela divisão do trabalho nas redações, por sua vez decorrente do aparecimento do profissionalismo jornalístico desde o final do século XIX, quando a *penny press* substituiu a *party press*⁸” (SOUSA, 2001, p. 348).

Sendo assim, a estratificação do jornal em cadernos se trata de algo recente na história da imprensa brasileira e paraense. No *corpus* pesquisado, verificou-se uma primeira divisão na Folha do Norte do ano de 1956, quando ainda não havia exatamente um caderno, mas algumas edições de muitas páginas eram divididas em duas seções. No ano de 1966 já foi possível encontrar uma estratificação que resultou na presença do 2º Caderno, que, inclusive, foi o único caderno da Folha, registrado por esta pesquisa, que trouxe alguma notícia sobre literatura.

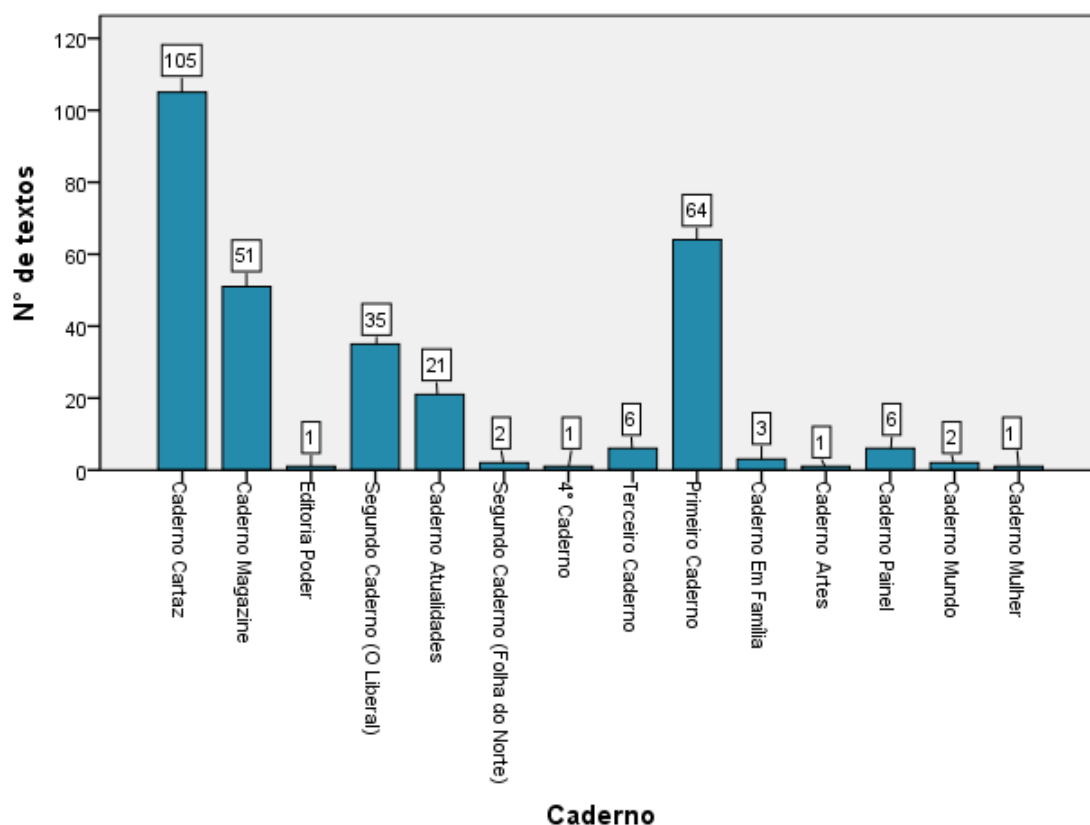
⁸ *Penny press* é um termo usado para designar uma imprensa popular, dirigida à massa trabalhadora, já a *party press* corresponde ao jornalismo de opinião, geralmente vinculado à política (SOUSA, 2001).

Quanto ao jornal O Liberal, no *corpus* analisado, a primeira divisão foi percebida no ano de 1976, com cadernos identificados apenas como 1º, 2º, 3º e 4º cadernos. Havia nesse ano também o Caderno Em Família, no qual foi registrada a presença de assunto literário. Em 1986, já havia publicação sobre literatura no Caderno Artes. Em 1996, registrou-se a presença da temática estudada em cadernos como Atualidades, Cartaz e Painei.

O primeiro ano analisado por esta pesquisa foi o de 1896 (com a Folha do Norte) e o primeiro caderno a ser registrado como veículo de alguma notícia literária apareceu em 1956, por isso, alguns dos textos analisados aqui não se encontravam em nenhum caderno específico, mas eram parte do jornal, em um sistema sem divisões. Segundo o levantamento realizado, dos 588 textos, 299 (50,8%) faziam parte de um dos 13 cadernos registrados que compunham os jornais e que, em algum momento, trouxeram um texto jornalístico de conteúdo literário.

Em O Liberal, os cadernos foram Cartaz, Magazine, Atualidades, 4º caderno, 3º caderno, 2º caderno, 1º caderno, Em Família, Artes, Painei, Mundo e Mulher. Na Folha do Norte, circulou o Segundo Caderno. Desses cadernos, o que mais trouxe textos sobre literatura foi Cartaz, dedicado à cultura e entretenimento e veiculado por O Liberal, com 104 (17,7%) matérias (Gráfico 12).

Gráfico 12: No. de textos por caderno, na Folha do Norte e em O Liberal.



Fonte: Dados da pesquisa

Dentro de um caderno podem estar inseridas divisões ainda menores, as seções e colunas, por exemplo, que muitas vezes trazem as marcas de um autor específico. Do total de textos que compõem o *corpus* de análise, 194 (32,9%) estavam localizados em uma coluna ou seção específica. O levantamento registrou três colunas na Folha do Norte (Tabela 3) e 23 colunas em O Liberal (Tabela 4), além de 12 seções na Folha do Norte (Tabela 5) e 12 seções em O Liberal (Tabela 6) que chegaram a apresentar conteúdo informativo literário. A coluna que trouxe mais notícias sobre literatura foi Repórter 70, de O Liberal, com 21 (3,6%) ocorrências. Grande parte das colunas trazia o nome do redator em seu próprio título.

Tabela 1: Colunas publicadas na Folha do Norte.

Coluna	Frequência	Porcentagem
Coluna “Vida Social e Associativa” por Viriato	1	0,2%
Coluna Guaracy de Brito Informa	5	0,9%
Coluna Ronda Literária	11	1,9%

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 2: Colunas publicadas em O Liberal.

Coluna	Frequência	Porcentagem
Repórter 70	21	3,6%
Coluna Reportagem Social	2	0,3%
Coluna Vera	3	0,5%
Coluna Homens e Negócios	1	0,1%
Coluna Isaac Soares	3	0,5%
Coluna Notícias e Comentários	6	1,2%
Coluna Ary de Vasconcelos	1	0,2%
Coluna Artur da Távola	2	0,3%
Coluna Fatos e Pessoas	1	0,2%
Coluna Maria Raja Gabaglia	1	0,2%
Coluna Lucio Flavio Pinto	1	0,2%
Coluna João Malato	1	0,2%
Coluna Ibrahim Sued	1	0,2%
Coluna Panorama	1	0,2%
Coluna Hildegard Angel	1	0,2%
Coluna A Voz do Leitor	1	0,2%
Coluna Tutti Qui	2	0,3%
Coluna Bernardino	10	1,7%
Coluna Sete Dias	1	0,2%
Coluna Paulo Coelho	3	0,5%
Coluna Ancelmo Goes	1	0,2%

Fonte: Dados da pesquisa.

Já a seção com mais incidência de temas literários foi Echos e Notícias, publicada pela Folha, com 37 (6,3%) textos. Assim como a coluna Repórter 70, essa seção trazia notícias sobre literatura em meio a assuntos gerais.

Tabela 3: Seções publicadas na Folha do Norte.

Seção	Frequência	Porcentagem
Seção Echos e Notícias	37	6,3%
Seção Livros Novos	9	1,5%

Chronica dos Livros	1	0,2%
Nossos Telegramas	1	0,2%
Seção Livros e Revistas	2	0,3%
Ineditoriais	5	0,9%
2º Seção	1	0,2%
Serviço Telegraphico	2	0,3%
Seção A Folha no Mundo	1	0,2%
Seção Caminhos dos Livros	2	0,3%
Litteratura e Arte	2	0,3%
Mais Poetas	2	0,3%

Fonte: Dados de pesquisa

Tabela 4: Seções publicadas em O Liberal.

Seção	Frequência	Porcentagem
Fatos e Flashes	1	0,2%
Seção Crônica	1	0,2%
Seção Jornal Pessoal	2	0,3%
Roda Viva	1	0,2%
Seção Livros	5	0,9%
Seção O Mundo	1	0,2%
Seção Artes	9	1,5%
Seção Local	21	3,6%
Seção Opinião	4	0,7%
Seção Artigos	1	0,2%
Seção Poder	1	0,1%
Seção Livros Novos	4	0,7%

Fonte: Dados da pesquisa

O caderno com mais ocorrência de textos sobre literatura foi Cartaz, com 105 matérias (35,3%), veiculado por O Liberal e responsável por divulgar notícias do mundo do entretenimento, cultura e arte. No que diz respeito à coluna, percebe-se que Repórter 70, de assuntos gerais, foi a que mais apresentou a temática, em comparação às demais colunas, com

21 (3,6%) notas sobre o tema. Já quando observamos as seções, vemos Echos e Notícias como a de maior publicação de assuntos literários, pois trouxe 37 (6,3%) notas sobre literatura. Dessa forma, é possível notar que, quando se trata da localização da notícia literária em seções e colunas, há uma forte presença do assunto em partes do jornal que se propõem a tratar de temas mais gerais e não só de literatura especificamente.

3.3 Recursos visuais

Uma matéria jornalística pode usar vários recursos para ilustrar seu conteúdo ou complementá-lo, como gráficos, quadros, tabelas, infográficos, boxes e imagens. Para verificar se os jornais analisados usavam recursos que pudessem aprofundar a temática em pauta, procurou-se levantar quantas vezes cada um deles aparecia, levando-se em conta que mais de uma alternativa poderia aparecer no mesmo texto. Percebeu-se que, do *corpus* analisado, não houve nenhum caso de uso de gráficos, quadros, tabelas e infográficos. Os únicos recursos que se fizeram presentes foram os boxes e as imagens, fotográficas ou não.

Ao todo, foram 15 (2,6%) textos que usaram o box para complementar o conteúdo, todos em O Liberal e concentrados nos anos de 1996 e 2006. O box consiste no acréscimo, separadamente, de informações adicionais às matérias, de forma a aprofundar o assunto para quem se interessar por saber um pouco mais do que fora escrito na notícia, geralmente vem entre fios, para ficar separado do restante do conteúdo (PUBLIFOLHA, 2008). No caso dos jornais estudados, foi um recurso usado recentemente, pois, no *corpus* desta pesquisa, só foi registrado nesses anos. O texto abaixo (Imagem 5) foi publicado na matéria “Mergulho no mundo de Jorge Amado”, que circulou em O Liberal no dia 23 de julho de 2006.

Imagem 5: Box da matéria “Mergulho no mundo de Jorge Amado”, O Liberal, 23 de julho de 2006, Caderno Magazine, p. 09.



Fonte: Fotografia da autora, sobre exemplar do acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

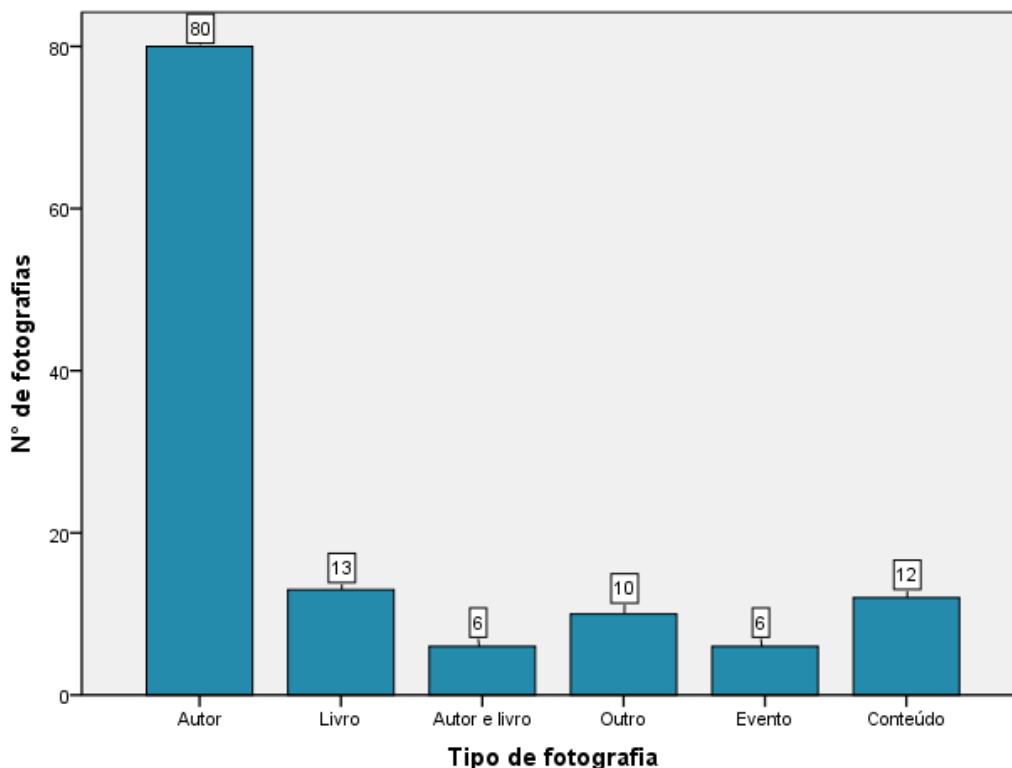
Outro recurso que merece atenção é o uso de imagens. Segundo Sousa (2001), as imagens, sejam elas fotográficas ou não, induzem a um aumento no nível de leitura dos títulos a que se referem: “A utilização de imagens tende a ser mais importante do que o título no que diz respeito ao processamento do resto do texto” (SOUSA, 2001, p. 381). Ver que um jornal reservou um espaço não só para um texto como também para uma imagem que se refere a uma temática literária pode dar uma ideia da relevância que esse tema tem para o periódico. No entanto, a imagem nem sempre esteve presente nos jornais paraenses, foi chegando aos poucos na mídia impressa do estado.

Na virada do século XIX para o século XX, a imprensa local vai intensificando os usos da imagem: nos jornais, de maneira mais sóbria, com ilustrações de busto e até mesmo de cenas exteriores; em algumas revistas, os desenhos humorísticos se fortalecem, com críticas à política ou aos costumes da sociedade local. Os anúncios vão ficando mais produzidos, com floreados, desenhos e aumentam de tamanho (SEIXAS, 2011, p. 299).

No caso dos textos jornalísticos sobre literatura, nos jornais e períodos analisados, apenas oito (1,3%) foram os casos de uso de imagens não fotográficas: eram desenhos ou caricaturas, em O Liberal e nos anos de 1976, 1996 e 2006. As fotografias apareceram em volume maior, constando em 127 (21,5%) matérias, sendo nove (7%) na Folha do Norte e 118 (92,9%) em O Liberal. O ano em que mais houve fotografias nos textos foi o de 2006, com 50

(39,3%) casos em O Liberal. Em 80 casos (62,9%) tratou-se de fotografias do autor da obra ou escritor (Gráfico 13).

Gráfico 13: No. de fotografias por cena fotografada, na Folha do Norte e em O Liberal.



Fonte: Dados da pesquisa

No *corpus* desta pesquisa, a primeira vez que um texto sobre literatura usou uma fotografia foi no ano de 1936, na Folha do Norte. Em O Liberal, a primeira matéria a ser ilustrada por foto foi no ano de 1958. No entanto, segundo Seixas (2011), já havia casos de uso de fotografia em jornais paraenses no ano de 1915.

Nos jornais, é certo que em 1915 já se viam algumas fotografias em A Tarde e no Estado do Pará, podendo ter sido introduzida em anos anteriores. É a partir de 1919/1920 que a fotografia passa a ser usada com mais frequência nos jornais, retratando não só pessoas mas também cenas exteriores, como a procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré (SEIXAS, 2011, p. 301-302).

Embora o uso de fotografias seja menor que o volume registrado de matérias jornalísticas sobre literatura, deve-se levar em conta que se trata de um recurso que foi ganhando espaço aos poucos na mídia impressa paraense, por isso sua concentração nos anos de 1996 e 2006. A pesquisa também evidenciou que quando houve fotografias nos textos

optou-se muito mais pela exposição de autores, dando uma chance aos leitores de conhecerem melhor quem está por trás dos livros, o que acaba também por dar maior evidência aos escritores.

3.4 Quando o jornal toma uma posição

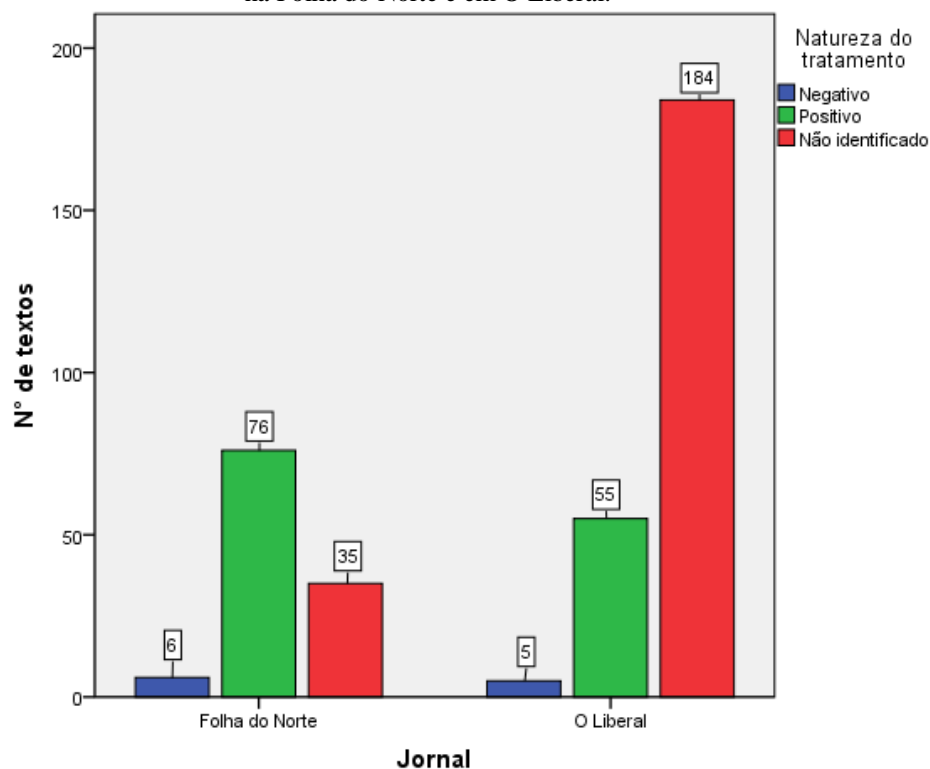
Segundo os dados analisados por esta pesquisa, nos textos opinativos sobre literatura, percebeu-se que cabia ao crítico julgar a obra ou o autor sobre o qual falava, em alguns casos predominavam as críticas negativas ao objeto literário de análise, em outros, eram tecidos muitos elogios. Alguns dos textos informativos, que segundo as atuais regras de produção jornalística devem buscar a imparcialidade, acabaram por revelar algum tipo de julgamento ou tendiam para os aspectos positivos da obra.

É relevante destacar que dizer que um texto tinha um cunho mais positivo ou negativo não quer dizer, necessariamente, que se tratava de um texto opinativo. Em alguns casos desta pesquisa, textos informativos apresentavam um certo julgamento a respeito do livro ou autor tratado. Isso acontece porque, como explica Melo (1985), por mais informativo que um texto seja, há toda uma colocação ideológica por parte do próprio jornalista ou do processo de produção.

Admitir a convivência de categorias que correspondem a modalidades de relato dos fatos e das ideias no espelho jornalístico não significa absolutamente desconhecer que o jornalismo continua a ser um processo social dotado de profundas implicações políticas, onde a expressão ideológica assume caráter determinante. Cada processo jornalístico tem sua dimensão ideológica própria, independente do artifício narrativo utilizado (MELO, 1985, p. 16).

Por isso, nesta categoria avaliou-se a natureza do tratamento dado aos textos jornalísticos sobre literatura. Sempre que foi possível identificar, o texto foi classificado como negativo ou positivo. O resultado encontra-se no Gráfico 14.

Gráfico 14: Natureza do tratamento dado aos textos jornalísticos sobre literatura, na Folha do Norte e em O Liberal.



Fonte: Dados da pesquisa

Os casos em que o texto tinha um cunho mais negativo com relação à obra ou autor foram poucos, somando 11 (3%) ocorrências. Os textos que elogiavam ou destacavam pontos positivos do objeto literário em questão foram 131 (36,2%). Na maioria dos casos, 219 (60,6%), não foi possível identificar a natureza do tratamento. Dos textos cuja natureza do tratamento foi identificada, na Folha do Norte, 6, ou seja 7,3%, são de cunho negativo, enquanto que 76 (64,9%) possuem um teor positivo. Já em O Liberal, 5, o que corresponde a 8,3% dos textos identificados, criticam negativamente e 55 (22,5%), positivamente. Assim, proporcionalmente, O Liberal foi o jornal com mais textos de teor negativo sobre literatura.

3.5 Sobre livros paraenses

A proximidade é um dos valores-notícia mais relevantes que auxiliam os jornalistas a selecionar os fatos que vão virar notícia e compor as páginas dos jornais, ou seja, quanto mais próximo do leitor for o acontecimento, maiores são as chances que ele tem de virar manchete (CHARAUDEAU, 2009). Logo, um acontecimento que teve lugar na cidade do leitor tem muito mais importância que aquele que veio de outro país, por exemplo, pois tem mais chances de afetá-lo diretamente, como explica Charaudaeu (2009):

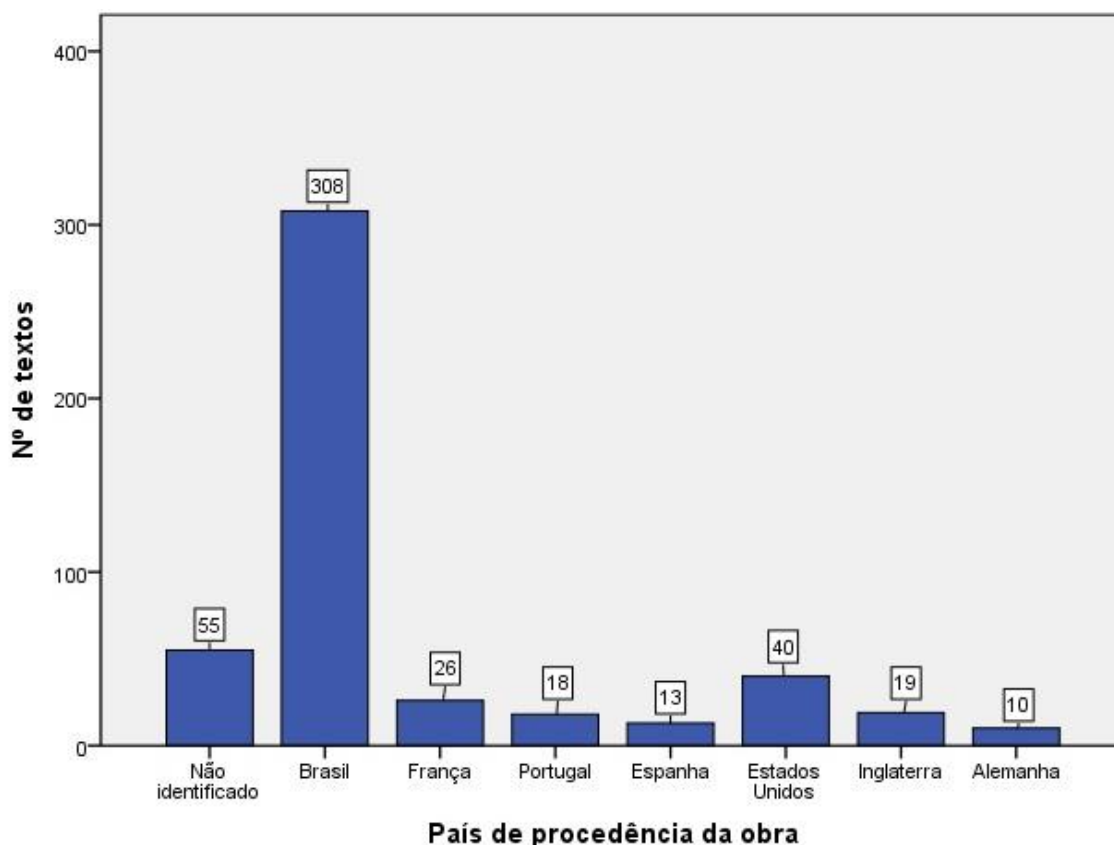
A proximidade espacial, por sua vez, confere à notícia um caráter de interesse particular quando o fato ocorreu no mesmo espaço físico que o da própria instância de recepção. As representações profissionais postulam que um acontecimento próximo interessa mais de perto ao cidadão (CHARADEAU, 2009, p. 135 – 136).

Tendo este fator em vista, procurou-se observar a origem das obras, ou seja, o país e estado onde foram produzidas, a fim de verificar se a proximidade é uma característica forte quando se trata de literatura. Além de observar a questão da proximidade, esta pesquisa buscou também verificar o espaço dado à literatura nacional, sobretudo à paraense, nos jornais Folha do Norte e O Liberal.

No que diz respeito à procedência, foi possível identificar 29 países cuja obra literária foi mencionada nos textos analisados. O Brasil foi o que mais apresentou obras, com 308 (56,2%) menções a livros, enquanto que os demais países somaram 185 (33,7%) ocorrências. Dentre eles, o que mais teve obras foram os Estados Unidos, com 40 (21,6%) menções a livros. Logo depois veio a França, com 26 (14%); Inglaterra, com 19 (10,2%); Portugal, com 18 (9,7%); Espanha, com 13 (7%); e Alemanha, com 10 (5,4%). Em 55 (10,4%) casos, não foi possível identificar a procedência da obra.

O jornal que trouxe mais obras brasileiras foi O Liberal, com 231 (75%) menções, das quais 89 (38,5%), em 2006, ano em que houve maior incidência de obras brasileiras. No Gráfico 15 estão os sete países com maior número de obras citadas no *corpus* da pesquisa. Os demais países não entraram no gráfico por terem registrado poucas ocorrências.

Gráfico 15: País de procedência da obra mencionada, na Folha do Norte e em O Liberal.

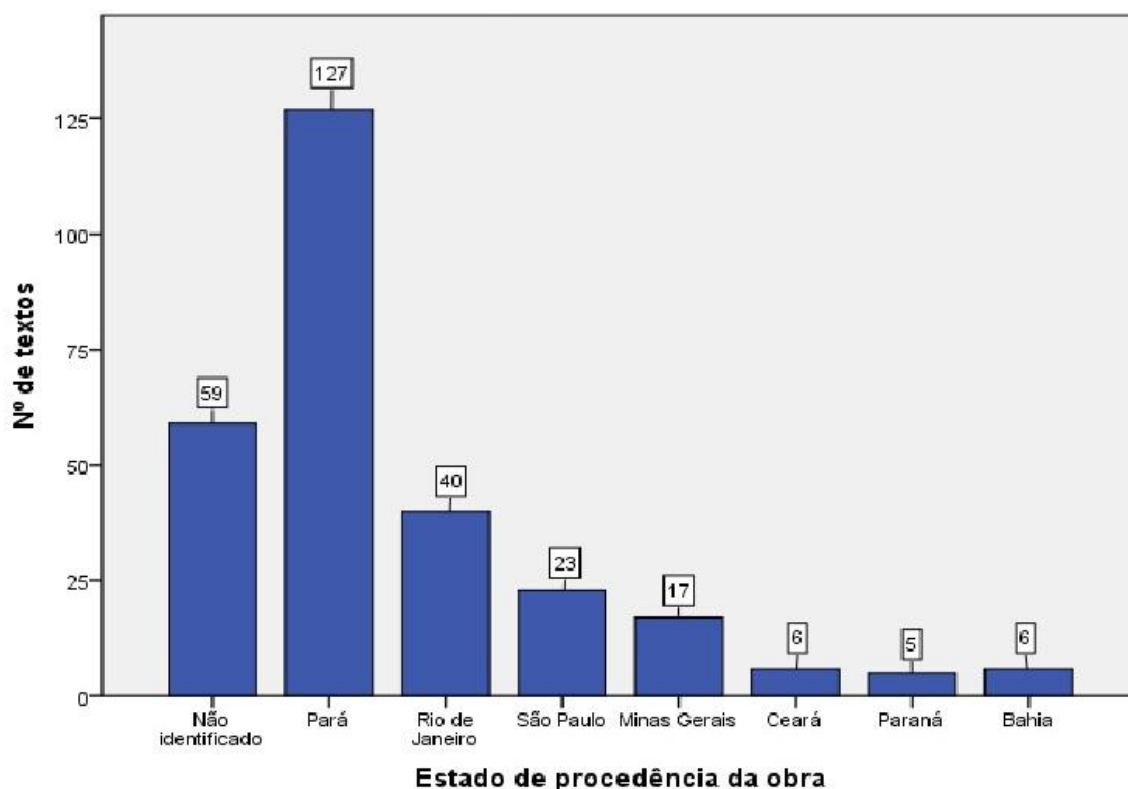


Fonte: Dados da pesquisa

No âmbito nacional, houve menções a obras brasileiras procedentes de 19 estados diferentes. O Pará figura como o que teve o maior número de menções, com 127 (40,1%) casos. As demais 130 (41,1%) distribuem-se por outros 18 estados, sendo que, desses estados, o Rio de Janeiro é o que mais concentra ocorrências, com 40 (30,7%) menções a livros, seguido por São Paulo, com 23 (17,6%); Minas Gerais, com 17 (13%); Ceará e Bahia, com 6 (4,6%) cada um; e Paraná, com 5 (3,8%). Houve também aqueles textos em que o estado de procedência da obra não pôde ser identificado, o que aconteceu em 59 (18,6%) casos.

O Liberal foi o jornal com mais menções a obras paraenses, registrando 83 (65,3%) casos, 28 (33,7%) deles, em 2006, que também foi o ano de maior incidência das obras provenientes do Pará. No Gráfico 16 estão os estados cujas obras foram mais presentes no *corpus* da pesquisa, mas há outros com incidências menos frequentes.

Gráfico 16: Estado brasileiro de procedência da obra, na Folha do Norte e em O Liberal.



Fonte: Dados da pesquisa

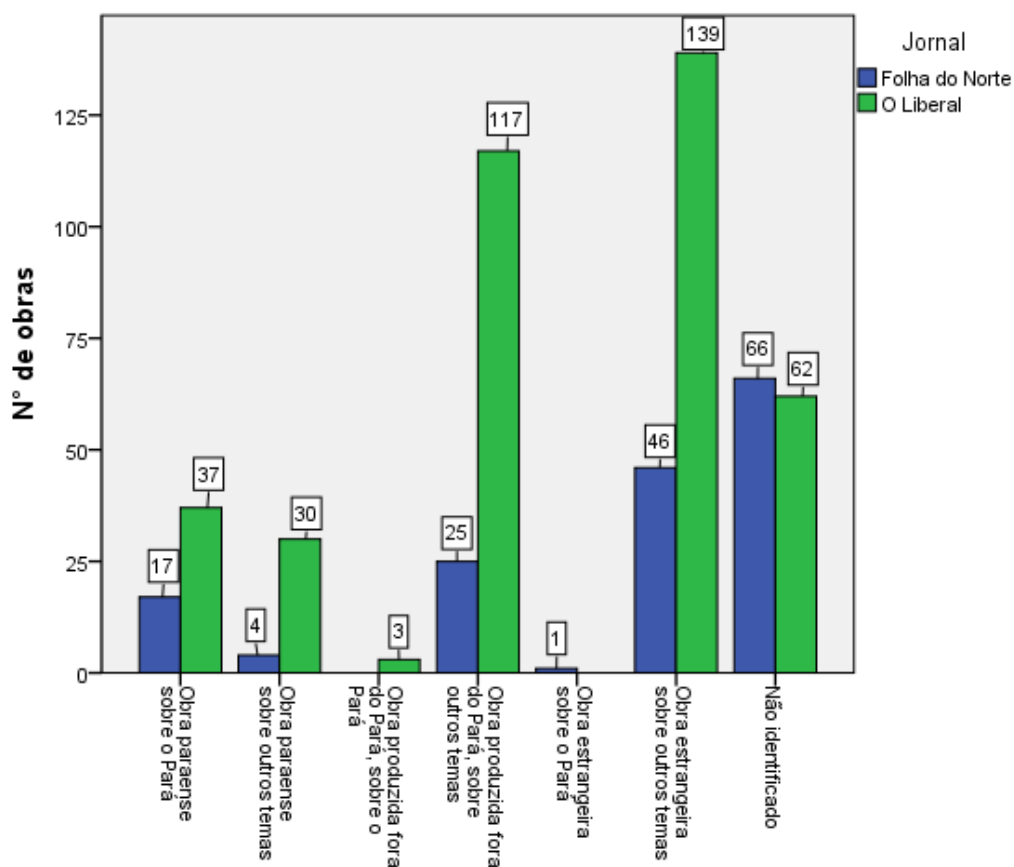
Nota-se, assim, que a proximidade foi uma questão importante para a pauta literária, visto que, embora haja uma grande variedade de obras estrangeiras e de outros estados, foram as obras brasileiras e paraenses que predominaram nos textos jornalísticos estudados. Porém, percebe-se que a presença de obras brasileiras e paraenses foi muito maior no ano de 2006, mostrando que ao longo do tempo a produção nacional e regional foi ganhando mais espaço e valorização em relação à literatura que vem de fora. Isso pode ser explicado pelo fortalecimento do mercado editorial brasileiro, que passou a lançar mais obras com o passar do tempo, como indicado pelos dados da pesquisa do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (2014).

A procedência da obra não foi o único aspecto analisado. Com o intuito de observar o regionalismo, os livros foram classificados não só segundo o seu lugar de origem como também se a sua temática tinha relação com o Pará, seja falando sobre o estado, seja sobre

elementos paraenses. Ao todo, foi possível identificar a temática de 419 livros, mas em 128 (30,5%) casos não foi possível saber sobre o que tratava a obra.

Como resultado, percebeu-se que era de fora do estado a maioria dos livros em que foi possível identificar a temática: 186 (44,3%) deles eram estrangeiros e 145 (34,6%) eram do Brasil. O número de menções a obras paraenses e sobre o Pará foi de apenas 54 (12,8%) textos, sendo 37 (68,5%) deles publicados em O Liberal, que superou a Folha em todos os tipos de obras, no que diz respeito ao regionalismo. O ano em que houve maior ocorrência de obras paraenses sobre o Pará foi o de 1976, com 17 (31,4%) casos em O Liberal (Gráfico 17).

Gráfico 17: Tema da obra, na Folha do Norte e em O Liberal.

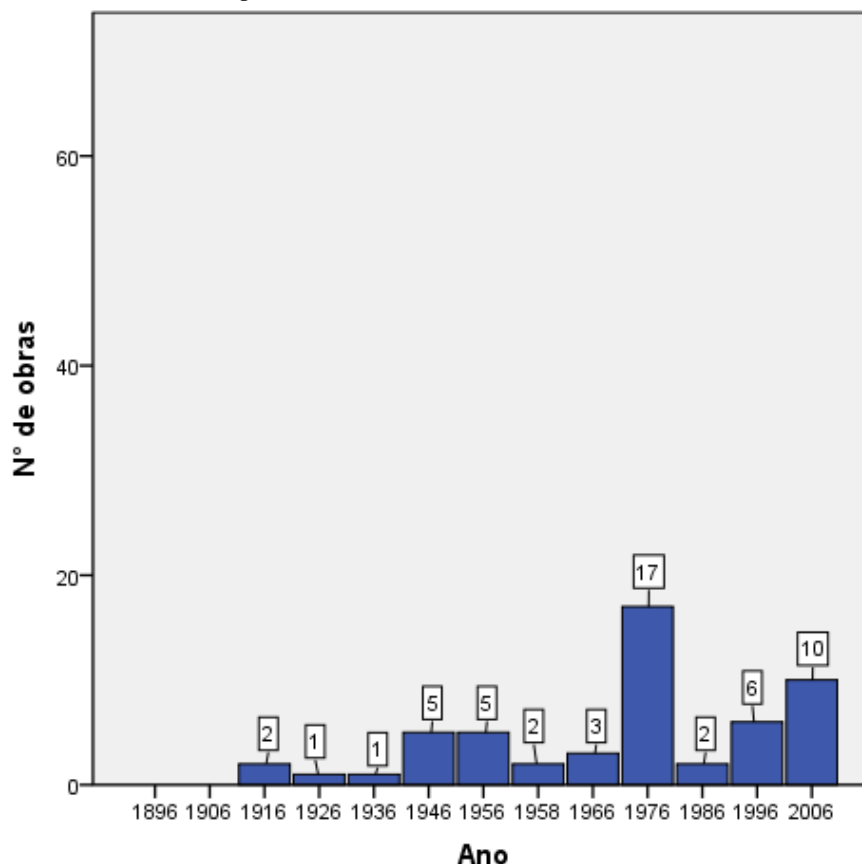


Fonte: Dados da pesquisa

Apesar do volume de obras brasileiras e paraenses superar a quantidade de obras estrangeiras ou de outros estados, quando se observa mais especificamente o conteúdo geral dos livros, nota-se que há maior recorrência de obras estrangeiras sobre outros temas, com 185 (44,1%) casos e de obras de fora do estado, também sobre outros temas, que totalizaram 142 (33,8%) ocorrências. No entanto, percebe-se também que, com exceção de 1896 e 1906,

há textos sobre o Pará em todos os anos do *corpus*, ou seja, embora não seja a temática predominante, ela está sempre presente (Gráfico 18).

Gráfico 18: No. de textos sobre obras paraenses sobre o Pará, em janeiro/julho, por década, na Folha do Norte e em O Liberal.



Fonte: Dados da pesquisa

Até 1946 o número de textos sobre obras paraenses que falavam sobre o Pará era muito reduzido ou até inexistente, os níveis mais altos sendo encontrados nos anos de 1976 e 2006, revelando que não só os livros paraenses foram ganhando espaço, como também o conteúdo sobre o Pará. Isso pode ser explicado pelo fato de que “a elite paraense da década de 1940 ainda se voltava para os padrões literários metropolitanos e europeus” (COELHO, M., 2003, p. 44) e a valorização do regional só começou a despontar pouco depois dessa década.

3.6 Gêneros

A análise de uma notícia e da forma como a imprensa cobre determinado tema não deve se prender apenas à localização do texto no jornal e ao seu conteúdo, é preciso também

observar o gênero, visto ser outro aspecto que pode ajudar a compreender de que forma os jornais lidam com a temática estudada. É por isso que esta pesquisa, ao analisar a cobertura jornalística sobre literatura, também levou em consideração os gêneros dos textos que compõem o *corpus*.

Melo (2012) observa que ao longo do tempo firmaram-se cinco tipos de gêneros jornalísticos no Brasil: o Informativo, que relata grandes acontecimentos; o Opinativo, de teor mais crítico; o Interpretativo, composto geralmente por relatórios, mapas e infográficos; o Utilitário, que traz preços, tabelas e estatísticas, por exemplo; e o Diversional, geralmente com informações literárias e histórias de interesse humano (MELO, 2012).

Nem sempre houve essa variedade de gêneros jornalísticos. Melo (2012) explica que no início predominavam na imprensa apenas duas categorias, a informativa, que relata acontecimentos e tem muita força atualmente, e a opinativa, referente a um jornalismo mais argumentativo, cuja presença se fortaleceu no século XVIII. A cada um desses gêneros corresponde um conjunto de formatos referentes a um determinado estilo de escrita.

No jornalismo informativo, o relato terá sua estrutura dependente de variáveis externas: os acontecimentos e a relação estabelecida entre o jornalista e os protagonistas do acontecimento, no opinativo, a estrutura dependeria do controle, pela instituição, da autoria e angulação (tempo e espaço) da narração. Por esses critérios, resultaria então que o jornalismo informativo comportaria os formatos *nota, notícia, reportagem e entrevista*. Nos formatos opinativos estão *o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta* (COSTA, 2010, p. 45).

Melo (1985) explica que o gênero Opinativo predominou nos primeiros periódicos, visto que eram, em geral, escritos por uma só pessoa, sendo, assim, veículos de suas opiniões e posicionamentos, como foi o caso do Correio Braziliense, primeiro jornal brasileiro, produzido por Hipólito da Costa. Quando a imprensa deixou de ser composta por jornais de produção independente e individual e assumiu um viés mais industrial e institucional, o gênero Opinativo fragmentou-se (MELO, 1985).

Esse cenário dicotômico, dominado pelos gêneros Informativo e Opinativo, começou a mudar a partir do século XX, com o surgimento de novos gêneros. Os novos gêneros carregam outras características e mudanças na forma de apresentar uma informação ao público, os gêneros Informativo e Opinativo passam a ser reciclados e dão origem a outras ramificações complementares do jornalismo (MELO, 2012). Surgem, então, os gêneros Interpretativo, que traz textos mais analíticos e educativos; o diversional, com um viés de

entretenimento; e o Utilitário, gênero mais voltado para a prestação de serviços (MELO, 2012).

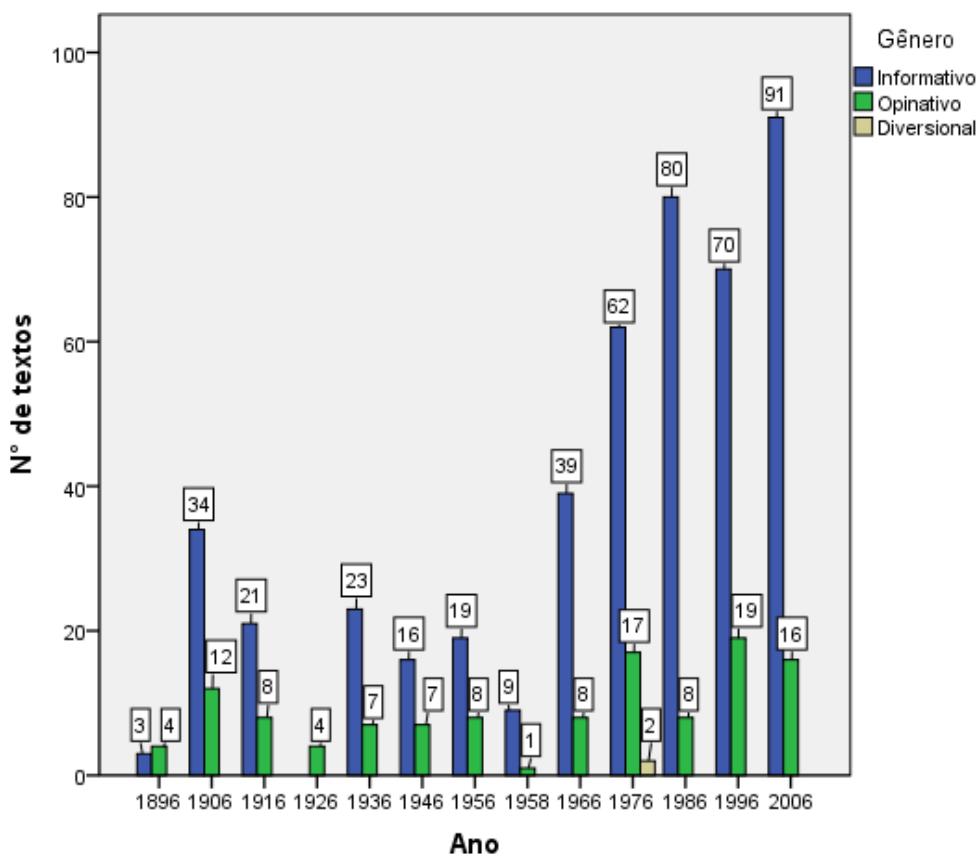
O gênero Utilitário cresceu mais no final do século XX e tem como finalidade “encorajar a cidadania participativa (respaldando a tomada de decisão individual sobre questões de interesse público) e fomentar o consumo responsável” (MELO, 2012, p. 22). Trata-se, portanto, de um jornalismo mais instrumental, com vistas à instrução e orientação da sociedade perante assuntos mais técnicos, que podem influenciar diretamente o funcionamento do organismo social (MELO, 2012).

É também no fim do século XX que toma mais força o gênero diversional, de teor mais criativo, “emotivo ou hedonístico” (MELO, 2012, p. 24). Corresponde a um jornalismo que vem para não só informar, mas informar com qualidade estética. Busca-se nesse gênero retomar um jornalismo que prime pela escrita literária ao narrar um fato, afastando-se assim do jornalismo frio e distante que tomou conta da mídia impressa em favor da objetividade e da padronização da informação, ou seja, procura-se oferecer ao leitor a informação aliada ao “prazer estético” e ao entretenimento (MELO, 2012, p. 22).

O gênero Interpretativo é fruto de um jornalismo que procura fugir da informação rasa e sem análise que resulta de um texto produzido sob condições limitadas de tempo e espaço. Para isso, textos desse gênero lançam-se à reflexão, selecionando e transmitindo informações mais completas e aprofundadas (BELTRÃO, 1976). Dessa forma, “o produto distribuído à massa é a informação em toda a sua integridade, captada, analisada e selecionada pelo jornalista, ao qual não cabe o diagnóstico” (BELTRÃO, 1976, p. 52), Beltrão (1976) destaca que cabe ao jornalista apenas apresentar os fatos de maneira mais completa, mas sem formar juízo e opinião, o que fica a cargo do leitor.

Os gêneros também se constituíram em categorias nesta pesquisa, a fim de que se percebesse quais são os mais usados quando se trata de literatura, nos jornais Folha do Norte e O Liberal. Apesar da variedade de gêneros proposta por Melo (2012), foram registrados apenas três tipos no *corpus* analisado, são eles: Opinativo, Informativo e Diversional, sendo que um deles ainda se apresentou de forma muito rara, em apenas dois casos. No Gráfico 19 é possível ver como os gêneros foram usados ao longo das décadas estudadas.

Gráfico 19: Gêneros jornalísticos na Folha do Norte e em O Liberal, em janeiro/julho, por década.



Fonte: Dados de pesquisa

O gênero Informativo foi o mais encontrado, pois dos 588 textos que compõem o *corpus*, 467 (79,4%) eram matérias de cunho Informativo. O gênero Opinativo vem em segundo lugar, com 119 (20,2%) ocorrências. Já o gênero Diversional só se apresentou em dois (0,3%) casos, enquanto que o Interpretativo e o Utilitário não registraram nenhum caso. Os únicos anos em que o Opinativo superou o Informativo foram os anos de 1896 e 1926. O Informativo atingiu seu ápice em 2006, com 91 (19,4%) matérias desse gênero publicadas.

Quando se observa o uso dos gêneros ao longo dos anos, é possível notar que a diferença entre Informativo e Opinativo vai aumentando conforme se avança no tempo, em direção à atualidade. Enquanto o Opinativo chega a superar o Informativo nos anos de 1896 e 1926, é mais para o final do período estudado que o Informativo atinge seus mais altos níveis, principalmente se comparado à produção opinativa.

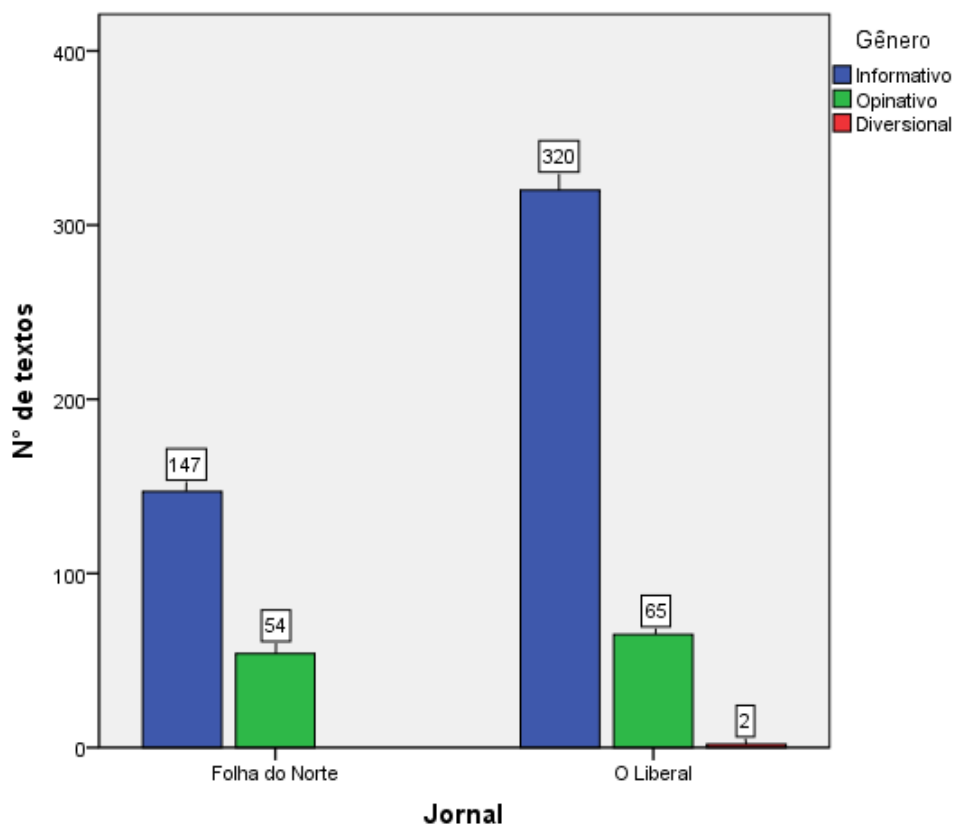
O crescimento do Informativo em detrimento do Opinativo não é à toa, pois, como já foi visto anteriormente, era o Opinativo que predominava nos primeiros jornais. O Informativo só passou a ganhar mais espaço no momento em que a imprensa assumiu um viés mais mercadológico. Melo (1985) conta que é no século XIX que o Informativo se torna gênero hegemônico, pois é “quando a imprensa norte-americana acelera seu ritmo produtivo, assumindo feição industrial e convertendo a informação de atualidade em *mercadoria*” (MELO, 1985, p. 15). Apesar desta pesquisa incluir o século XIX no estudo, é possível perceber o número de textos de cunho Informativo ainda disputando espaço com o Opinativo em 1896 e aumentando com o tempo.

Apesar da hegemonia do Informativo, que tomou conta dos jornais, não se pode dizer que o Opinativo desapareceu, fato que fica evidente na própria pesquisa. O Opinativo continua fazendo parte da imprensa, porém, em níveis menores e em um espaço demarcado e restrito do jornal: “Evidentemente o *jornalismo opinativo* não desaparece. Na prática, ele tem o seu espaço reduzido, sua presença na superfície impressa circunscrita às páginas chamadas ‘editoriais’” (MELO, 1985, p. 15, grifo do autor).

Analisando a presença dos gêneros por jornal, os dados mostram que o Informativo foi muito mais usado em ambos os jornais. O único ano em que houve mais textos do gênero Opinativo na Folha foi em 1896, com quatro (57,1%) publicações desse gênero, contra três (42,8%) do Informativo. Já em 1946 foi a vez de O Liberal ter mais textos do Opinativo, com quatro (66,5%) publicações pertencentes a este gênero, enquanto que havia apenas duas (33,5%) do Informativo. Com exceção desses dois anos, o gênero Informativo predominou.

Ao todo, a Folha trouxe 147 (73,1%) textos informativos e 54 (26,8%) opinativos. Já O Liberal publicou 320 (82,6%) notícias informativas, 65 (16,7%) de caráter opinativo e duas (0,5%) do gênero Diversional. O gênero Informativo predominou em ambos os jornais, porém, proporcionalmente, O Liberal foi o que apresentou mais casos, visto que 82,6% de seus textos eram informativos, enquanto que a Folha tinha 73,1% de textos pertencentes a esse gênero. A diferença pode ser percebida no Gráfico 20.

Gráfico 20: Gêneros jornalísticos na Folha do Norte e em O Liberal.



Fonte: Dados da pesquisa

Os gêneros Opinativo e Informativo dominaram o cenário jornalístico do período estudado. Além deles, o único gênero encontrado foi o Diversional, com apenas dois casos, ambos em O Liberal. Os textos do gênero Diversional foram “Uma árvore para segurança dos netos”, publicado em 15 de janeiro de 1976, e “As memórias de José Américo”, veiculado em quatro de julho de 1976. Os dois textos trazem depoimentos e relatos de histórias e memórias de escritores e não se encaixam perfeitamente na descrição de gênero Diversional proposta por Melo, mas é o gênero que mais se aproxima do estilo de texto empregado.

3.7 Formatos

Cada um dos gêneros comporta uma série de formatos jornalísticos que condizem com a proposta estética e de conteúdo com a qual a informação será publicada. Cada formato pode dar um viés diferenciado e atender a uma determinada demanda informacional, o que vai

dependem do conteúdo em si, da quantidade de informação, do valor notícia envolvido e da forma como o jornalista quer que essa informação chegue ao público leitor.

No *corpus* que compõe esta pesquisa, foram encontrados apenas casos de textos pertencentes aos gêneros Informativo, Opinativo e Diversional, logo, também não foi possível encontrar exemplos de todos os formatos existentes. No levantamento inicial do estudo, percebeu-se a maior ocorrência de oito formatos e foram esses que fizeram parte, então, do protocolo que guiou a Análise de Conteúdo. Os formatos encontrados foram: nota, notícia, reportagem, entrevista, história de interesse humano, artigo, resenha/crítica e coluna. Há ainda a categoria Outros, referente a formatos com menor incidência.

Do gênero Informativo foram registrados no *corpus* os formatos nota, notícia, reportagem e entrevista. Segundo Melo (1985), a nota é um formato escolhido quando ainda não se tem todos os dados da informação, geralmente adianta uma possível notícia, sobre uma situação que ainda está em andamento. Já a notícia refere-se a uma situação já configurada, trazendo assim a resposta a todas as perguntas que compõem um *lead* e formatada segundo as regras jornalísticas de pirâmide invertida (MELO, 1985).

Mais completa que a notícia é a reportagem, um relato ampliado de um fato que impactou a sociedade. A reportagem vai além e aprofunda ainda mais as perguntas iniciais do *lead*, trazendo assim desdobramentos, causas e consequências do acontecimento narrado, através de descrições do repórter, o que exige, por isso, um texto bem mais extenso que o usual (MELO, 1985). Completando os formatos do gênero Informativo está a entrevista, que se caracteriza por dar voz a quem atuou no fato noticiado, nesse caso, o repórter é visto como um mediador (MELO, 1985).

Quando se trata do gênero Opinativo, o levantamento mostrou uma maior ocorrência dos formatos artigo, resenha e coluna. O artigo é um texto jornalístico no qual são desenvolvidas ideias e opiniões do redator (MELO, 1985). Quando há uma análise ou julgamento de algum produto cultural, a fim de orientar quem consome ou aprecia este produto, estamos diante do formato resenha, também conhecido como crítica no Brasil (MELO, 1985). Essa diferença nas denominações tem raízes mais profundas e provém de um conflito entre os críticos especializados e os jornalistas.

Segundo Melo (1985), os intelectuais não queriam simplificar suas críticas em favor do público menos especializado que lia os jornais, pois queriam escrever uma análise embasada

na estética e nos padrões acadêmicos, por isso, esses críticos acabaram migrando para periódicos e veículos especializados, cujo público era a própria academia. Com isso, esses intelectuais passaram a se autodenominarem críticos, e o resultado de seu trabalho chamaram de crítica, enquanto que aqueles que escreviam para as massas não especializadas tiveram seus trabalhos denominados de resenha (MELO, 1985). Tal mudança ocorreu, sobretudo, devido às alterações que chegaram aos próprios jornais, pois se no início os leitores pertenciam a uma elite instruída, com a industrialização do jornalismo esse público leitor se ampliou e diversificou, e a linguagem e o conteúdo acompanharam essas mudanças.

E na medida em que os jornais e revistas, até o início deste século [século XX], destinavam-se a uma parcela restrita da população, a crítica podia se fazer em profundidade. Havendo coincidência entre o público leitor da imprensa periódica e o público consumidor das obras-de-arte, era natural que os editores cedessem espaço para a publicação de matérias bem elaboradas, cujo cerne é a análise da própria obra-de-arte e não a orientação para o seu consumo. Quando o jornalismo atinge escala industrial e, a partir da década de 30, começa a ampliar consideravelmente o público leitor, abrangendo também a classe média e setores do operariado qualificado, a apreciação dos bens culturais busca novos caminhos (MELO, 1985, p. 98).

Melo (1985) explica que os jornais fazem uma troca da crítica pela resenha, a partir desse momento o objeto de análise já não é mais a obra de arte e sim os produtos da indústria cultural, ou seja, aqueles que visam apenas o consumo das massas e são produzidos de forma padronizada e em grande escala. “Assim, não é literatura que se aprecia, mas o livro colocado no mercado” (MELO, 1985, p. 99). Já não há mais espaço para uma “crítica estética”, aprofundada e contextualizada historicamente, o que ganha as páginas dos jornais agora é a resenha, muito mais simples e direta (MELO, 1985, p. 99).

Por fim, há o formato coluna, também pertencente ao gênero Opinativo. Segundo Melo (1985), o Brasil vê o crescimento da coluna na década de 50 do século XX: “Trata-se, portanto, de um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência” (MELO, 1985, p. 105). As notas que compõem a coluna geralmente trazem “furos” de notícia, além de ideias e julgamentos, o que a caracteriza como veículo de opinião de seu redator, visto que a coluna pertence a “um tipo de jornalismo pessoal, intimamente vinculado à personalidade do seu redator” (MELO, 1985, p. 105).

Segundo a pesquisa, o formato mais frequente foi a Notícia, com 286 (48,6%) casos. O formato Nota ocupou o segundo lugar, aparecendo 96 (16,3%) vezes nos periódicos estudados. Este resultado já era esperado, visto que os formatos pertencem ao gênero

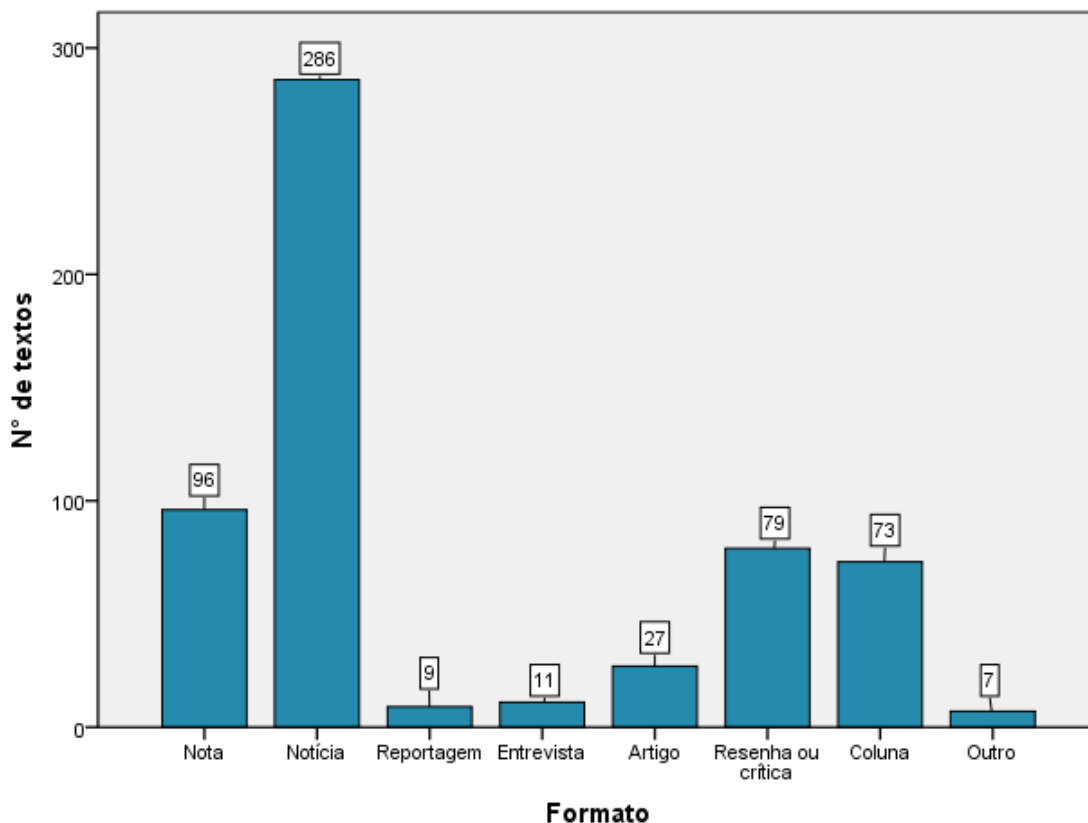
Informativo e, como já foi visto, este foi o gênero de maior ocorrência entre os textos que compõem o *corpus*. O formato Reportagem foi o menos recorrente, com apenas nove (1,5%) casos, e a Entrevista, que também faz parte do Informativo, teve apenas 11 (1,8%) ocorrências.

A Resenha/Crítica foi o terceiro formato mais encontrado, com 79 (13,4%) textos. Com relação aos outros dois formatos do gênero Opinitivo, a Coluna apresentou 73 (12,4%) casos e o Artigo, 27 (4,5%) ocorrências. Apesar de possuir menos categorias em relação ao Informativo, percebe-se que os textos opinativos foram mais bem distribuídos entre as três categorias, enquanto que no caso do Informativo, houve predominância do formato Notícia (Gráfico 21).

Em dois casos, os textos trouxeram relatos de vida de dois escritores, em um formato semelhante ao que Melo (1985) chama de história de interesse humano, ou seja, uma narrativa que traz à tona particularidades de agentes noticiosos através da escrita literária. Esses textos não se encaixam perfeitamente no conceito de Diversional, mas se aproximam muito e por isso foram classificados desta forma. Ambos foram encontrados em O Liberal e no ano de 1976.

Por ter se apresentado em um número muito reduzido de casos, este formato aparece no Gráfico 21 dentro da categoria Outro. Junto com eles, nessa categoria, estão textos que compunham um box com lançamento de livros ou que faziam a transcrição do discurso de um escritor, ou que se tratava apenas de dados sobre alguns poetas, o que, embora seja informativo, não se configura necessariamente como uma notícia.

Gráfico 21: No. de textos por formato, na Folha do Norte e em O Liberal.

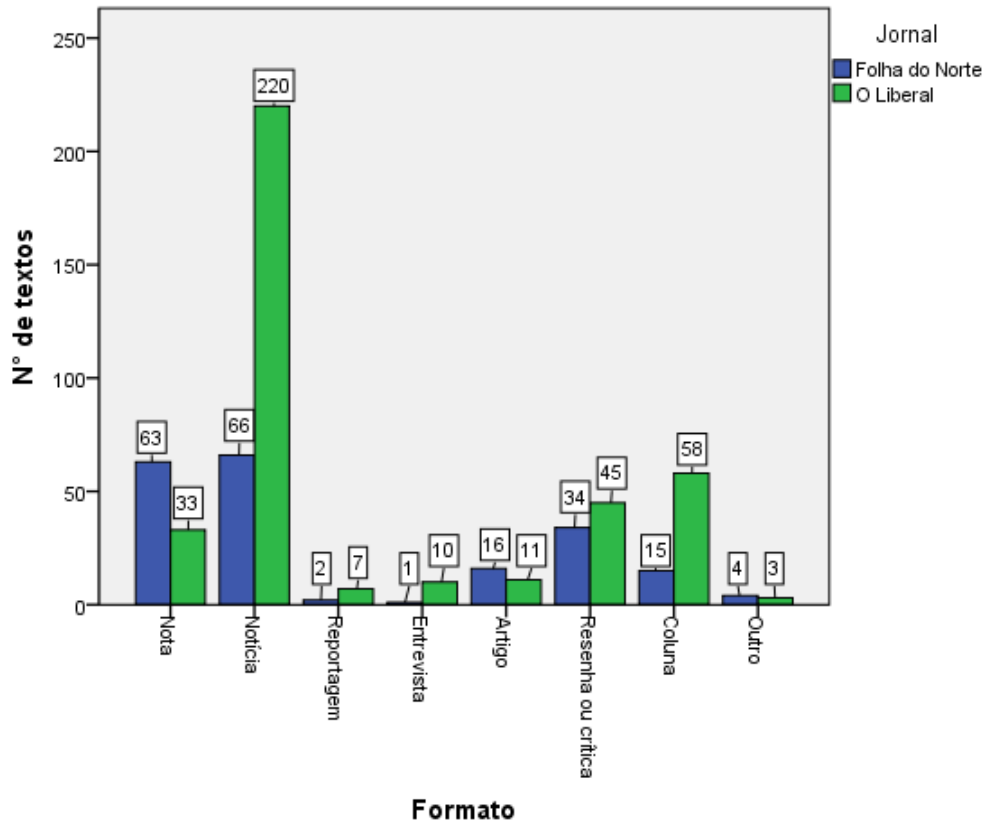


Fonte: Dados de pesquisa

Analisando o uso de formatos ao longo das décadas, percebe-se que o ano em que o formato Notícia mais apareceu foi 1986, com 70 (24,4%) casos. Nenhum texto nesse formato foi registrado no ano de 1926, ano em que só houve registro de um Artigo, duas Resenhas/Críticas e um texto incluído na categoria Outro. O formato Nota esteve mais presente em 1906, com 30 (31,2%) casos. A Entrevista apareceu 11 vezes, sendo apenas uma delas na Folha.

Em O Liberal, o ano com mais notas foi o de 1996, com 14 (14,5%) textos. A Entrevista, que só foi publicada uma vez na Folha, teve mais casos em O Liberal, sendo sua maioria, 5 (45,4%), no ano de 1996. A Folha teve seu ápice de Resenhas/Críticas no ano de 1906, com 10 (12,6%) textos, já o Liberal publicou mais textos do tipo em 1996, com 16 (20,2%) ao todo. Com exceção dos formatos Nota e Artigo, O Liberal foi o que mais publicou nas demais categorias (Gráfico 22).

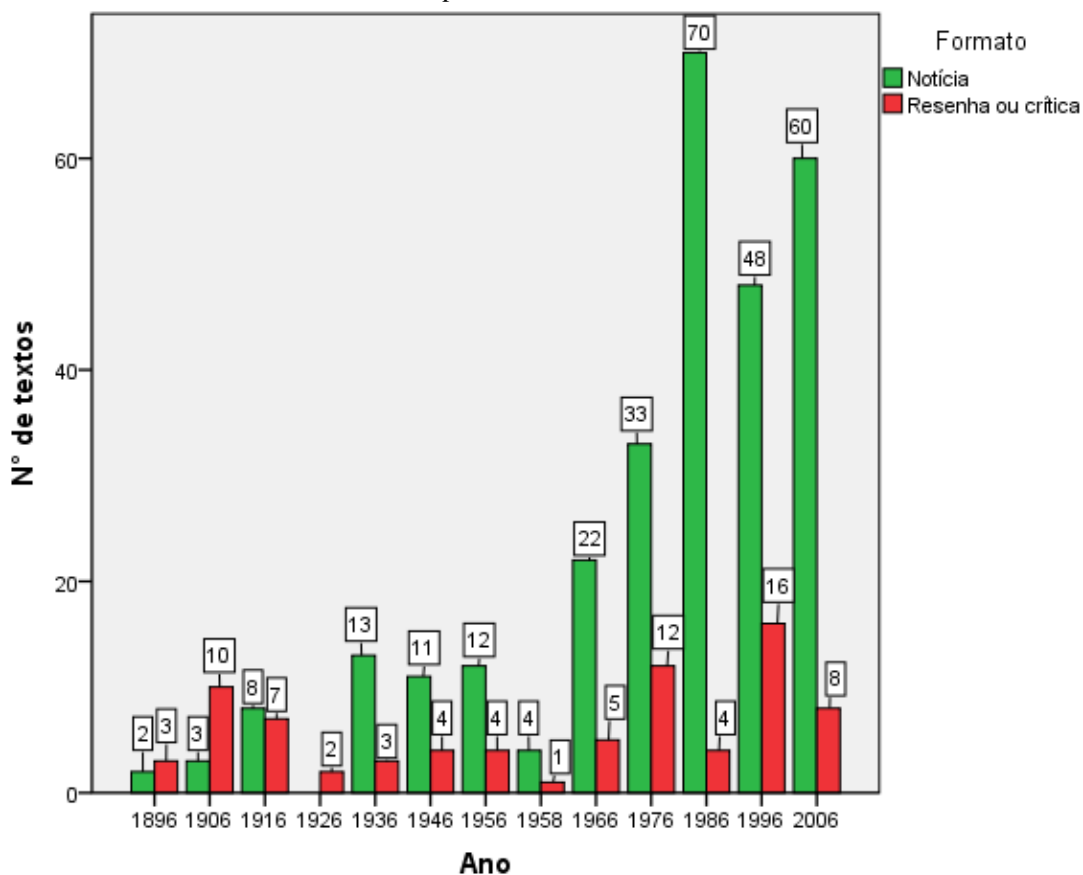
Gráfico 22: Uso dos formatos, na Folha do Norte e em O Liberal.



Fonte: Dados da pesquisa

O formato pertencente ao gênero Informativo que mais teve ocorrências foi a Notícia, quanto ao Opinitivo, tratou-se da Resenha/Crítica. Ao se observar o comportamento desses dois formatos ao longo das décadas, nota-se que nos anos de 1896 e 1906 a Resenha/Crítica superou a Notícia e no ano de 1916, quando a Notícia começou a superar a Resenha/Crítica, a diferença foi muito pequena. A diferença entre os formatos começa a aumentar a partir de 1936, e nos anos em que apenas O Liberal está circulando, a disparidade fica cada vez maior, mostrando que o Informativo foi ganhando cada vez mais espaço e força ao longo do tempo na cobertura dos assuntos literários (Gráfico 23).

Gráfico 23: Uso dos formatos Notícia e Resenha/Crítica pela Folha do Norte e O Liberal, em janeiro/julho, por década.



Fonte: Dados da pesquisa

Ao contrário da suposição que se tinha antes deste estudo, quando se trata de literatura, os periódicos optaram por tratar do assunto de forma mais noticiosa, o que quer dizer que a literatura é capaz de gerar acontecimento jornalístico. Mas o que pode se tornar pauta e ocupar as páginas dos jornais, no âmbito da literatura? Que tipo de acontecimento está relacionado a essa temática? Este será o assunto discutido no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4 - O ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO NA LITERATURA

Neste capítulo daremos continuidade à discussão e interpretação dos dados gerados pela pesquisa, porém, o viés adotado agora tem como base as definições e conceitos de acontecimento e notícia, procurando responder a alguns dos questionamentos iniciais deste estudo: o que é acontecimento sobre literatura para os jornais selecionados, ou como ele se configura nesse tipo de pauta? Quais são os valores-notícia mais recorrentes?

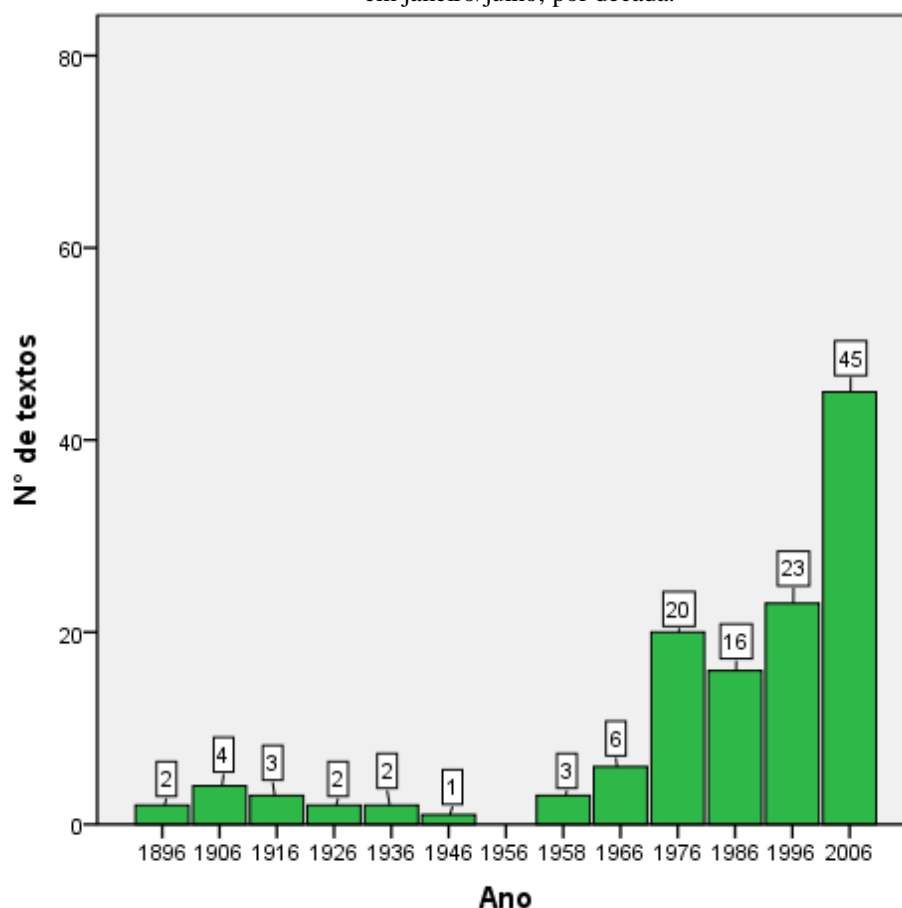
Para responder a estas perguntas, o capítulo que segue traz os dados referentes a esse propósito, que foram interpretados a partir de autores que discutem os conceitos de acontecimento e notícia. Além desses conceitos, também foi levado em consideração o contexto histórico. No entanto, antes de entrar nesta discussão, será preciso compreender como se compõe a pauta literária, tema do primeiro tópico.

4.1 Mapeamento da pauta literária nos jornais O Liberal e Folha do Norte

Como já foi explicado, para criar as categorias que classificariam os textos analisados por esta pesquisa, fez-se primeiramente uma leitura de algumas edições dos jornais, a fim de perceber quais eram os temas mais recorrentes. Dessa forma, deu-se origem a uma série de temas que mais geram pauta no que diz respeito à literatura. São eles: lançamento de livros, evento literário, divulgação de obra, divulgação de autor, crítica a livro, crítica a obra, resposta a crítica e venda de livro. E foi a partir dessas categorias que se procurou compreender o comportamento da pauta literária na Folha do Norte e em O Liberal.

Lançamento de livro foi o mote de 127 (21,6%) textos, sendo que 19 (14,9%) deles foram publicados na Folha e 108 (85%) em O Liberal. O número de textos falando sobre livros novos no mercado era baixo até 1966, não passando de 6 (4,7%) ao ano, mas aumentou em 1976, quando saltou para 20 (15,7%), atingindo seu maior número em 2006, ano em que foram publicadas 45 (35,4%) matérias sobre lançamentos literários, todas em O Liberal, visto que a Folha já não circulava (Gráfico 24).

Gráfico 24: No. de textos sobre lançamentos de livros na Folha do Norte e em O Liberal, em janeiro/julho, por década.

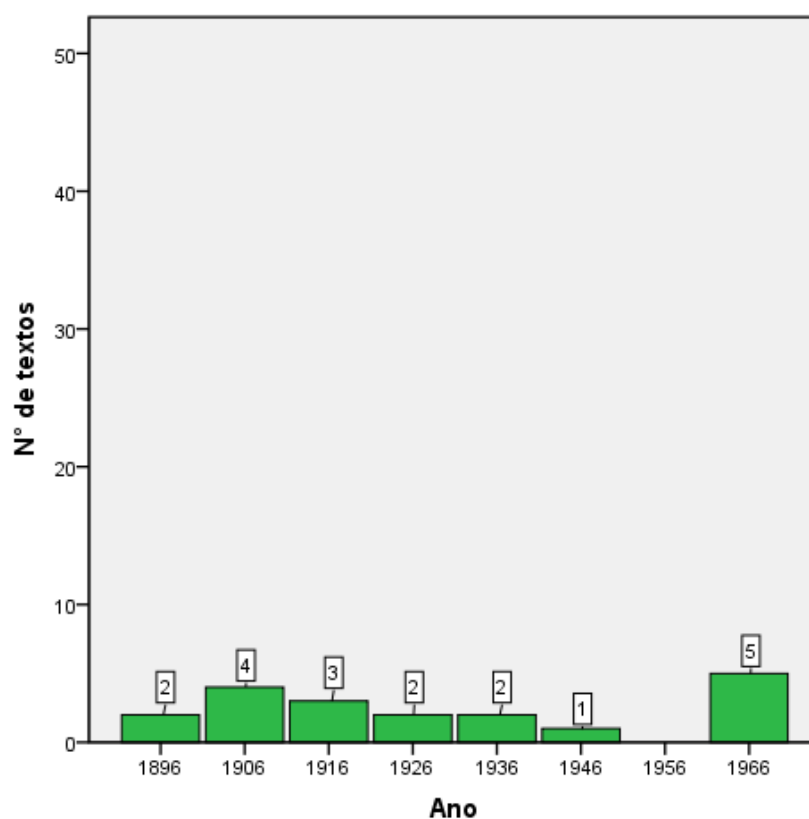


Fonte: Dados da pesquisa

Em termos de literatura paraense, alguns fatos podem explicar os baixos níveis de lançamentos editoriais entre 1896 e 1946. M. Coelho (2003) conta que “após o ano de 1889, o movimento literário paraense praticamente cessou” (COELHO, M., 2003, p. 25) e somente com a criação da Mina Literária, em 1895, houve certa melhora. Isso pode justificar o fato de em 1896 haver casos de lançamentos, embora sejam apenas dois. Nas décadas de 1920 e 1930, esse cenário não muda muito. Nesse período, Belém experimentava uma decadência econômica em decorrência do declínio da borracha, o que refletiu na produção cultural (COELHO, M., 2003).

Quando se analisa a publicação de textos por década, em cada jornal, percebe-se que, na Folha do Norte, foram publicadas quatro (3,1%) matérias no ano de 1906, o número foi decrescendo até chegar a zero em 1956 e, em 1966, saltou para cinco (3,9%) (Gráfico 25).

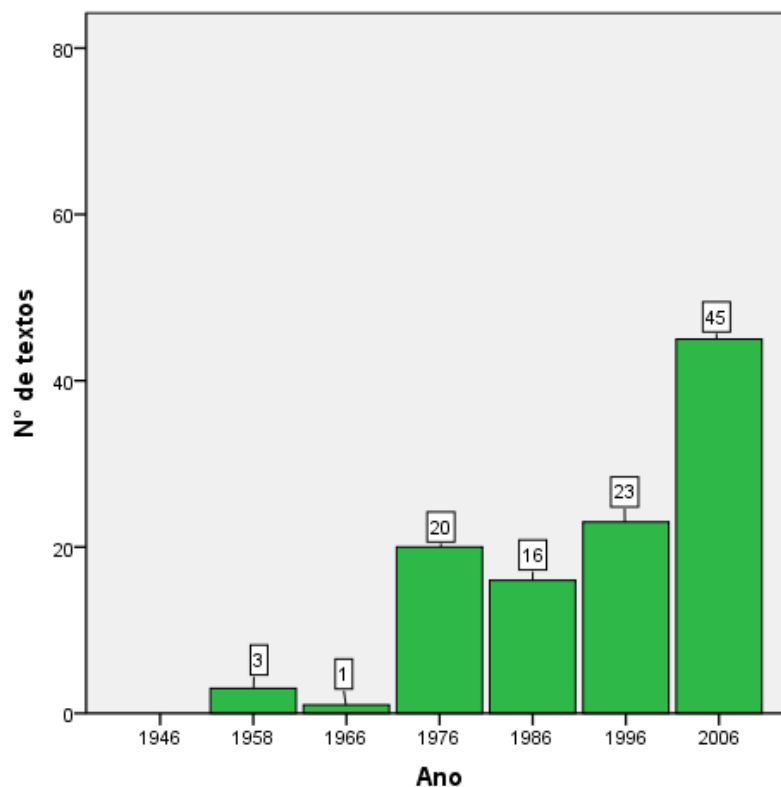
Gráfico 25: Lançamento de livro na Folha do Norte, em janeiro/julho, por década.



Fonte: Dados da pesquisa

Ao observarmos este mesmo aspecto em O Liberal, nota-se que até 1966 a amostra apresentou níveis mínimos de publicação sobre literatura, porém, a partir de 1976 houve um salto, com a ocorrência de níveis mais elevados, atingindo o ápice em 2006, com 45 (35,4%) textos. O período de menor circulação de textos sobre literatura corresponde a aquele em que o jornal O Liberal era ligado a partidos políticos, já que nasceu com pretensões dessa natureza (ROCQUE, 2006). Mesmo assim, é possível perceber que já havia uma atenção à pauta literária, mesmo que ainda pequena (Gráfico 26).

Gráfico 26: Lançamento de livro em O Liberal, em janeiro/julho, por década.



Fonte: Dados de pesquisa

Já as matérias que tratavam de algum evento literário, como feiras do livro, concursos, saraus ou até mesmo reuniões da Academia Paraense de Letras, totalizaram 142 (24,1%) peças, sendo 90 (63,3%) de O Liberal e 52 (36,6%) da Folha. Em alguns casos, o lançamento de um livro virava um evento literário e ambas as categorias estavam presentes no mesmo texto, como é possível ver na matéria da Imagem 6:

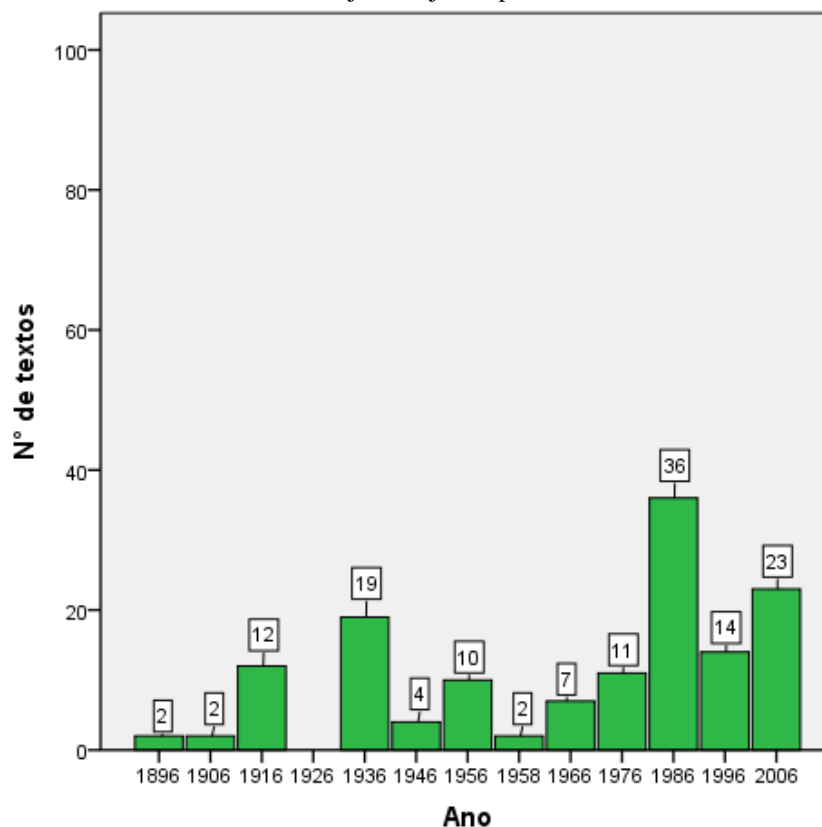
Imagem 6: Notícia sobre a festa de lançamento de um livro.
O Liberal, 18 de janeiro de 1976, 1º Caderno, p. 08.



Fonte: Setor de Microfilme da Biblioteca Pública Arthur Vianna

O ano em que houve maior incidência foi o de 1986, com 36 (25,3%) textos publicados em O Liberal. Nota-se que ao longo dos anos os níveis referentes a eventos oscilaram bastante (Gráfico 27).

Gráfico 27: No. de textos sobre evento literário na Folha do Norte e em O Liberal, em janeiro/julho, por década.

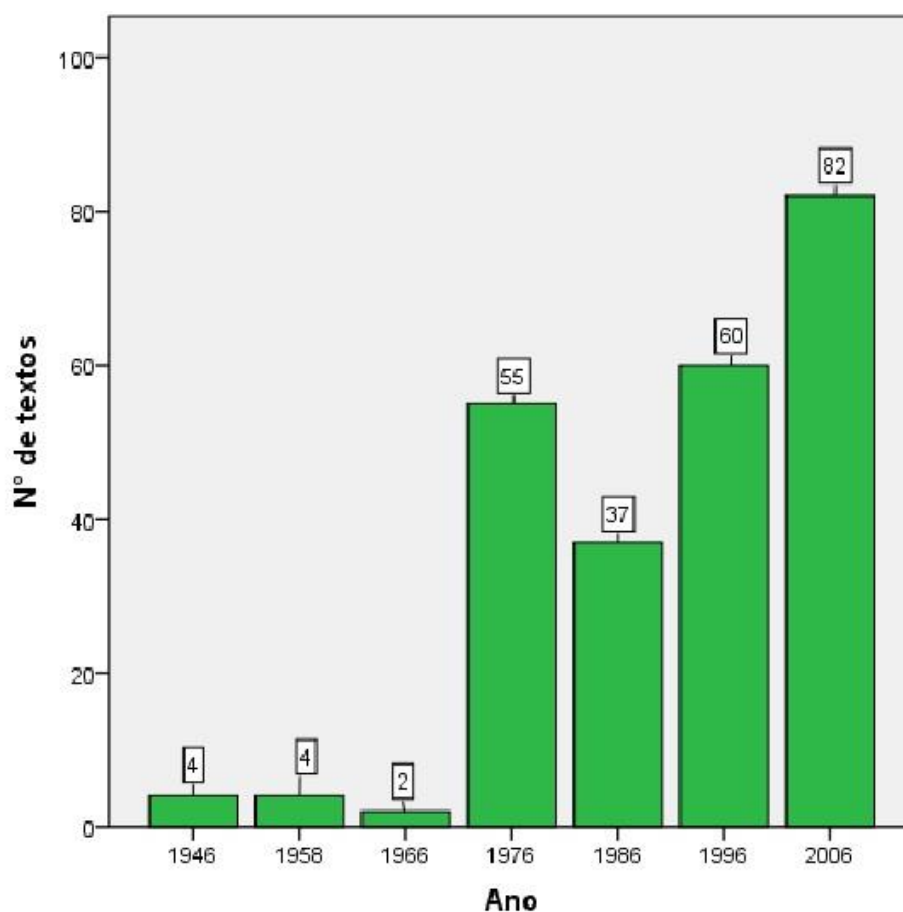


Fonte: Dados da pesquisa

De 1895 a 1899 funcionou em Belém a associação Mina Literária, que movimentou o cenário literário paraense com a promoção de eventos como saraus, concursos literários e conferências (COELHO, M., 2003). No entanto, percebe-se que em 1896, ano pertencente ao *corpus*, em que a Mina ainda era atuante, houve registro de apenas dois eventos, ambos referentes à Academia Francesa de Letras. Além disso, a Mina Literária não foi a única associação a trabalhar promovendo eventos literários, ainda assim, essa movimentação causada pelas associações não se refletiu nas páginas da Folha do Norte, nas edições analisadas.

Além de falar sobre lançamentos e eventos, havia também os textos que tratavam de obras literárias, que para esta pesquisa foram classificados como Divulgação de obra. Nesta categoria não entravam apenas os textos que falavam exclusivamente sobre uma determinada obra, mas também aqueles em que uma ou mais obras fossem mencionadas ou indicadas para leitura. De todo o *corpus*, 329 (56%) textos traziam nomes de obras em seu conteúdo, 244 (74,1%) deles, publicados por O Liberal. O ano em que houve maior menção a livros foi o de 2006, com 82 (24,9%) casos, todos em O Liberal (Gráfico 28).

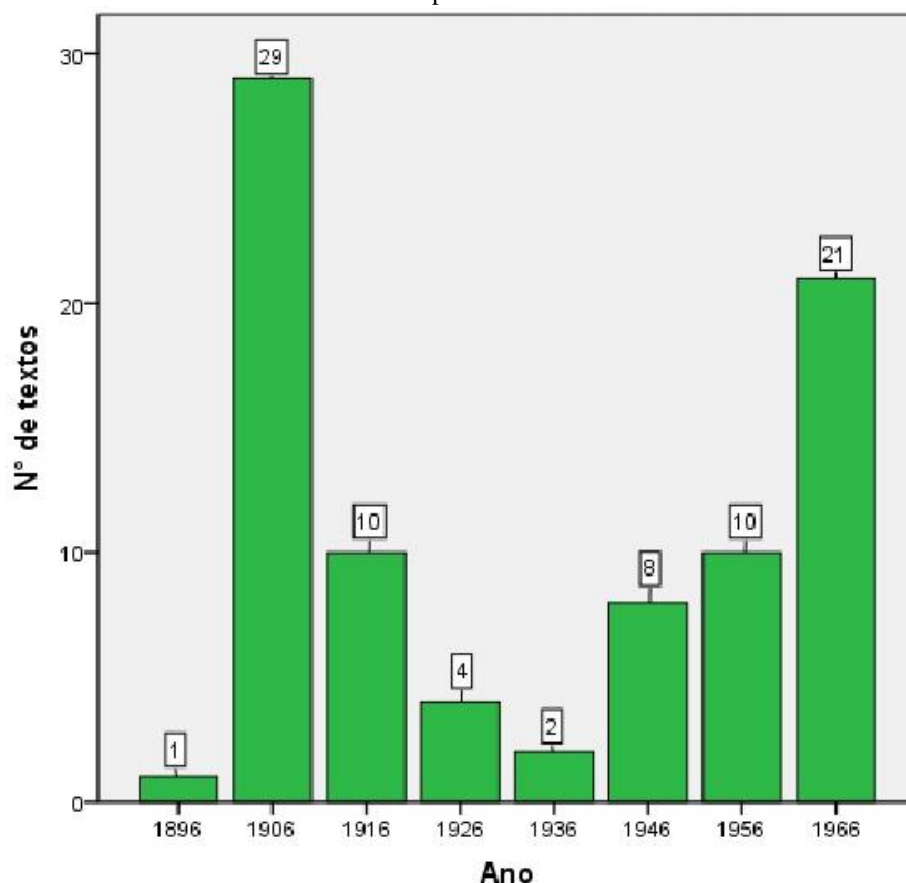
Gráfico 28: No. de textos com menções a obras em O Liberal, em janeiro/julho, por década.



Fonte: Dados da pesquisa

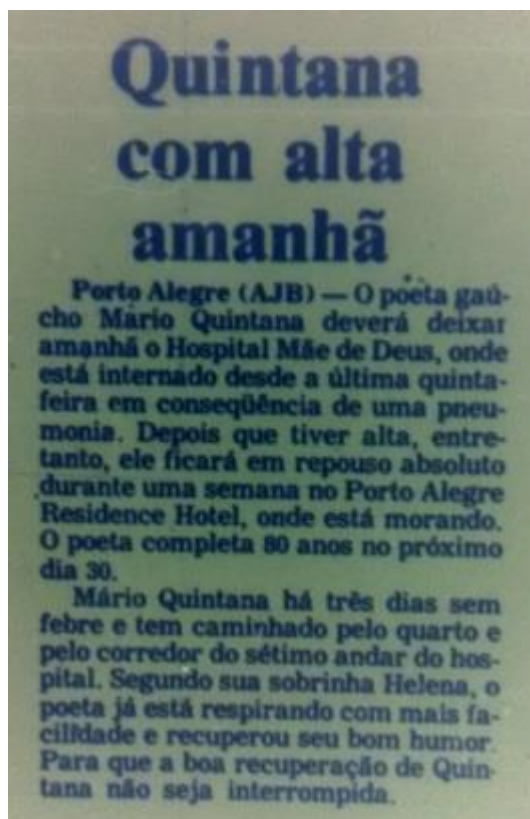
Já a Folha do Norte publicou 85 (25,8%) textos com menções a livros. Para a Folha, especificamente, o ano com mais casos de obras mencionadas foi o de 1906, com 29 (8,8%) textos que citavam ao menos um livro (Gráfico 29).

Gráfico 29: No. de textos com menções a obras na Folha do Norte, em janeiro/julho, por década.



Seguindo essa mesma linha, havia também a divulgação de autor, categoria na qual entraram textos que falavam a respeito de escritores, seja por indicar a leitura de uma obra, o lançamento de um livro, a premiação ou a nomeação para a Academia Paraense de Letras. Entraram nessa categoria, também, os casos em que o autor era mencionado não devido a um feito literário, mas por ter se tornado notícia por causa de sua notoriedade no universo literário, como por exemplo, Mário Quintana, que gerou uma notícia sobre seu estado de saúde (Imagem 7). O levantamento registrou 413 (70,2%) textos com nomes de autores. Ao todo, foram 492 escritores diferentes mencionados, a maioria, apenas uma vez.

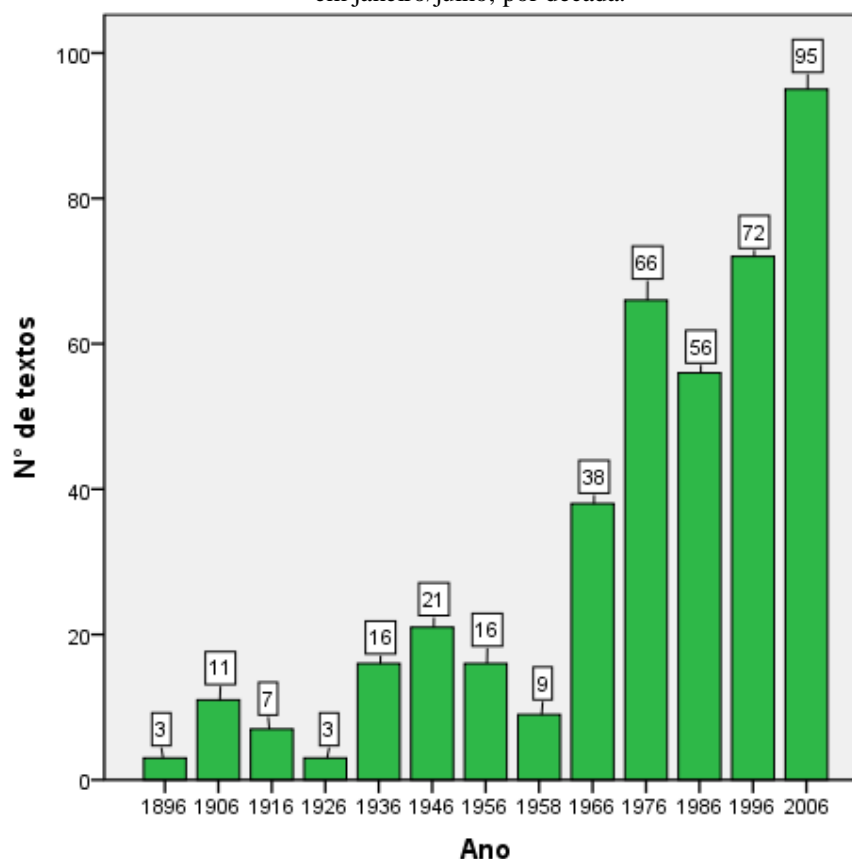
Imagem 7: Notícia sobre Mário Quintana, O Liberal. 16 de julho de 1986, p. 02.



Fonte: Setor de Microfilme da Biblioteca Pública Arthur Vianna

A quantidade de textos que mencionavam autores variou ao longo das décadas analisadas, mas foi possível perceber um crescimento que culminou no ano de 2006, com 95 (23%) casos. A presença do nome de autores e escritores nos textos passou a ter um número bem mais expressivo a partir de 1966, que se trata, inclusive, do ano em que houve mais casos na Folha, 34 (8,2%) no total. Neste mesmo ano O Liberal publicou apenas quatro textos do tipo, mas a partir de 1976, quando a Folha já não circulava, ele apresentou números maiores neste quesito (Gráfico 30).

Gráfico 30: No. de textos com menções a escritores na Folha do Norte e em O Liberal, em janeiro/julho, por década.



Fonte: Dados da pesquisa

O livro e o autor poderiam apenas ser mencionados e/ou indicados para leitura e apreciação, ou serem citados em textos de cunho mais opinativo, como as Resenhas/Críticas, ou até mesmo em textos informativos que faziam um certo julgamento. Dessa forma, foram 46 (7,8%) casos em que o livro mencionado recebia críticas. O ano em que houve mais textos com críticas a obras foi o de 1906, na Folha do Norte, com 8 (17,3%) casos. Os autores também foram alvos de críticos literários em alguns textos, foi o caso de 31 (5,3%) das peças do total analisado, tendo seu maior volume em 2006, nos textos opinativos de O Liberal.

Em apenas dois casos, um em cada jornal, houve Resposta à crítica, que acontece quando o alvo da crítica se utiliza do periódico para defender-se ou rebater o que fora publicado. Um dos casos foi registrado em sete de julho de 1906, na Folha do Norte: sob o título Plágio e plagiários, o autor defende-se de uma acusação de plágio a um dos poemas que compõem o seu livro, para isso, ele faz uma pesquisa sobre a obra de alguns poetas e argumenta que muitos autores já escreveram textos semelhantes a outros. O outro caso de

resposta a crítica foi encontrado na edição de 23 de janeiro de 1976, de O Liberal, mais especificamente na Seção Jornal Pessoal. Neste caso, Lúcio Flávio Pinto traz a carta de um leitor defendendo o livro O Remo Mágico, do poeta paraense João de Jesus Paes Loureiro.

Uma outra categoria utilizada para enquadrar o conteúdo dos textos foi premiação. Nela foram classificados os textos que falam a respeito de prêmios literários ou mencionam autores e livros como premiados em algum concurso. Nessa categoria, enquadraram-se 20 (3,4%) textos, sendo a maioria, 13 (65%), em O Liberal e sete (35%) na Folha do Norte. O ano em que houve maior menção a premiações foi o de 1976, com oito (40%) textos. Os outros casos se distribuíram pelos demais anos.

Em alguns textos o jornal indicava que havia recebido, de uma determinada livraria, uma remessa de livros que estava à venda. Ao todo, foram 30 (5,1%) textos que informavam que o livro estava à venda, muitas vezes citando também em que livraria encontrá-lo. O maior número de casos de venda de Livro foi na Folha, com 26 (86,6%) textos, a maioria deles inseridos na seção Echos e Notícias. Em muitos casos, a Folha mencionava que a Livraria França havia cedido os livros ou indicava a livraria como o lugar onde eles estavam à venda. Era possível notar também que logo abaixo da coluna vinha um anúncio publicitário da livraria, como este que consta na Imagem 8.

Imagem 8: Anúncio publicitário da Livraria França, Folha do Norte, 05 de janeiro de 1906.

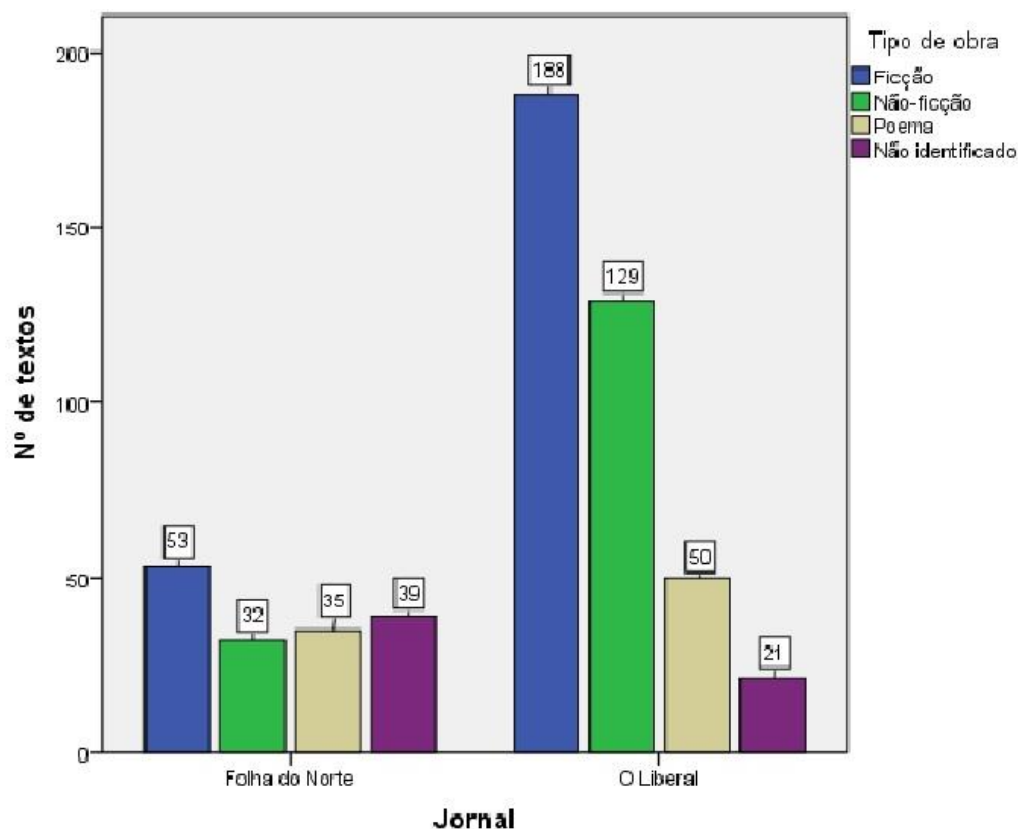


Fonte: Setor de Microfilme da Biblioteca Pública Arthur Vianna

Dos 588 textos que compõem o *corpus* analisado, 329 (55,9%) falavam sobre algum livro, seja para indicar venda, para criticar ou para apenas mencionar, por isso optou-se também por identificar que tipo de livro foi mais visado. As obras então foram classificadas em Ficção, Não-ficção e Poema, sempre que era possível identificar. Os livros de ficção lideram quando o assunto é Tipo de Obra. Ao todo, foram 241 (49,4%) livros de conteúdo ficcional dentre aqueles que puderam ser identificados, 188 (78%) em O Liberal e 53 (21,9%) na Folha do Norte. Logo em seguida vem os de não ficção, com 161 (33%) textos ao todo, e as obras de poema, que somam 85 (17,4%) casos de ambos os jornais. Das obras

mencionadas, 60 (10,9%) não puderam ser identificadas quanto ao seu tipo. Em ambos os jornais predominaram as obras de ficção (Gráfico 31).

Gráfico 31: Tipo de obra, na Folha do Norte e em O Liberal.



Fonte: Dados da pesquisa

O enquadramento foi outro aspecto que se procurou identificar no que diz respeito às obras literárias e aos textos que a elas se referiam nos jornais. M. Sodré (2012) explica que enquadramento midiático é “a operação principal pela qual se seleciona, enfatiza e apresenta (logo, se *constrói*) o acontecimento” (SODRÉ, M., 2012, p. 38, grifo do autor). Trata-se da escolha dos elementos que vão compor a narrativa do fato, seleção essa necessária para organizar a profusão de fatos e direções que um acontecimento pode tomar.

O ‘enquadre’ constitui, assim, um sistema de referências (regras, esquemas interpretativos) que possibilita a atribuição de sentido a uma ocorrência ou uma situação qualquer, de modo a organizar a experiência social. Seja de natureza política, ética ou estética, o enquadre afina-se evidentemente com a cultura de um grupo específico, permitindo ao ator social descrever, interpretar ou categorizar as situações que se lhe afiguram como problemáticas. Por meio dele, um problema social é suscetível de converter-se em problema público, dando margem ao surgimento de ações coletivas (SODRÉ, M., 2012, p. 38).

Assim, a pesquisa verificou se a matéria analisada falava sobre o livro, sobre o autor desse livro ou sobre o seu conteúdo, a fim de perceber qual destes aspectos foi considerado mais relevante na hora de se falar sobre literatura, sendo que mais de um aspecto poderia estar presente no mesmo texto. A ideia era entender qual desses três elementos era mais visado quando se fala de acontecimento literário. Então, o levantamento revelou que 321 (54,6%) textos citaram o nome do livro, 296 (50,3%) mencionaram o autor e 206 (35%) falaram sobre o assunto do qual tratava a obra ou o enredo da história, no caso de ficções.

Os dados mostram que, mais do que falar sobre a temática da obra, os jornais se preocuparam em dar maior destaque para o livro em si, seja para mencionar sua venda, lançamento ou até mesmo proibição. A obra foi, inclusive, mais importante que o próprio autor, que aparece em segundo lugar, no número de ocorrências. O livro foi, portanto, o grande protagonista dos textos sobre literatura.

Até agora foram apresentados diversos aspectos dos textos jornalísticos sobre literatura, nos jornais Folha do Norte e O Liberal. Para analisar e entender mais a fundo a cobertura jornalística sobre temas literários nos jornais e períodos estudados, é preciso compreender de que forma funciona o jornalismo, bem como seus componentes e formatos.

É essa forma de agir que justifica e explica boa parte da postura dos jornais estudados e faz perceber a importância que eles reservam à literatura. Para isso, é preciso estudar um dos principais elementos que compõem a imprensa, tanto hoje, na contemporaneidade, quanto na época dos primeiros jornais, como no caso da Folha do Norte, e esse elemento é a notícia.

4.2 A notícia e os seus valores

A notícia nem sempre foi a mesma que conhecemos hoje, ela se configurou em composições e definições diferentes até tomar o formato atual. Sousa (2001) conta que no início do século XIX as notícias tinham formas diferentes. Segundo o autor, os textos antes eram mais opinativos e ideológicos, diferentes dos textos de hoje, que procuram ser mais informativos.

A escassez de notícias, entre outros factores já referenciados, terá sido uma das razões que levou a que o jornalismo até meados do século XIX, no mundo anglo-saxónico, e até ao início do século XX, nas culturas mediterrânicas, fosse em grande medida constituído por textos ideológicos, em que os jornalistas tomavam posições e expressavam opiniões acerca de factos, acontecimentos e pessoas. Mas em meados do século XIX o relato noticioso adquiriu relevância (SOUSA, 2001 p. 35).

Mas o que é a notícia? Pode-se dizer que não é encontrada como um material bruto na sociedade, ela é um produto construído, que passou por vários processos e sofreu influências de variados lados, afinal, “produzir uma informação supõe a transformação de dados que estão no estado difuso, em unidades homogêneas” (MOUILLAUD, 2002, p. 42). Ou seja, a notícia tem o papel de organizar o meio social em uma narrativa que procure explicar a profusão de fatos que nos rodeia a todo momento, destacando aqueles dignos de serem notados, como explica Traquina (1993):

As notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir a existência pública de notícia, numa palavra – noticiável (newsworthy) (TRAQUINA, 1993, p. 169).

Aquilo que vai ser destacado, ou seja, o noticiável, carrega muitos valores e julgamentos que estão intimamente ligados ao que foi estabelecido socialmente. Hall *et al* (1993) explicam que os acontecimentos não são naturalmente noticiáveis, eles adquirem esse *status* devido a uma série de categorias que foram construídas socialmente. Sendo assim, aquilo que é considerado notícia em um lugar pode não ser em outro. O noticiável, pode, então, dizer muito sobre os valores e a cultura de uma sociedade.

A partir disso, pode-se dizer que uma notícia pode refletir muito da sociedade em que ela foi gerada. No entanto, segundo M. Sodré (2012), diferente do que se acreditava antes, inclusive em teorias hoje já derrubadas, o jornalismo não reflete fielmente a realidade, visto que ele, na verdade, a constitui: “... a notícia não apenas representa ou ‘transmite’ aspectos da realidade (...) mas de que ela é também capaz de *constituir* uma realidade própria (...) a mídia *também* produz efeitos de real” (SODRÉ, M., 2012, p. 25).

Essa construção é perpassada por vários fatores, como a cultura profissional dos jornalistas, da organização em que eles se encontram e dos processos produtivos a que são submetidos. A concepção coletiva de acontecimento também exerce forte influência e tudo isso faz com que “a seleção das ocorrências informe tanto sobre o campo profissional do jornalismo quanto sobre o meio social a que se refere a notícia” (SODRÉ, M., 2012, p. 26).

A notícia, então, a partir dos valores da sociedade e do que fora previamente estabelecido como noticiável, vai destacar tudo aquilo que, de alguma forma, possa ter importância para o devir da vivência social. “A informação é o que é possível e o que é

legítimo mostrar, mas também o que devemos saber, o que está marcado para ser percebido” (MOUILLAUD, 2002, p. 38). M. Sodré (2012) explica que é preciso que haja essa marcação para que se torne mais fácil o processo de seleção de notícias, para que seja mais fácil pinçar aquilo que será noticiado em meio ao grande mar de acontecimentos e fatos que inundam nossa vivência cotidianamente.

A marcação define a noticiabilidade de um fato por critérios, concebidos como valores adequados ao acontecimento: os *valores-notícia* (*News values*). Estes se constituem como tais, não por serem únicos, incomparáveis ou irrepetíveis, mas *por determinarem singularmente categorias de organização ou controle dos fluxos* (econômicos, sociais, políticos) que atuam no espaço urbano por meio de representações, normas, comportamentos e afetos. Evidentemente, há fatos brutos que provocam um efeito de choque por contrariarem a lógica da expectativa do público frente aos fenômenos rotineiros do cotidiano. De uma maneira geral, porém, há nas ocorrências jornalisticamente marcáveis um *senal* ou um *índice* (no sentido peirceano do termo) que a marcação jornalística identifica como fonte de um valor-notícia, logo, como origem de uma possível narrativa. Não é, portanto, qualquer choque ou ruptura que pode gerar um valor-notícia, e sim aquele previamente codificado pela rotina produtiva do sistema informativo como uma inscrição potencial junto ao público-leitor (SODRÉ, M., 2012, p. 75).

M. Sodré (2012) também destaca que um fato não necessariamente deixa de ter importância social só porque não está marcado, ele apenas não é imediatamente relevante. Assim, a partir de tudo aquilo que é marcado, faz-se a seleção do que deverá ser notado, do que vai virar notícia. Essa seleção, segundo Mouillaud (2002), enquadra cenas, isolando determinados personagens em uma unidade de espaço e tempo, como numa cena de teatro. Cria-se, então, uma moldura que é capaz de cortar e focalizar, dando origem a uma cena, “um corte porque separa um campo e aquilo que o envolve; uma focalização porque (...) intensifica as relações entre os objetos e os indivíduos que estão compreendidos dentro do campo e os reverbera para um centro” (MOUILLAUD, 2002, p. 61).

A marcação e o pré-estabelecimento de valores-notícias fazem parte do processo de rotinização da produção jornalística, que facilita o trabalho do profissional, visto que ele precisa obedecer a um tempo industrial e funcional de produção. São ferramentas que auxiliam na difícil tarefa de “escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 2009, p. 196) a fim de, na medida do possível, padronizar aquilo que sai nos jornais.

A partir dessa perspectiva, ‘faz notícia’ o que – tornado pertinente pela cultura profissional dos jornalistas – é suscetível de ser ‘trabalhado’ pelo aparato sem muitas alterações e subversões do ciclo de produção normal. É óbvio que, no caso de eventos excepcionais, o aparato tem a elasticidade necessária para adaptar os próprios procedimentos à situação contingente. No entanto, em geral, a noticiabilidade de um acontecimento é avaliada em relação ao grau de integração

que ele representa com respeito ao andamento normal e rotineiro das fases de produção (WOLF, 2009, p. 196-197).

Vários são os critérios utilizados para determinar o que deve ser considerado notícia e o que não merece espaço nas páginas dos jornais. Geralmente uma mesma notícia possui mais de um valor-notícia que lhe confere importância. Para Wolf (2009), os valores-notícia funcionam de forma complementar e conjuntamente, atuando por meio de relações e combinações entre si. Outro aspecto que o autor (2009) destaca é que esses valores e critérios estão presentes não só na seleção das notícias, como também na determinação do lugar que vai ocupar na hierarquia jornalística. Sousa (2001) acrescenta que, além dessas características, os valores-notícia são flexíveis.

Os critérios de noticiabilidade não são rígidos nem universais. Por outro lado, são, frequentemente, de natureza esquiva, opaca e, por vezes, contraditória. Eles funcionam conjuntamente em todo o processo de fabrico e difusão das notícias e dependem da forma de operar da organização noticiosa, da sua hierarquia interna e da maneira como ela confere ordem ao aparente caos da realidade. Além disso, os critérios de valor-notícia mudam ao longo do tempo (assuntos que há algum tempo não seriam notícia são-no hoje) (SOUSA, 2001, p. 39).

Wolf (2009) também destacou que os valores-notícia são mutáveis e apresentam transformações ao longo do tempo devido a sua natureza dinâmica, visto que são baseados em padrões e valores estabelecidos socialmente. O autor (2009) usou como exemplo a editoria cultural dos jornais, “cuja presença significativa implicou, evidentemente, uma adaptação e uma extensão dos critérios de noticiabilidade numa área que antes não fazia notícia, ou pelo menos não na medida atual” (WOLF, 2009, p. 205). Ou seja, era uma área em que não se investia muito inicialmente, mas que foi tomando espaço e demarcando seu lugar na mídia.

Tal ideia fica evidente nesta pesquisa, pois, ao olhar a cobertura jornalística de temas literários de 1896 até 2006, percebeu-se um volume bem maior de textos sobre literatura a partir de 1976, atingindo o ápice em 2006, com 107 (18,1%) casos. Pelo número de casos ter-se concentrado nos últimos anos do *corpus* da pesquisa, percebe-se que o jornal O Liberal foi o que mais trouxe notícias sobre o tema, até porque, dos 588 textos analisados, 387 (65,8%) foram publicados pelo periódico, mostrando que, quando se trata de uma vertente mais noticiosa, houve muito mais ocorrência na atualidade.

Ainda sobre os valores-notícia, Wolf (2009) os define como relativos a quatro vertentes: há aqueles baseados nos caracteres substantivos das notícias, ou seja, seu conteúdo; há os que se referem ao produto informativo; outros ao público e há também os que dizem respeito à concorrência, que estão relacionados à postura de um jornal diante dos outros jornais.

No que concerne aos critérios substantivos, uma notícia é selecionada por sua importância e interesse. As notícias consideradas importantes são aquelas cujos indivíduos envolvidos possuem altos níveis hierárquicos, aquelas que causam algum impacto sobre a nação e têm interesse nacional ou algum grau de proximidade, seja geográfico ou cultural, ou aquelas que envolvam um grande número de pessoas. São importantes também aquelas notícias que têm uma relevância capaz de gerar desdobramentos ao longo do tempo (WOLF, 2009). Já no que diz respeito ao interesse, uma notícia é selecionada de forma mais subjetiva e traz histórias que “buscam dar ao evento uma interpretação baseada no lado do ‘interesse humano’, do ponto de vista insólito, das pequenas curiosidades que atraem a atenção” (WOLF, 2009, p. 213).

Ao se fazer a análise dos textos jornalísticos que compõem o *corpus* desta pesquisa, estabeleceu-se nove categorias que representariam os tipos de notícia mais recorrentes quando se trata de literatura nos jornais. Dessa forma, foi avaliado com que frequência apareceram textos que giravam em torno de lançamentos de livros, eventos literários, críticas a obras ou autores, respostas a críticas, divulgação de obra ou de autor, premiação e venda de livro.

Quando se relaciona esses temas principais, dentro dos quais os textos foram enquadrados, com os conceitos de critérios substantivos, percebe-se que estas categorias de notícias não se encaixam nas categorias referentes a altos níveis hierárquicos de envolvidos. As notícias literárias e as culturais, de modo geral, também não causam um impacto de escala global ou local, nem atingem de forma considerável um grande número de pessoas. No entanto, elas podem estar relacionadas com o fator proximidade, assim como também podem gerar desdobramentos, dependendo do caso. Dessa forma, as notícias literárias se encaixariam melhor no que Wolf (2009) definiria como de interesse.

O segundo grupo de critérios que Wolf (2009) explicou são os referentes ao produto, aí entrando as notícias cujo material apurativo está mais facilmente disponível e atende às exigências do veículo. Quanto a isso, sabe-se que as redações dos primeiros jornais eram lotadas de intelectuais e escritores, já que a profissão jornalista ainda não estava firmada e claramente definida e isso facilitou o acesso ao material literário. Além disso, como dito anteriormente, na Folha do Norte havia a prática de citar livros recebidos pelas livrarias da cidade. As livrarias mandavam remessas de produtos literários aos jornais, que citavam os livros e indicavam o que estava à venda nesses estabelecimentos, em uma espécie de anúncio indireto. A maioria dos casos encontrados na seção Echos e Notícias, da Folha do Norte, era

dessa natureza. Atualmente, sabe-se que editoras e escritores costumam enviar sugestões de pauta sobre lançamentos e eventos literários aos jornais, em busca de divulgação na mídia. Este comportamento nos leva a crer que, quando se trata de pauta literária, costuma ser a notícia que chega até o jornal e não o movimento contrário, como acontece em outras editorias.

A terceira classe de valores-notícia refere-se ao meio. Esta classe está relacionada aos “limites de espaço e de tempo que caracterizam o produto informativo” (WOLF, 2009, p. 221), em como o fato de uma notícia que obedece ao tempo jornalístico está mais suscetível de ser selecionada.

Há também os valores-notícia relativos ao público, que “dizem respeito ao papel que reveste a imagem do público, compartilhada pelos jornalistas” (WOLF, 2009, p. 222), ou seja, estão relacionados ao que o jornal acredita serem os desejos e necessidades que o público exige. Por fim, há os critérios relativos à concorrência, ou seja, casos de fatos que viram notícia porque se acredita que o jornal concorrente os cobrirá. Wolf (2009) destaca que esses valores nem sempre são encontrados de forma isolada, eles podem se combinar e se complementar e isso dá mais forma à notícia.

... o que se deve salientar é que os valores/notícia são avaliados em suas relações recíprocas, em conexão uns com os outros, por ‘conjuntos’ de fatores hierarquizados e complementares entre si, e não tomados de forma isolada ou singular; toda notícia requer portanto, uma avaliação (por mais automática e inconsciente que seja) da disponibilidade e fidedignidade das fontes, da importância ou do interesse do evento, da sua novidade, além dos critérios relativos ao produto, ao meio e ao formato (WOLF, 2009, p. 227).

Por isso, ao categorizar e analisar as notícias do *corpus* que compõe esta pesquisa, selecionamos os temas mais recorrentes nos textos e os enquadrámos a partir de uma dinâmica em que uma categoria não excluía a outra. Os temas foram: lançamentos de livros, eventos literários, críticas a obras ou autores, respostas a críticas, divulgação de obra ou de autor, premiação e venda de livro. Um mesmo texto jornalístico poderia trazer mais de um desses itens.

Há um grande número de valores-notícia que guiam o jornalista em sua rotina imediatista de seleção. Já foi visto aqui que a proximidade, um dos valores mais destacados, é pertinente para a literatura, pois o Brasil foi o país com mais obras mencionadas, 308 (58,6%) no total, e o Pará, com seus 127 (49,4%) livros citados foi o estado mais recorrente. Sousa (2001) destaca alguns outros valores-notícia presentes no dia-a-dia da produção jornalística,

como o momento do acontecimento, a significância, a proeminência social dos sujeitos envolvidos, a continuidade e a imprevisibilidade.

Quando uma notícia é selecionada devido ao seu momento do acontecimento, é porque o fato se sucedeu recentemente, logo, quanto mais novo for o acontecimento, maiores são as chances de ele sair nos jornais (SOUSA, 2001). Esse valor-notícia se aplicou na temática literária, visto que houve casos de lançamentos de livros, eventos literários e premiações que compõem pautas referentes a novidades, embora não sejam acontecimentos totalmente inesperados.

A significância está presente em notícias de alta relevância, cujas consequências atingem um elevado número de pessoas (SOUSA, 2001). Como mencionado antes, as notícias referentes à literatura não possuem tamanho peso na agenda da sociedade, limitando-se, algumas vezes, a atingir um público mais restrito. Nessa mesma linha está a imprevisibilidade, que Sousa (2001) explica se referir a acontecimentos inesperados e surpreendentes. Estes, porém, não são uma marca muito forte quando se fala de literatura. Nenhum dos temas mais recorrentes e que categorizaram esta pesquisa se baseavam no imprevisível, pois a pauta literária tem muito mais a ver com lançamento de livros e eventos pré-agendados, ou resenhas sobre obras. Ainda assim, foi possível encontrar esse viés mais imprevisível em notícias de morte de escritores, por exemplo, como a matéria “Morreu ontem a escritora inglesa, Agatha Christie”, que saiu em *O Liberal*, no dia 13 de janeiro de 1976, na página 13 do 1º Caderno.

No entanto, o valor-notícia que Sousa (2001) chamou de proeminência social dos sujeitos envolvidos parece fazer muito sentido à pauta literária, afinal, muitos fatos só se tornaram matéria porque estavam relacionados a escritores famosos, por mais que a notícia não fosse citar nenhuma obra literária desse autor. É o caso, por exemplo, do texto “Quintana reinternado agora com pneumonia”, veiculada no dia 13 de julho de 1986, em *O Liberal*, página 03.

O mesmo caso pode caracterizar outro valor-notícia que foi identificado em algumas pautas literárias do *corpus* analisado: a continuidade. Segundo Sousa (2001), a continuidade se trata dos “desenvolvimentos de acontecimentos já noticiados” (SOUSA, 2001, p. 40). O caso da doença de Quintana pôde ser acompanhado pelos leitores nos jornais, com a sucessão de matérias que vieram depois dessa já destacada. As matérias foram: “Mário Quintana está

melhor”, de 14 de julho de 1986, página 16; “Quintana com alta amanhã”, de 16 de julho de 1986, página 02; e “Mário Quintana deixa clínica em Porto Alegre”, de 17 de julho de 1986, página 22.

Jorge (2008) divide os valores-notícia em fundamentais e temáticos. Os fundamentais seriam a atualidade, a proximidade e a notoriedade e são considerados pela autora (2008) como imprescindíveis para a profissão e capazes de puxar os demais valores, como os temáticos, que são de interesse do público. Esses três valores fundamentais também são encontrados nas notícias sobre literatura, como mostrado e exemplificado anteriormente.

Antes de virar notícia, o fato recebe um tratamento capaz de lhe conferir o *status* de acontecimento, portanto, não é qualquer fato que vira acontecimento ou, ainda, notícia. Viu-se até agora que a literatura tem seu espaço nos jornais estudados, espaço este que foi aumentando ao longo do tempo. Percebeu-se também que se trata de uma temática capaz de gerar notícias, mas por quê? O que, na literatura, é considerado notícia a ponto de constar nas páginas de um periódico e disputar espaço com as outras editorias? Para responder a estas perguntas é preciso primeiro entender o que é acontecimento jornalístico para então procurar entender o que, na literatura, é considerado um acontecimento a ponto de sair nos jornais.

4.3 O acontecimento

Notícia é algo que deve ser tornado público por ter tamanha importância que merece ser de conhecimento geral, o que, nas palavras de M. Sodré (2012), corresponde ao “grito do mercador em praça pública. Comunica-se, em ‘voz alta’, algo a ser *notado* ou *sinalizado* como marca factual de um instante particular” (SODRÉ, M., 2012, p. 91, grifo do autor). Trata-se, portanto, de uma ocorrência notável e julgada como de elevado interesse para a população. Mas em meio à profusão de fatos e ocorrências que nos cercam, o que tem caráter relevante para a imprensa no que diz respeito à literatura? O que precisa ser notado e divulgado acerca das letras? Antes, porém, de responder a estas perguntas, é preciso compreender o que é acontecimento.

A definição mais usual de acontecimento é a de que se trata de uma ocorrência que “irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais” (RODRIGUES, 1993, p. 27), ou seja, é um fato inesperado, com probabilidades muito baixas de acontecer, pertencente à categoria do “imprevisível” e do “improvável” (RODRIGUES, 1993, p. 27). É por isso que deve ser noticiado, se tornar público, porque vai de encontro ao

que a sociedade espera no seu cotidiano e que pode, assim, atrapalhar e desordenar o devir da vida social (RODRIGUES, 1993).

M. Sodré (2012) explica que essa ruptura é enquadrada, numa tentativa de atribuir sentido à ocorrência, organizando assim a experiência social. Trata-se de uma forma de restabelecer a continuidade interrompida pelo fato inesperado, possibilitando então a conversão de um problema social em problema público, permitindo que, a partir disso, possam ser tomadas ações coletivas. Esse enquadre, explica o autor (2012), está vinculado à cultura de um determinado grupo e será responsável por descrever, interpretar e categorizar a ocorrência. Vaz e França também falam a respeito dessa função organizativa que a narração de um acontecimento possui:

Esse seria o motivo pelo qual procuramos reduzir as descontinuidades ao buscar socializar as surpresas provocadas pelos acontecimentos: restauramos a continuidade através da ligação do acontecimento a um contexto no qual ele se integra de maneira coerente e acaba por surgir como previsível (VAZ; FRANÇA, 2011, p. 169).

É por ser uma ruptura que o acontecimento também passa a ser um marco no tempo, a partir do qual haverá uma definição do passado e do futuro com base no antes e depois do ocorrido. “O acontecimento produz uma descontinuidade, mas é percebido no fluxo de uma continuidade (...) ou seja, é a partir do próprio acontecimento que passado e futuro são inferidos na ordem da representação” (HENN, 2010, p. 78-79). O acontecimento é, portanto, um encadeamento capaz de explicar e revelar as coisas, visto que finaliza e culmina o que o procedeu, é este encadeamento que dará sentido aos fatos que compõem a existência (HENN, 2010).

Será, então, acontecimento, quando provocar mudanças e marcos no tempo social, marcos capazes de definir um antes e um depois. Os acontecimentos são importantes não só porque se tratam de narrativas que procuram restabelecer a continuidade, mas também porque são “úteis na demarcação do tempo” (MOLOTCH; LESTER, 1993, p. 35). Ritos de passagem como aniversários, empregos e mudanças geográficas são utilizados para fazer esta demarcação temporal, assim também é com o acontecimento, utilizado como ponto de referência para os mesmos propósitos de ordenação da experiência (MOLOTCH; LESTER, 1993).

Rodrigues (1993) destaca alguns pontos que levam um fato a se tornar passível de virar acontecimento, como se fossem registros de notabilidade. O primeiro deles é o excesso, que se trata da “irrupção por excelência do funcionamento normal dos corpos, tanto dos corpos

individuais como dos corpos colectivos e institucionais” (RODRIGUES, 1993 p. 28). Há também o registro de notabilidade provocado pela falha, que “procede por defeito, por insuficiência no funcionamento normal e regular dos corpos” (RODRIGUES, 1993 p. 28). Quando se fala da velha premissa do “homem que mordeu o cão”, referimo-nos ao registro de “inversão” na ordem natural das coisas (RODRIGUES, 1993 p. 28). Enfim, percebe-se que a noticiabilidade está presente no acidente capaz de alterar o estado das coisas.

Fica evidente, assim, que um fato, para se tornar acontecimento, deve, antes de tudo, ser perceptível, essa é sua característica fundamental (ALSINA, 2009), e será perceptível justamente por representar uma quebra de padrão, um fragmento inesperado na sucessão de fatos previsíveis do cotidiano. No entanto, no que diz respeito ao acontecimento jornalístico, ainda é preciso acrescentar outro elemento fundamental em sua composição, a publicização. Para Alsina (2009), um fato só pode ser considerado um acontecimento social se for de conhecimento público, pois “um acontecimento não comunicável ou secreto, não seria nunca um acontecimento jornalístico enquanto ele mantivesse essa característica” (ALSINA, 2009, p. 142).

Antes de se tornar um acontecimento jornalístico e chegar até os leitores, essa ocorrência passa por um tratamento que vai desde a sua escolha até a sua forma de profusão, afinal, a informação que recebemos pela mídia não está pura ou em estado bruto, visto que é “uma determinada percepção e uma interpretação da realidade” (ALSINA, 2009, p. 304). Esse tratamento vai dar origem a um mundo possível que, para Alsina (2009), tem como autor o jornalista e é o resultado da interação do mundo “real” com o mundo de referência.

O mundo ‘real’ seria o mundo dos fatos, dos acontecimentos, que foi dotado de sentido, *prima facie*. Esse sentido, à primeira vista, com o qual se depara o jornalista através de uma fonte, ou que ele mesmo produz quando se torna testemunha de um acontecimento, deverá ser verificado caso seja o adequado. Para isso, o jornalista adota um modelo interpretativo a partir de um mundo de referência. Esse mundo de referência vai lhe permitir construir um mundo possível que, por sua vez, será a sua versão da realidade descrita (ALSINA, 2009, p. 304).

Dessa forma, o mundo possível construído pelo jornalista é uma interpretação feita a partir do “mundo de referência”, ou seja, de modelos e construções culturais de onde o repórter vai tirar elementos que deem sentido ao que está sendo reportado (ALSINA, 2009, p. 304). É por isso que uma mesma ocorrência pode se tornar notícia em uma parte do mundo, em determinada cultura, mas não em outra, pois a noção de acontecimento, que rege o jornalismo, está vinculada ao contexto social e cultural em que está imerso. Por isso, estudar a

cobertura jornalística sobre literatura em jornais paraenses pode nos dar indícios da importância deste tema para os jornais e para a sociedade.

Charaudeau (2009) reforça que o acontecimento não é transmitido em sua forma bruta e pura, pois é o resultado de um olhar lançado sobre ele, um olhar que está atrelado a um determinado sistema de pensamento. Para o autor (2009), esse processo de atribuição de sentido a um acontecimento se dá após algumas fases, em um processo que implica a presença de um sujeito capaz de perceber as normas e estruturas que regem a sociedade, identificar mudanças e rupturas nesse padrão e integrar essas percepções a um sistema de experiência anterior a ocorrência. É, portanto, um processo constituído por três etapas:

...de *reconhecimento* do sistema de pensamento e das referências organizacionais que devem permitir perceber e interpretar os acontecimentos internos ao sistema; de *percepção* de um elemento novo, perturbador, o qual surge fora de sistema (o inesperado, o aleatório) que deve permitir depreender os acontecimentos externos, acidentais; de *reintegração* do acontecimento acidental a um dos sistemas de pensamento preexistentes que deve permitir modificar tais sistemas e assegurar, assim, sua evolução (CHARAUDEAU, 2009, p. 99, grifo do autor)

A partir desses conceitos e definições de acontecimento, é possível interpretá-lo como a narrativa de um fato inesperado e que deve ser de conhecimento público, a fim de ordenar a experiência social por meio de ações coletivas que possam restabelecer a continuidade e o padrão que rege a sociedade, transformando, assim, a ocorrência em um marco temporal. No entanto, ao analisar os textos jornalísticos sobre literatura nos jornais e períodos que compõem o *corpus* desta pesquisa, percebeu-se que os fatos que compunham a narrativa nem sempre eram de caráter inesperado ou capazes de desarticular a vida social por se tratar de um problema público.

Os acontecimentos que marcam a temática literária e levam à sua publicação nas páginas dos jornais não se encaixam nos conceitos básicos de acontecimento, que pregam a difusão de fatos que interrompem o desenvolvimento de uma rotina social, porque as pautas literárias não atingem diretamente a vida do leitor, elas estão muito mais associadas ao seu interesse cultural e intelectual. Quando se trata de literatura, portanto, não é sempre o inesperado que vai virar pauta, embora haja casos, como ficou comprovado por esta pesquisa.

Para perceber isso, basta verificar os números referentes aos temas mais recorrentes nos textos jornalísticos analisados nesta pesquisa. Ao todo, foram 127 (21,5%) textos sobre lançamentos de livros, 142 (24,1%) notícias ou notas tratando de eventos literários, 329 (55,9%) menções a obras, 413 (70,2%) momentos em que um escritor foi citado e 30 (5,1%)

textos que se propunham a indicar a venda de um livro. Com relação às críticas, foram 46 (7,8%) direcionadas a livros e 31 (5,2%) voltadas para obras. Em apenas dois (0,34%) casos houve resposta de autor a alguma crítica.

O que mais se aproxima de um acontecimento jornalístico literário diz respeito aos lançamentos de livros, aos eventos literários e às premiações, mas, ainda assim, não se tratam de fatos totalmente imprevisíveis, apesar de poderem atingir grande número de pessoas, como no caso da Feira do Livro, por exemplo.

Mas há outras categorias de acontecimento nas quais as notícias literárias se encaixam melhor. É evidente que há aquele acontecimento que surge inesperadamente, por ser imprevisível pelos “sistemas de expectativa da vida social”, conhecido como acontecimento-acidente (CHARAUDEAU, 2009), mas há também tipos de acontecimentos previsíveis.

É o caso do acontecimento programado, definido por Charadeau (2009) como aquilo já conhecido e esperado, por já estar marcado no calendário que organiza a vida social. Em Belém do Pará, por exemplo, pode-se citar o caso do Círio de Nazaré⁹, que ocorre todos os anos, no mesmo período, mas mesmo assim gera notícias nos jornais locais e nacionais. Trazendo para o âmbito literário, pode-se mencionar também a Feira Pan-Amazônica do Livro, que acontece regularmente na capital e também gera notícia. Nessa categoria de acontecimento podem entrar, por exemplo, os eventos literários, caracterizados por reuniões da Academia Paraense de Letras, saraus e feiras, que muitas vezes possuíam uma certa regularidade, ou mesmo que não tivessem, se tratavam de acontecimentos programados e criados para compor a agenda cultural do paraense e movimentar o cenário literário do estado.

Há também aquele acontecimento que foi criado, provocado, com a intenção de aparecer na mídia para divulgar algo. Trata-se do acontecimento suscitado, geralmente gerado por algum setor institucional, com fins estratégicos (CHARAUDEAU, 2009). Existe ainda o que Pontes e Silva (2010) definem como pseudoacontecimento, que não surgem naturalmente, pois são provocados, fruto de situações artificialmente criadas para atender uma necessidade da própria mídia de ter o que noticiar ou de cobrir fatos gerados por autoridades, empresas e celebridades que pretendem se manter na mídia a qualquer custo (PONTES; SILVA, 2010).

Os pseudoacontecimentos seriam então legitimados pela mídia, pois, ao contrário dos acontecimentos legítimos, que possuem força própria suficiente para virarem notícia, eles

⁹ Procissão religiosa que acontece em Belém, anualmente, no segundo domingo de outubro.

“não produzem mudanças significativas para o coletivo, apenas alimentam diariamente as páginas da vida cotidiana” (PONTES; SILVA, 2010, p. 55). No que diz respeito à literatura, pode-se identificar esse tipo de acontecimento, sobretudo quando há a promoção de eventos para o lançamento de um determinado livro, por exemplo. Essa prática costuma ser feita pela assessoria de imprensa do autor ou da editora, responsável por promover o livro junto à mídia. Assim, cria-se uma espécie de evento responsável por chamar atenção para um novo livro no mercado.

Os acontecimentos podem também classificar-se em micro e macro acontecimentos. “Há, assim, grandes e pequenos acontecimentos, hierarquizados em razão de sua previsibilidade dentro de um sistema determinado” (SODRÉ, M., 2012, p. 34). Os macroacontecimentos seriam aqueles de grande magnitude e consequências avassaladoras para um elevado número de pessoas. Já os microacontecimentos correspondem àqueles de menor proporção (SODRÉ, M., 2012). Se formos usar como exemplo um acontecimento inesperado na pauta literária, como a morte de um escritor, isso se encaixaria no ramo dos microacontecimentos.

Do *corpus* analisado, alguns poucos casos poderiam se encaixar na categoria dos inesperados, embora não sejam de grande impacto, como esse tipo de acontecimento costuma ser. Um caso dessa natureza é este citado acima, referente à morte de um escritor, ou, ainda, como quando ocorreu a proibição de um livro, como a que foi publicada por O Liberal em 19 de janeiro de 1996 (Imagem 9).

Imagem 9: Notícia sobre a proibição de um livro.
O Liberal, 19 de janeiro de 1996



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna

Os dados analisados apontam que os temas lançamento de livro e evento literário, classificados como acontecimentos programados, concentram-se no jornal O Liberal e nos anos mais recentes da pesquisa, o mesmo ocorrendo com a temática premiação, que tem maior número de ocorrências no mesmo jornal e no ano de 1976. Já as críticas direcionadas aos livros têm seu ápice em 1906, a maioria pertencendo à Folha. Esses dados mostram como a imprensa foi se tornando menos analítica e mais informativa ao longo do tempo, como defende M. Sodré (2012).

Esse tipo de imprensa foi deixado de lado pela imprensa moderna - ao se organizar em fins do século XIX como um campo de produção industrial-capitalista da cultura -, que pôs em primeiro plano a tarefa de apenas informar o público, assim privilegiando a objetividade profissional das técnicas de texto e o desenvolvimento dos processos mecânicos e eletrônicos de reprodução das mensagens (SODRÉ, M., 2012, p. 55).

No entanto, é interessante notar que essa configuração não se repete quando se observa as críticas a autores, que tiveram seu ápice em 2006, com a maioria circulando em O Liberal. O dado mostra que não se trata de uma tendência generalizada e que ainda pode haver um espaço para esse tipo de publicação.

Ao longo desta pesquisa, pôde-se apreender que, embora o número de textos sobre literatura nos jornais tenha aumentado ao longo do tempo, esses textos adquiriram cada vez mais um caráter informativo, ou seja, por mais que a temática seja cultural e artística,

difícilmente fugiu dos padrões estabelecidos após a transformação do jornalismo em empresa, fora algumas exceções.

Com essa discussão sobre acontecimento jornalístico na pauta literária, é possível conhecer um pouco mais sobre cobertura empreendida pelos jornais Folha do Norte e O Liberal, de 1896 até 2006. Encerramos, dessa forma, o mapeamento realizado em dois jornais de destaque do Pará, procurando contribuir para o conhecimento acerca da história da imprensa paraense, mais especificamente no que diz respeito à sua relação com a literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a observar a cobertura jornalística sobre literatura nos jornais paraenses Folha do Norte (1896 – 1974) e O Liberal (1946 – atual), buscando identificar como a literatura tem sido tratada e qual espaço cabe à produção paraense. Procurou-se, dessa forma, identificar as fases pelas quais a imprensa passou no que diz respeito à cobertura da literatura, seja como veículo de divulgação e crítica de obras, recorrente nos primeiros jornais, seja como fonte de informação acerca de acontecimentos literários, tendo sempre em vista que a produção e o consumo de literatura, no Brasil e no Pará, tiveram diversos momentos.

Com a ajuda de um protocolo que refletia as particularidades desta pesquisa e procurava responder aos objetivos do estudo, realizou-se uma Análise de Conteúdo, de cunho exploratório, nos textos jornalísticos sobre literatura que circularam na Folha do Norte e em O Liberal, de dez em dez anos, nos meses de janeiro e julho, em um período que vai de 1896 a 2006, totalizando 110 anos. A intenção foi compreender a produção jornalística sobre literatura dos jornais selecionados e procurar observar flutuações e mudanças ao longo do tempo. O protocolo foi adaptado e criado a partir de outros protocolos elaborados para finalidades similares e se mostrou eficiente durante a pesquisa, auxiliando na obtenção dos resultados apresentados, sendo, portanto, uma ferramenta que pode ser empregada em outros estudos dessa natureza.

Vários aspectos foram observados e uma série de elementos foi analisada, cada um trazendo um viés do jornalismo que pudesse contribuir na construção do perfil dessa cobertura jornalística. Após a leitura de todas as edições dos anos e meses estudados, chegou-se a um *corpus* composto por 588 textos, sendo 387 publicados em O Liberal e 201 pertencentes à Folha do Norte. Logo de início percebe-se que foi O Liberal, jornal mais recente, que trouxe um número maior de textos sobre literatura e não o mais antigo, a Folha do Norte, como se esperava antes de dar início à pesquisa. No entanto, deve-se considerar que os jornais apresentavam linhas editoriais e propostas diferentes, que poderiam refletir no volume de textos sobre literatura.

Outro aspecto revelado pela pesquisa, que foi de encontro às expectativas iniciais, foi o volume de publicações sobre literatura, quando observado ao longo dos anos. Como foi visto no estudo, a literatura teve um vínculo muito grande com o jornalismo impresso quando este dava seus primeiros passos. Não se pode esquecer que muitos dos primeiros jornais traziam contos, poesias, crônicas e folhetins em suas páginas, logo, era de se esperar que o

espaço dado à literatura fosse muito maior e isso refletiria também na cobertura jornalística. No entanto, o que a pesquisa mostrou foi que, dos anos estudados, houve um aumento da publicação a partir de 1976 e aquele que trouxe um maior número de textos sobre literatura foi o de 2006. A diferença no número de textos pode ser atribuída ao aumento do número de páginas ao longo dos anos, pois enquanto a Folha do Norte começou a circular com cerca de quatro páginas (assim como o próprio O Liberal em suas primeiras edições), o jornal dos Maiorana, nas últimas décadas do estudo, passou a ser composto por vários cadernos e um elevado número de páginas.

Com a finalidade de observar que importância teve a literatura nos períodos analisados, levou-se em consideração vários elementos que dizem respeito ao cotidiano de uma redação de jornal impresso. Assim, percebeu-se que a maior parte dos textos jornalísticos sobre literatura circulou aos domingos e as páginas ímpares predominaram na cobertura do tema, o que revela que a temática tem certa relevância para o jornal, visto que se trata de um dia da semana importante, o mesmo valendo para a página ímpar, considerada preciosa na diagramação.

Tanto com relação ao dia da semana quanto à paginação, percebeu-se um maior volume de textos nos últimos anos da pesquisa, ou seja, se os dados revelam uma importância conferida ao tema, esta importância cresceu ao longo dos anos, já que esses aspectos se mostraram ainda mais presentes em 2006. O mesmo fenômeno pode ser observado no que diz respeito ao tamanho dos textos analisados. Apesar de terem predominado os textos que ocupavam menos de $\frac{1}{4}$ de página, é nos últimos anos da pesquisa, e em O Liberal, que se concentram os maiores textos, como aqueles de página inteira ou meia página, ou seja, além de haver um aumento no número de textos ao longo do tempo, também se observou um espaço maior cedido ao tema.

Em alguns aspectos, a literatura não obteve tanto êxito, como no caso das assinaturas. A maioria dos textos sobre a temática não era assinado, ainda assim, dos poucos casos encontrados, a maioria foi publicada em 2006, mostrando mais uma vez as mudanças presentes nos últimos anos do estudo. Outro aspecto também pouco recorrente na cobertura foi a chamada, com apenas seis casos de chamadas em capas de jornal, todos em O Liberal e nos três últimos anos do *corpus*. Houve ainda alguns casos em que o texto era reproduzido na íntegra na primeira página do jornal ou do caderno, mas também foram poucos, se comparados com o volume total de textos.

No que diz respeito à estratificação, pouco mais da metade dos textos veio dentro de um caderno, porém, como em todos os aspectos analisados, deve se levar em conta que a divisão do jornal também não é algo que o acompanha desde a sua origem. O caderno com mais textos sobre literatura foi Cartaz, de O Liberal, o que era de se esperar, já que se trata de um caderno sobre cultura, arte e entretenimento. Quando se observa a divisão entre seções e colunas, percebe-se que houve predominância na seção Echos e Notícias, da Folha do Norte e na coluna Repórter 70, de O Liberal, ambas sobre assuntos gerais, o que mostra que nem sempre a literatura veio num espaço demarcado só para ela.

A pesquisa também observou o uso de recursos gráficos e visuais, visto que ajudam a chamar atenção à matéria e a complementá-la, o que lhe confere mais relevância diante das outras. Porém, só se registrou o uso de boxes e imagens e, ainda assim, foram poucos casos. Dos recursos visuais, o que predominou foi a fotografia, com 127 casos, a maioria, mais uma vez, em O Liberal e no ano de 2006. Nos casos registrados de fotografia, a maior parte dizia respeito a autores/escritores, mostrando que eles são os mais visados.

Um dos principais itens a serem observados nesta pesquisa era a procedência das obras retratadas, a fim de verificar o espaço dado ao que é produzido no país e no estado. Os dados mostraram que houve predomínio das obras brasileiras e paraenses nos textos sobre literatura, ou seja, os jornais dão mais espaço às produções próximas do público leitor e essa importância dada à literatura paraense foi crescendo com o tempo, pois houve maior volume de casos no ano de 2006. Entretanto, ao se analisar os dados que dizem respeito ao conteúdo das obras, viu-se que, das obras cujo assunto pôde ser identificado, poucas falavam de alguma temática específica do Pará, ou seja, a presença de livros paraenses foi recorrente, porém seu conteúdo não era voltado para a região.

A pesquisa também analisou os gêneros e formatos mais usados quando se trata de textos de tema literário. O gênero Informativo foi o mais encontrado, em segundo lugar veio o Opinativo e, por fim, o Diversional, presente em apenas dois casos. Os únicos anos em que o Opinativo superou o Informativo foram em 1896 e 1926, na Folha do Norte. A diferença entre os dois gêneros vai aumentando no decorrer dos anos e em 2006 o Informativo atinge seu ápice. Dados como esse mostram que o jornal O Liberal foi adquirindo um viés cada vez mais factual, também, no âmbito literário. O aumento no número de textos de viés informativo pode ser associado a mudanças na linha editorial do jornal.

Cruzando esse dado com o volume de produção de notícias literárias, percebe-se que a literatura foi ganhando mais espaço nos jornais, mas também foi se tornando tema de forma mais factual, absorvendo as características do jornalismo que conhecemos hoje. Levando-se em conta que o gênero Informativo é predominante, não é de se estranhar que os formatos mais recorrentes sejam a Notícia e a Nota, logo depois, em terceiro lugar, a Resenha/Crítica, pertencente ao gênero Opinativo. Observando este aspecto década a década, percebe-se mais uma vez a predominância de formatos do gênero Informativo, em relação ao Opinativo. Outro dado que condiz com esse fenômeno é que o número de textos com críticas a livros foi da Folha do Norte, no ano de 1906, embora as críticas a autores tenham predominado em 2006, em O Liberal.

Com relação à pauta da cobertura jornalística sobre literatura, houve predomínio de notícias sobre eventos literários, evidenciando um lado noticioso da literatura, baseado em acontecimentos que, nesse caso, são programados. A pauta literária, inclusive, mostrou-se capaz de gerar notícia e virar acontecimento jornalístico, embora haja casos de acontecimentos inesperados, como a morte de um escritor. Houve um volume muito maior de acontecimentos previsíveis e programados, como é o caso dos eventos literários ou das premiações e lançamentos de livros.

Estes são alguns dos principais dados gerados pela pesquisa, no sentido de contribuir para um mapeamento da cobertura jornalística sobre literatura, nos jornais Folha do Norte e O Liberal, e a forma como ambos se comportaram ao longo das décadas estudadas. A relação do jornalismo com a literatura no âmbito noticioso ainda é pouco estudada no Pará e esta pesquisa pôde revelar algumas nuances dessa relação e da cobertura jornalística empreendida por dois importantes jornais da região. No entanto, ainda há muito aspectos que podem ser explorados, e como toda pesquisa, esta abriu vários caminhos alternativos ao longo do principal trajeto traçado, caminhos que abrem precedentes para outras pesquisas e outros dados que podem ajudar a entender um pouco mais a história do jornalismo impresso paraense.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2009.
- AZEVEDO, José Eustachio de. **Literatura paraense**. 3 ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin; W. GASKELL, George. Análise de Conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 189-217.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras: catálogo**. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.
- BORGES, Ricardo. **Vultos notáveis do Pará**. 2a edição. Belém: CEJUP, 1986.
- BRITO, José Domingos. **Literatura e jornalismo**. São Paulo: Novatec, v. 3, 2007.
- CANGUSSU, Dawson Soares. **Turma do Central: suplemento, narrativa e descrença com a história**. 2008. Disponível em: <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=121>. Acesso em: 24 out. 2012.
- CARVALHO, Vanessa Brasil de. **A ciência na imprensa paraense em 130 anos: um estudo de três grandes jornais diários**. 2013. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- CASTRO, Avelina Oliveira de. **Criar do abuso na Amazônia: Os (ab)usos discursivos da imprensa paraense na cobertura de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes**. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- CASTRO, Avelina Oliveira de; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. História, discursos e relações de poder nas páginas de O Liberal. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto, MG: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia; Universidade Federal de Ouro Preto, 2013. Disponível

em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-impressa/historia-discursos-e-relacoes-de-poder-nas-paginas-de-o-liberal>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHEIN, Isidor. Um introdução à amostragem. In: **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974, p. 571-611.

COELHO, Geraldo Mártires. **Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822**. Belém: Cejup, 1993.

_____. **Imprensa, ideias e poder: o surgimento da imprensa no Pará**. Revista Pará Zero Zero, Belém, ano II, n.5, p. 22 – 39, 2007.

_____. **Letras e baionetas: novos documentos para a história da imprensa no Pará**. Belém: CEJUP, 1989.

COELHO, Marinilce Oliveira. **Memórias literárias de Belém do Pará: O grupo dos novos (1946 – 1952)**. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000305016>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

COSTA, Lailton da. Gêneros jornalísticos. In: ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2010, p. 44-83.

CRUZ, Ernesto. **História de Belém**. Belém: UFPA, 1973.

FERNANDES, Phillippe; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Comunicação & História: a imprensa de Belém no alvorecer do século XX. **Revista Brasileira de História da Mídia**. v. 1, n. 1, p. 61-70, out. 2011a – mar. 2012.

_____. Entre jornais e um repórter: a imprensa de Belém nas décadas de 1910 e 1920. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais...** Pernambuco, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1283-1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

FERREIRA, Paulo Roberto. Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia. In: 3º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 3., 2005, Novo Hamburgo. **Anais...** Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1?b_start:int=100. Acesso em: 07 abr. 2015.

FRANÇA, Vera. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, Alex; OLIVEIRA, Ana; NASCIMENTO, Geraldo; RONSINI, Veneza (Org.). **Comunicação e interações**. Ed. Sulina, 2008, p. 71-91.

GARCIA, Luiz (Org.). **O Globo: Manual de redação e estilo**. São Paulo: Globo. Nova edição, revista e ampliada, 1994.

HALL *et al.* A produção social das notícias: O *mugging* nos *media*. In: **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Nelson Traquina (Org.). Lisboa: Vega, 1993, p. 224-248.

HENN, Ronaldo. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virginia (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 77-93.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de Conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 123-142.

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto. 2008.

LIMA, Marcelo. **Jornalismo cultural e crítica: a literatura brasileira no suplemento Mais!**. Curitiba: UFPR, 2013.

MASSARANI, Luisa; CARVALHO, Vanessa; SEIXAS, Netília. Ciência e mídia na região Norte brasileira: um estudo sobre três jornais paraenses em 130 anos. In: SEIXAS, Netília Silva dos Anjos; COSTA, Alda; COSTA, Luciana (Org.). **Comunicação: visualidades e diversidades na amazônia**. Belém: Fadesp, 2013, p. 123-145,.

MAUÉS, Júlia. **A modernidade literária no Estado do Pará: os suplementos literários da Folha do Norte**. Belém: UNAMA, 2002.

MEIRA, Clóvis, ILDONE, José, CASTRO, Acyr. **Introdução à literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Gêneros jornalísticos no Brasil: o estado da questão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais...** Paraná, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0763-1.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2015.

_____. Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques de; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros Jornalísticos: teoria e práxis**. Blumenau: Edifurb, 2012.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993, p. 34-51.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento. In: PORTO, Sérgio D. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Ed. UnB, 2002, p. 49-83.

_____. A informação ou parte da sombra. In: PORTO, Sérgio D. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 37-47.

O LIBERAL – 65 ANOS. Belém, 2011. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/968529-Institucional-O-Liberal-65-anos/>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

PINTO, Lúcio Flávio. **Dossiê Cabanagem 180 anos:** a guerra de um povo. Belém: Jornal Pessoal, Janeiro de 2015.

PONTES, Felipe; SILVA, Gislene. Acontecimento jornalístico e história. In: BENETTI, Márcia. FONSECA, Virginia (Org.). **Jornalismo e acontecimento:** mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010, p. 43-61.

ROCQUE, Carlos. **Magalhães Barata:** o homem, a lenda, o político. Belém: SECULT, 2006.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo:** questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993, p. 27-33.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Claudia. **História do jornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2007.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Revista Entrelaces**, Ceará, ano 1, n. 1, p. 44 – 56, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

SALLES, Vicente. **Memorial da cabanagem:** esboço do pensamento político-revolucionário no Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém:** riquezas produzindo a *belle-époque* (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000.

SEIXAS *et al.* Jornal Folha do Norte e suas publicações sobre a Amazônia, o Pará e a cidade de Belém. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA (ALCAR), 9., 2013, Ouro Preto, MG. **Anais...** São Paulo: ALCAR, 2013, p. 1-11.

Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-imprensa/jornal-folha-do-norte-e-suas-publicacoes-sobre-a-amazonia-o-para-e-a-cidade-de-belem>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

_____. O uso da imagem na mídia impressa em Belém: percurso e configuração. In: PEREIRA, Ariane *et al.* **Fatos do passado na mídia do presente:** rastros históricos e restos memoráveis. São Paulo: Intercom; e-livros; UNICENTRO, 2011a. p. 279-306. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/detalheEbook.php?id=45138>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

_____. Panorama da imprensa em Belém: os jornais de 1822 a 1860. In: FILHO, Otacílio Amaral; LIMA, Regina Lúcia Alves de; MALCHER, Maria Ataíde (Org.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia.** Belém: FADESP, 2011b, p. 225-248.

_____. A imprensa em Belém no século XIX: as décadas de 1861 e 1871. In: XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza.

Anais... Ceará, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2193-1.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

_____. **A trajetória da imprensa no Pará.** Projeto de pesquisa Edital Universal MCTI/CNPq N° 14/2012.

SELLTIZ *et al.* Métodos de observação. In: **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974, p. 223-261.

SILVA, Gisele; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, São Paulo, ano 5, edição 10, jul-dez 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51250>>. Acesso em: 04 nov. 2014.

SILVA, Rafael. **Diagramação:** o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. 5 ed. São Paulo: Summus, v. 7, 1985

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. **Produção e vendas no setor editorial brasileiro**, 2014. Disponível em: < <http://www.snel.org.br/dados-do-setor/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos.** Coimbra: Minerva, 2000.

_____. **Elementos de jornalismo impresso.** Porto, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

_____. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo. In: SOUSA, Jorge Pedro. (Org.) **Jornalismo:** história, teoria e metodologia. Perspectivas luso-brasileiras. Porto: Edição/reimpressão: Ed.:Edições Univ. Fernando Pessoa, 2008.

SOUZA JÚNIOR, José Alves de. Pasquins, panfletos e jornais: a imprensa política na independência do Pará. In: FONTES, Edilza Oliveira; BEZERRA NETO, José Maia (Org.). **Diálogo entre história, literatura e memória.** Belém: Paka-Tatu, 2007, p. 11-45.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. “Sahiram à luz”: livros em prosa de ficção publicados pela impressão régia do Rio de Janeiro. In: ABREU, Márcia (Org.). **Trajelórias do romance:** circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, p. 23 – 44.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo:** questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

_____. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são.** 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VAZ, Paulo; FRANÇA, Renné. O acontecimento enquadrado: a tragédia em capas de revista. In: LEAL, Bruno; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo (Org.). **Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos**. Florianópolis: Insular, v. 2, 2011, p. 167-188.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 4 ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2009.

APÊNDICE

Protocolo de análise codificado

A. JORNAL

1	Folha do Norte
2	O Liberal

B. Título da peça

Inerir o nome por extenso

C. ANO

O número corresponde ao ano, de 1896 a 2006

D. MÊS

1	Janeiro
2	Fevereiro
3	Março
4	Abril
5	Maio
6	Junho
7	Julho
8	Agosto
9	Setembro
10	Outubro
11	Novembro
12	Dezembro

E. DIA

O número corresponde ao dia do mês, de 1 a 31

F. DIA DA SEMANA

1	Domingo
2	Segunda
3	Terça
4	Quarta
5	Quinta
6	Sexta
7	Sábado

G. ASSINATURA

1	Assinado
2	Não assinado

H. GÊNERO

1	Informativo
2	Interpretativo
3	Opinativo
4	Diversional
5	Utilitário

I. FORMATO DO TEXTO

1	Nota
---	------

2	Notícia
3	Reportagem
4	Entrevista
5	Comentário
6	Artigo
7	Resenha ou crítica
8	Coluna
9	Outro

J. PÁGINA (DO INÍCIO DA PEÇA)

1	Ímpar
2	Par

K.EDITORIA/CADERNO/SEÇÃO/SUPLEMENTO

1	Sem caderno ou editoria
2	Caderno Cartaz
3	Caderno Magazine
4	Editoria Poder
5	Suplemento Arte-Literatura
6	Seção Echos e Notícias
7	Seção Livros Novos (FN)
8	Seção Livros Novos (OL)
9	Segundo Caderno (O Liberal antigo)
10	Caderno Atualidades
11	Chronica dos Livros
12	Nossos Telegramas
13	Livro da Porta
14	Seção Livros e Revistas
15	Ineditoriais
16	2º Seção
17	Serviço Telegraphico
18	Coluna “Vida Social e Associativa” por Viriato
19	Seção A Folha no Mundo
20	Coluna Guaracy de Brito Informa
21	Seção Caminhos dos Livros
22	Segundo Caderno (Folha do Norte)
23	Litteratura e Arte
24	Fatos e Flashes
25	Seção Crônica
26	4º Caderno
27	Repórter 70
28	Terceiro Caderno (OL)
29	Primeiro Caderno (OL)
30	Coluna Reportagem Social
31	Caderno Em Família
32	Coluna Vera
33	Coluna Homens e Negócios
34	Seção Jornal Pessoal
35	Coluna Notícias e Comentárioss
36	Coluna Isaac Soares
37	Coluna Notícias e Comentários

38	Roda Viva
39	Seção Livros
40	Coluna Ary de Vasconcelos
41	Coluna Artur da Távola
42	Coluna Fatos e Pessoas
43	Seção O Mundo
44	Coluna Maria Raja Gabaglia
45	Coluna Lucio Flavio Pinto
46	Coluna João Malato
47	Caderno Artes
48	Seção Artes
49	Coluna Ibrahim Sued
50	Coluna Panorama
51	Seção Local
52	Seção Opinião
53	Seção Artigos
54	Coluna Hildegard Angel
55	Caderno Painel
56	Coluna A Voz do Leitor
57	Caderno Mundo
58	Coluna Tutti Qui
59	Coluna Bernardino
60	Coluna Sete Dias
61	Coluna Paulo Coelho
62	Caderno Mulher
63	Coluna Ancelmo Goes
64	Mais Poetas (FN)
65	Coluna Ronda Literária

L. CHAMADA DE PRIMEIRA PÁGINA

1	Não
2	Sim

M. CHAMADA DE CAPA DE CADERNO

1	Não
2	Sim

N. MATÉRIA DE CAPA DE CADERNO

1	Não
2	Sim

O. MATÉRIA DE CAPA DE JORNAL

1	Não
2	Sim

P. TAMANHO

1	Página inteira
2	Meia página
3	$\frac{3}{4}$ página
4	$\frac{1}{4}$ página
5	Menor que $\frac{1}{4}$ página
6	Mais de uma página

7	Uma coluna*
8	Mais de uma coluna
9	Outro

***Não necessariamente uma coluna inteira**

Q. GRÁFICO

1	Não
2	Sim

R. QUADRO

1	Não
2	Sim

S. TABELA

1	Não
2	Sim

T. BOX

1	Não
2	Sim

U. INFOGRÁFICO

1	Não
2	Sim

V. IMAGEM NÃO FOTOGRÁFICA

1	Não
2	Sim

W. TIPO DE FOTOGRAFIA

1	Autor
2	Livro
3	Autor e livro
4	Outros
5	Evento
6	Conteúdo

X. VALOR NOTÍCIA

XA. LANÇAMENTO DE LIVRO

1	Não
2	Sim

XB. EVENTO LITERÁRIO

1	Não
2	Sim

XC. CRÍTICA À OBRA

1	Não
2	Sim

XD. CRÍTICA A AUTOR

1	Não
---	-----

2	Sim
---	-----

XE. RESPOSTA À CRÍTICA

1	Não
2	Sim

XF. DIVULGAÇÃO DE OBRA

1	Não
2	Sim

XG. DIVULGAÇÃO DE AUTOR

1	Não
2	Sim

XH. PREMIAÇÃO

1	Não
2	Sim

XI. VENDA DE LIVRO

1	Não
2	Sim

Y. PAÍS DE PROCEDÊNCIA DA OBRA

1	Não identificado
2	Brasil
3	França
4	Portugal
5	Espanha
6	Chile
7	Estados Unidos
8	Itália
9	Inglaterra
10	Romênia
11	Rússia
12	Alemanha
13	Argentina
14	China
15	Colômbia
16	Canadá
17	Suécia
18	Irlanda
19	Suíça
20	República Tcheca
21	Peru
22	Cuba
23	Grécia
24	Áustria
25	Japão
26	Bulgária
27	Hungria
28	Escócia
29	Paquistão

30	México
----	--------

Z. ESTADO DE PROCEDÊNCIA DA OBRA BRASILEIRA

1	Não identificado
2	Pará
3	Rio de Janeiro
4	Brasília
5	São Paulo
6	Recife
7	Minas Gerais
8	Rio Grande do Norte
9	Ceará
10	Alagoas
11	Rio Grande do Sul
12	Pernambuco
13	Piauí
14	Paraná
15	Bahia
16	Mato Grosso do Sul
17	Maranhão
18	Amazonas
19	Santa Catarina
20	Goiás

AA. TIPO DE OBRA

1	Ficção
2	Não-ficção
3	Poema
4	Não identificado

AB. TEMA DA OBRA

1	Obra paraense sobre o Pará
2	Obra paraense sobre outros temas
3	Obra produzida fora do Pará, sobre o Pará
4	Obra produzida fora do Pará, sobre outros temas
5	Obra estrangeira sobre o Pará
6	Obra estrangeira sobre outros temas
7	Não identificado

AC. ÊNFASE NO LIVRO

1	Não
2	Sim

AD. ÊNFASE NO AUTOR

1	Não
2	Sim

AE. ÊNFASE NO TEMA

1	Não
2	Sim

AF. NATUREZA DO TRATAMENTO

1	Negativo
2	Positivo
3	Não identificado

AG. AUTORES NOTICIADOS

1	Raul Pompeia
2	Vilhena Alves
3	Zola
4	Louis Bourdieu
5	Pereira da Costa Filho
6	Figueiredo Pimentel
7	Visconde Ponson du Terrail
8	Rocha Martins
9	Gabriel D'Annunzio
10	René Emery
11	Manoel Maria Barbosa du Bocage
12	D. Julian Castellanos
13	William Shakespeare
14	Capitão Polycarpo
15	Visconde de Taunay
16	Castro Alves
17	Annie Besant
18	Izabel de Wied
19	Jacques Rolla
20	João de Deus do Rego
21	Flexa Ribeiro
22	Alexandre Dumas
23	João de Barros
24	Silva Pinto
25	Adolfo d'Ennery
26	Virginia de Castro e Almeida
27	Alvaro de Freitas
28	E. Ladoucette
29	Leão Tolstoi
30	João Chagas
31	Maria P. Figueirinhas
32	Mario Alencar
33	Rocha Moreira
34	Gutierrez
35	Curcino Silva
36	José Coutinho de Oliveira
37	Luiz Antonio da Costa Carvalho
38	Graça Lima
39	Alves de Lima
40	Antonio Lobo
41	Manoel V. Ferreira Itajubá
42	Antonio Bezerra
43	Theodoro Braga
44	Alvaro Caribé
45	Ramon del Valle
46	Ernesto Cruz
47	Paula Barros

48	Rudyard Kipling
49	José de Alencar
50	Corrêa Pinto Filho
51	Costa Palmeira
52	Levi Carneiro
53	Francisco Villaespesa
54	Countee Cullen
55	Balzac
56	Euclides da Cunha
57	Curt Nimuendaju
58	Ilya Ehrembourg
59	Emilio Lussu
60	Norbert Binella
61	Haroldo Maranhão
62	Graciliano Ramos
63	Gilberto Amado
64	Goethe
65	Belchior Maia D'Athayde
66	Mario de Andrade
67	Osvaldo Cardone
68	Vargas Neto
69	Machado de Assis
70	Raul Braga
71	Alonso Rocha
72	Alci Araújo
73	Queiroz Albuquerque
74	Franz Toussaint
75	Antonio Olinto
76	Felipe De Lucca
77	Benedito Valadares
78	Juscelino Kubitschek
79	Olavo Bilac
80	Jarbas Passarinho
81	Carlos Drumond de Andrade
82	Chin Ching
83	Kuo Mo_jo
84	João de Jesus Paes Loureiro
85	Antonio Tavernard
86	Charles Cordier
87	João de Deus dos Santos
88	Carlos Lacerda
89	Vinícius de Moraes
90	Simone de Beauvoir
91	Marie Noel
92	Marguerite Yourcenar
93	Miguel de Cervantes
94	Gilberto Freire
95	Agatha Christie
96	Chico Xavier
97	Rodrigues Pinagé
98	Mário Faustino
99	Ribamar Soares
100	Maria Brigido

101	João Calmon
102	Paulo Altmann
103	Henry Thomas e Dana Lee Thomas
104	Maria Luiza Cordeiro
105	Ivan Pedro Martins
106	Camilo Castelo Branco
107	Luiz Guimarães Filho
108	Queiroz Ribeiro
109	Augusto Sousa
110	Malheiro Dias
111	Gebhardt
112	Adolfo Gomez
113	Nancy Maria Corrêa
114	Santos Maurício
115	Georgenor Franco
116	Ápio Campos
117	Wladimir Emmanuel
118	Levi Hall de Moura
119	Guilherme Figueiredo
120	Paulo Mendes Campos
121	Theodoro de Banville
122	Schwartz-Abrys
123	Adauto Rocha
124	Maurício de Medeiros
125	Tennyson
126	Arnold Bennett
127	Gerson Peres
128	John Moore
129	Victor Nekrasov
130	Arvers
131	Antonio César Drumond Amorim
132	Cleto de Moura
133	Joaquim Manuel de Macedo
134	Peter Benchley
135	Monteiro Lobato
136	Horácio Calderon
137	Érico Veríssimo
138	Maria Gripe
139	Raul Bopp
140	George Sand
141	Agenor de Oliveira Freitas
142	Correa Pinto
143	Eduardo Frei
144	Octávio Meira
145	Dionísio João Hage
146	John Womack
147	Orígenes Lessa
148	Saul Bellow
149	William Gaddis
150	Thomas Pynchon
151	Guimarães Rosa
152	James Joyce
153	Hedrick Smith

154	Bob Woodward
155	Lillian Hellman
156	José Américo
157	Benedicto Monteiro
158	Fernando Sabino
159	Leon de Greiff
160	Ibrahim Sued
161	Vitoria Mesquita Benevides
162	Lydia Mez-Mangold
163	La Fontaine
164	Martins Fontes
165	Vianna Moog
166	Camilo Viana
167	Amora Maciel
168	Francisco Montenegro
169	Nertan Macedo
170	José e Alexandre Farah
171	Plínio Marcos
172	Dalton Trevisan
173	Jorge Amado
174	José Ramos Tinhorão
175	Azor José de Lima
176	José Honório Rodrigues
177	Joseph Newman e Gerald Snyder
178	Dalcídio Jurandir
179	Sterling Brubaker
180	Mário da Silva Brito
181	Fernando Pessoa
182	Benjamin Rayol
183	Jorge Luis Borges
184	E. Jerome Mccarthy
185	Laurence Peter
186	Cléo Bernardo
187	Lídia Besouchet
188	Aquilino Ribeiro
189	Yevgeny Yevtushenko
190	Luiz Bernardino Santos
191	Christopher Isherwood
192	Jaroslav Seifert
193	Dom Paulo Evaristo Arns
194	Mário Vargas Llosa
195	Júlio Alberto da Costa de Araújo
196	Alejo Carpentier
197	Aline Figueiredo
198	Augusto Pinochet
199	Pedro Romié
200	Affonso Romano de Sant'Anna
201	Aureliano Chaves
202	Simão Bitar
203	Antônio Carlos Otoni Soares
204	Vicente Salles
205	Antonio Callado
206	Mário Quintana

207	Adherbal Meira Matos
208	Marcel Proust
209	Gabriel García Marquez
210	Sir Laurence Olivier
211	Luiz Antonio de Oliveira Ramos
212	Antônio Machado
213	Miguel Hernandez
214	Fiódor Dostoiévsk
215	H. Charrière
216	José Sarney
217	Clarice Lispector
218	Máximo Górkí
219	Nazareno Santos
220	Marcos Almir Madeira
221	Fernando Tasso
222	Lindanor Celina
223	Ophir Cavalcante
224	Abgar Renault
225	Sílvio Meira
226	Autran Dourado
227	Anne Rice
228	Vassilis Vassilikos
229	Ciro Gomes
230	Paul Rabinow e Huber Deyfrus
231	Michel Foucault
232	Tabajara Ruas
233	James Miller
234	Paul Verlaine
235	Carmen Conde
236	José Saramago
237	Bernard Henri Lévy e Françoise Giroud
238	Ribamar Fonseca
239	Claude Gluber
240	Edyr Proença
241	Nelly Cecília
242	Nicholas Evans
243	Almir de Lima Pereira
244	Barnabé Tierno
245	Evelyn Silten Bassof
246	Clodoaldo Cardoso
247	Wilson Martins
248	Chico Buarque
249	Jô Soares
250	Paulo Coelho
251	Geraldo Mártires Coelho
252	Pietro Bardi
253	Miguel Pinto da Silva
254	Carlos Costa
255	Carlos Drummond de Andrade
256	Ronaldo Barata
257	Luiz Maklouf Carvalho
258	Parsifal Pontes
259	Max Martins

260	Ray Cunha
261	Ronaldo Pimentel
262	Josephine Hart
263	Mary Higgins
264	Seth J. Margolis
265	J. J. Benítez
266	Caio Fernando Abreu
267	Eliana Barriga
268	Elizabeth George
269	Jane Smiley
270	Pamela Hill
271	Jean Plaidy
272	Adriane Galisteu
273	Raquel de Queiroz
274	Marcelo Rubens Paiva
275	Franz Kafka
276	Ernest Hemingway
277	Mônica Buonfligio
278	Sidney Sheldon
279	Alfredo Garcia
280	Jean Paul Sartre
281	Lynn V. Andrews
282	Robert Lundlum
283	Tom Robbins
284	Baltazar Gracián
285	Robert Fulghum
286	Marcos Ribeiro
287	Mário de Andrade
288	Antônio Juraci Siqueira
289	Dante Alighieri
290	T. S. Eliot
291	Arnaut Daniel
292	Rufino Almeida
293	Carlos Heitor Cony
294	Maria Mariana
295	Carlos Nascimento Silva
296	Moacir Scliar
297	Carmen de Oliveira
298	Fernando Morais
299	Lilly Marcou
300	Audrey Salked
301	Ivana Bentes
302	Gerard Nerval
303	Darcy Ribeiro
304	Tomás Eloy Martinez
305	Justina Bastos C. de Oliveira
306	Charles Zimmermann
307	Saulo Pereira de Mello
308	Edward Buscombe
309	Maria Helena Pinto
310	Rose Calza
311	Márcio Borges
312	Assaad Zaidan

313	Roberto Carvalho
314	Lester Bangs
315	Greil Marcus
316	Louis-Ferdinand Céline
317	Robert Musil
318	Artaud
319	Zeno Veloso
320	Eládio Lobato
321	Laury Garcia
322	Milton Hatoum e Benedito Nunes
323	R. F. Lucchetti
324	Inocência Machado Coelho
325	Ronaldo Franco e José Maria Villar
326	J. K. Rowling
327	Bruna Surfistinha
328	Gabriel Chalita
329	Edna Heloísa Dias de Souza
330	Sílvia e Auda Piani
331	Fernando Barrozo do Amaral
332	José Maria Leal Paes
333	Toni Brandão
334	Erik Larson
335	Miyamoto Musashi
336	Gurdjeff
337	Wilson Bueno
338	Lúcio Cardoso
339	Adonias Filho
340	Umberto Eco
341	César Aira
342	Joseph Conrad
343	Raduan Nassar
344	Yordan Raditchkov
345	Edgar Allan Poe
346	George Simenon
347	Dashiell Hammett
348	Lezama Lima
349	Paulo Lins
350	Thomas Mann
351	Georg Lukács
352	Adolf Hitler
353	Paulo Leminski
354	Haroldo de Campos
355	Aluísio Azevedo
356	Roberto Drummond
357	Lawrence Block
358	Tony Perrottet
359	Toninho Vaz
360	Marcos Quinan
361	Marinilce Coelho
362	Dan Brown
363	Bart D. Ehrman
364	Lima Barreto
365	Lúcia Borges

366	Manuel Montalbán
367	Homero
368	Patativa do Assaré
369	Sérgio Guerra
370	Richard E. Rubenstein
371	Cadão Volpato
372	Cláudia Tajés
373	Daniela Abade
374	Alexandre Vidal Porto
375	Luiz Schwarcz
376	Alejandro Jodorowsky
377	Ali Smith
378	Edmund White
379	Toni Morrison
380	Ruth Lanna
381	Tariq Ali
382	Lilian Ross
383	Ricardo Piglia
384	David Toscana
385	Jane Fonda
386	Carolina Chagas
387	Pedro Maciel
388	Virginia Woolf
389	Louis-Jean Calvet
390	Paul Valéry
391	Walt Whitman
392	Hans Endersen
393	Ana Maria Bahiana
394	Edward Dolnick
395	Ernani Chaves
396	Inglês de Souza
397	Nelson de Oliveira
398	Léa Cabral
399	Juan Rulfo
400	Reginaldo Prandi
401	Ana Ferreira
402	Sylvana Sympson
403	Gisela Rao
404	Bertolt Brecht
405	Santiago Gamboa
406	Chico Homem de Melo
407	Alice Munro
408	José Almir Pereira e Jaqueline Soares
409	Rui Rothe-Neves
410	Kurt Bartsch
411	Volker Braun
412	Hans-Curt Flemming
413	Helmut Heissenbunel
414	Reiner Kunne
415	Murilo Rubião
416	Nelson Pereira dos Santos
417	Nélida Piñon
418	Márcia Tiburi

419	Benedito Monteiro
420	Heloísa Prieto
421	Nilson Oliveira
422	João Bosco Maia Silva
423	Dand M.
424	Guaracy Britto Jr.
425	Sedaris
426	Ana Maria Machado
427	Bernardo Guimarães
428	Diogo Mainardi
429	Luiz Otávio Barata
430	Jorge Mautner
431	Henri Pierre Roché
432	Lidia Aratangy e Leonardo Pastenark
433	Ariano Suassuna
434	Luís Fernando Veríssimo
435	Millôr Fernandes
436	D. João de Castro
437	Jonathan Swift
438	Silva Gaio
439	Olivio Rayol
440	Penna e Costa
441	Angelino Lima
442	Manuel Gonçalves Castro
443	Basílio Chrispim de Carvalho
444	Arthur Conan Doyle
445	Joel de Moraes e Cavalcante Lima
446	Manuel Saraiva
447	Aldo Guajará
448	Firmo Antonio
449	José Veríssimo
450	Ronald de Carvalho
451	Tristão de Athayde
452	Ramayana de Chevalier
453	Antonio Torres
454	Pericles Moraes
455	João Grave
456	Berillo Neves
457	Monsenhor Ronald Knox
458	Monsenhor Waugh
459	Aloisio Soares
460	Bruno de Menezes
461	Osvaldo Orico
462	Alfredo Margarido
463	Carlos Eurico da Costa
464	João Rodrigues Viana
465	Belchior de Ataíde
466	Jacques Flores
467	Jurandir Bezerra
468	Cândido Marinho Rocha
469	Feliciano Seixas
470	Silveira Neto
471	Ferreira de Castro

472	Manuel Bandeira
473	Alvaro da Cunha
474	Cecil Meira
475	Jean Gu�henno
476	Henriette Charasson
477	Frederico Rhossard
478	Frederick Katkins
479	Tommaso Campanella
480	Cláudio Manuel da Costa
481	Albert Einstein
482	Tomás Antonio Gonzaga
483	Matherine Anne Porter
484	Janet Flanner
485	Arthur M. Schlesinger
486	Alaudio de Oliveira Melo
487	Olavo Nunes
488	Remigio José Gonzalez y Fernandez
489	Orlando Lima
490	Andrei Siniavsky
491	Yuli Daniel
492	Manuel Barata

AH. PAÍS DE PROCEDÊNCIA DO ESCRITOR

1	Não identificado
2	Brasil
3	França
4	Portugal
5	Espanha
6	Chile
7	Estados Unidos
8	Itália
9	Inglaterra
10	Roumenia
11	Rússia
12	Alemanha
13	Argentina
14	China
15	Bélgica
16	Colômbia
17	Suécia
18	Irlanda
19	Su�a
20	Canadá
21	República Tcheca
22	Peru
23	Cuba
24	Grécia
25	Áustria
26	Japão
27	Bulgária
28	Hungria
29	Escócia
30	Paquistão

31	México
32	Dinamarca